

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Mestrado em Estudos Comparatistas



**Blogue: a literatura
multifacetada e multimedial**

Miguel Fernandes Ceia

Mestrado em Estudos Comparatistas

2008

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Mestrado em Estudos Comparatistas



**Blogue: a literatura
multifacetada e multimedial**

Miguel Fernandes Ceia

Orientador: Professor Doutor Manuel Frias Martins

Mestrado em Estudos Comparatistas

2008

Agradecimentos

Cada pessoa sabe as razões – académicas, pessoais e ambas – pelas quais eu lhe estou profundamente agradecido. Por isso, não existem motivos para as enumerar sem outra ordem que não a alfabética:

Manuel Frias Martins

David Brake, Elisabete Marques, João Ferreira Duarte, José Afonso Furtado, Manuel Frias Martins, Manuela Ribeiro Sanches, Maria Ceia, Nuno Seabra Lopes, Raquel Mouta, Susana Soares, Willard McCarty

Ana, Cândida, Henrique, Maria, Maria, Mário, Susana

I shall only be too glad to explain to you all that may seem anomalous or mysterious to a stranger; especially at a time like this, when our doings are sure to be canvassed by every scribbler who can hold a pen.

Elizabeth Gaskell

Whenever our loftiest insights inadvertently reach the ears of people who are not constituted or destined to hear them, they must – and should! – sound foolish, or in some circumstances even criminal.

Friedrich Nietzsche

La clave no es trasladar libros a pantallas electrónicas. No es eso. No. El problema es que el hábito de la lectura se ha esfumado. Como si para leer necesitáramos una antena y la hubieran cortado. No llega la señal. La concentración, la soledad, la imaginación que requiere el hábito de la lectura. Hemos perdido la guerra. En veinte años, la lectura será un culto.

Philip Roth

Índice

| | |
|--|-----|
| Resumo/Abstract | 6 |
| Introdução | 8 |
| Capítulo I – Do Blogue | 18 |
| 1. Entre o livro e o blogue | 24 |
| 2. O blogue, as metáfora orientacionais e as cores | 31 |
| 3. O que é o autor de um blogue? E um produtor? | 39 |
| 4. O blogue e os testemunhos | 41 |
| Capítulo II – Da literatura | 50 |
| 1. A abordagem polissistémica do blogue | 51 |
| 2. O centro do sistema e o cânone | 56 |
| 3. O sistema literário configurado na teoria dos polissistemas | 61 |
| 4. A multimedialidade da literatura ao longo da história | 72 |
| 5. Da literatura: a não definição | 75 |
| 6. A literatura do novo milénio: Italo Calvino revisitado | 80 |
| Capítulo III – Da Remediação | 90 |
| 1. Os media , os sentidos e o corpo | 91 |
| 2. A remediação | 98 |
| 3. O texto e a imagem | 102 |
| 4. A opacidade da mediação | 103 |
| 5. Entre o blogue e o livro | 110 |
| Conclusão | 114 |
| Bibliografia | 122 |
| Anexo | |

Resumo

Dentro da plataforma da internet, o blogue tem vindo a crescer como um novo **medium** nos últimos quinze anos. Apesar de, inicialmente, não ser considerado um **medium** literário, a popularidade adquirida em anos recentes, juntamente com a crescente produção com origem no consumidor, tornou o blogue num dos **media** mais criativos de sempre. Partindo da Teoria dos Polissistemas proposta por Itamar Even-Zohar, e tendo por **corpus** de análise o material de um ano do blogue *Baghdad Burning*, equacionamos nesta dissertação a possibilidade de o blogue ser um (novo) **medium** literário. Para tal, colocamos o conceito de literatura no quadro de uma dialéctica, que julgamos também subjacente à construção do cânone, entre o desejo de reconhecimento do produtor e a validação comunitária necessária.

Os **media** existem em relação uns com os outros num universo polissistémico. Os **media** são incapazes de ter significado cultural sem outros **media**, uma vez que o espaço em que operam nunca é um espaço puro. O modo como os **media** melhoram e representam outros **media** é chamado *remediação*. Nesta dissertação exploramos o modo como o blogue remedeia o livro, bem como o modo como o livro remedeia o blogue, na convicção de que a remediação funciona em ambos os sentidos, e por isso o **medium** sucessor remedeia e é remediado pelo **medium** precursor.

Palavras-chave: blogue, literatura, livro, **media**, **medium**, multimedialidade, remediação, sistema.

Abstract

For the past fifteen years, the blog has been growing as a new medium within the internet. Although it was not regarded as a literary medium in the beginning, the popularity it achieved in recent years, along with the overwhelming user-generated content, made it one of the most creative media of all times. Having Itamar Even-Zohar's Polysystem Theory as our starting point, and taking one year of the blog *Baghdad Burning* as our corpus, we consider the possibility of the blog being a (new) literary medium. We see the concept of literature in a dialectical relation, and in terms that can also be applied to the construction of the canon, between the desire of recognition of the producer and the-validation of the community.

Media exist in relation with each other in a polysystemic universe. Media are unable to find their cultural significance without other media, for there is not an ideal pure space in which they operate. The way media improve and depict other media is called *remediation*. In this dissertation we explore the way the blog remediates the book and the book remediates the blog, for remediation works both ways, and therefore the successor media remediates and is remediated by its predecessor.

Keywords: blog, book, literature, media, medium, multimediality, remediation, system.

Introdução

Quando, há alguns anos atrás, comecei a estudar filosofia, ainda no ensino secundário, numa aula dedicada aos processos dedutivos e indutivos foi dado o seguinte exemplo: todos os corvos que vi são negros, logo, todos os os corvos são negros. Este exemplo de um processo indutivo, mostra-nos como passamos de uma amostra limitada – todos os corvos que eu vi – para uma generalização – todos os corvos. Com esta indução não provamos absolutamente nada, uma vez que a metonímia “todos os corvos” por “todos os corvos que eu vi” faz-nos tornar àquilo que tinha que ser provado, que todos os corvos são negros. Bastaria, portanto, encontrar um corvo que não fosse negro para que este raciocínio indutivo estivesse incorrecto.

Quando iniciámos este trabalho afirmaram-nos peremptoriamente que o blogue não era literatura. Recordando o exemplo dos corvos negros, bastava-nos encontrar um blogue, um único blogue que nos permitisse demonstrar que era literatura e poderíamos então afirmar que o blogue podia ser literatura – porque não pretendemos mostrar que o blogue é literatura, mas sim que o blogue *pode ser* literatura – do mesmo modo que o livro pode ser, ou não, literatura. Não é o **medium** que transforma um conteúdo em literário ou não.

Afirmar que o blogue é ou pode ser ser literatura, tal como afirmar que o livro é ou pode ser literatura, é uma metonímia. A metonímia tem uma função referencial (Lakoff e Johnson, 1980: 36), e é empregue sempre que utilizamos uma entidade para

nos referirmos a outra entidade directamente relacionada com a primeira (Lakoff, Johnson 1980: 35). Por exemplo, quando afirmamos que o blogue é literatura, estamos a utilizar o termo “blogue” por “o conteúdo do blogue”, do mesmo modo que quando afirmamos que o livro é literatura, estamos a utilizar o termo “livro” por “o conteúdo do livro”. Esta forma de metonímia influencia as nossas acções e os nossos pensamentos (Lakoff, Johnson 1980: 39), o que nos leva a proferir afirmações como as que utilizámos anteriormente como exemplo. O blogue, tal como o livro, é apenas um **medium**, e embora um **medium** influencie o seu conteúdo, isso não é razão para que se afirme que o conteúdo do **medium** blogue não é literatura.

Em Outubro de 2006 havia de 57 milhões de blogues, dos quais 55% estavam activos, ou seja, cerca de 32 milhões de blogues tinham sido actualizados nos últimos 3 meses (Sifry, 2006). A tendência é para que este número continue a aumentar, embora o seu crescimento esteja a abrandar (Sifry, 2006). António Figueiredo afirma ainda que a produção e a popularidade do blogue é de tal modo avassaladora que se tornou no “fenómeno mais revolucionário da produção literária dos nossos dias” (Figueiredo, 2005: 155). Embora consideremos que, neste ponto do nosso trabalho seja ainda cedo para falar de “fenómeno literário”, estes valores indicam-nos a magnitude da produção.

O livro era já um **medium** multimedial, porque suportava texto e imagem. Contudo o blogue foi ainda mais longe na multimedialidade, suportando texto, imagem, áudio e vídeo. Aquilo que nos interessa estudar neste trabalho é a manifestação textual literária do blogue, embora reconhecendo, é claro, a crescente substituição do texto pela imagem (Bolter, 2001: 47).

Uma das razões pelas quais o blogue se tornou um fenómeno avassalador da produção escrita é a sua facilidade de criação. O nível de conhecimentos necessários para se criar um blogue e aceder ao seu simples sistema editorial é muito pequeno

(Querido e Ene, 2003: 15). Isto contrasta com toda a complexidade do processo de produção do livro. Conforme afirmam Paulo Querido e Luís Ene:

Não é arriscado dizer que hoje a maioria dos milhares de bloggers (...) não faz a mínima ideia sobre o incrível potencial do sistema editorial a que acede gratuitamente e usa com facilidade espantosa (Querido e Ene, 2003: 15).

Referimos a facilidade editorial do blogue na medida que é esta que permite que qualquer um aceda e produza, logo, publique. Junta-se, simplificadamente e nas mãos de um só sujeito, todo o processo editorial.

Conforme refere Marshall McLuhan, qualquer mudança que se opera traz consigo uma sensação de insegurança, uma vez que aquilo que era tido como certo ou como seguro é agora questionado (McLuhan, 1988: 8-9). O livro foi, durante os últimos 500 anos, o **medium** privilegiado e mesmo, em certa medida, o único **medium** literário. O blogue enquanto **medium** de produção escrita vem questionar a posição do livro, operando mudanças a diversos níveis. A tensão que se desenvolve entre estes dois **media** – blogue e livro – é mais desconfortável para quem sempre trabalhou com o livro e agora o vê a ser questionado, conforme afirma Arjen Mulder:

New media undermine old media in precisely the abilities that had been regarded as essential to them, this is why the introduction of a new medium is such a traumatic experience for loyal users and believers in the old medium: their high Art is suddenly automated and trivialized (Mulder 2004: 62).

Esta afirmação de Arjen Mulder traz luz sobre algumas das tensões existentes entre o blogue e o livro, uma vez que o blogue consegue imitar e representar o livro na sua essência textual e imagética e, ao mesmo tempo, incluir áudio e vídeo, algo que não é possível no **medium** livro.

O universo dos blogues – muitas vezes referenciado como *blogosfera* – é apenas o reflexo de um universo social mais vasto, na medida em que a sua organização espelha o modo como organizamos e apreendemos o mundo. Giuseppe Granieri desenvolve esta ideia do seguinte modo:

Como a blogosfera é uma comunidade cognitiva, tende a adoptar as mesmas regras em que o mundo académico se rege desde há muitos anos, embora, evidentemente, com uma participação muito mais vasta e isenta de barreiras (...). O caminho mais simples para nos sentirmos criativos é encontrar um público mais ignorante do que nós. Trata-se de um fenómeno familiar no mundo académico (Granieri 2006: 59, 60).

O blogue, tal como o livro e todos os outros **media** sociais, reflecte a sociedade dentro da qual foi concebido.

Quando se referiam à definição de blogue, Paulo Querido e Luís Ene afirmaram que era uma tarefa inglória definir um sistema que evoluía diariamente (Querido e Ene 2003: 17). Esta visão vai, aliás, ao encontro da ética taoísta que considera que uma definição é sempre uma limitação, pois aquilo que é fixo e não muda exprime uma paragem de crescimento (Okakura, 1998: 32). Isto significa que uma hipotética definição de blogue seria sempre a fixação de algo que está em constante mutação. Tal não impede, contudo, uma construção teórica, pois como afirma Manuel Frias Martins, “a teoria pode ser usada como alternativa dinâmica da definição” (Martins, 2003: 112).

Do mesmo modo que o **medium** blogue se altera diariamente e não pode ser definido positivamente, também a literatura existe como uma função mutável. Aquilo a que chamamos literatura nem sempre foi o mesmo ao longo dos séculos (Martins, 2003: 92). A literatura, tal como a língua e a linguagem, muda porque permanece. E muitas vezes essa mudança é motivada por alterações no **medium** mais prestigiado.

É para nós bastante claro que um dia o blogue há-de ser substituído por um **medium** mais eficaz, e que conseguirá apelar a mais sentidos em simultâneo. É também provável que esse **medium** exista já e que nós estejamos tão empenhados em teorizar o blogue na sua relação dialéctica com o livro, que ignoremos a sua existência e inevitabilidade – do mesmo modo que a existência e inevitabilidade do blogue enquanto **medium** literário foram totalmente ignoradas. Seja como for, o blogue é, hoje em dia, um **medium** literário emergente que há-de fazer parte da história dos **media** literários, tal como o livro.

Em certo momento, o blogue foi visto como uma alternativa ao noticiário nos **media** instituídos que seguiam uma linha editorial. Esta alternativa apresentaria uma visão mais real, menos mediada por políticas editoriais, daquilo que se passava no mundo, e irá constituir o tópico central do nosso **corpus** de análise. Parece-nos um pouco ingénuo, no entanto, pensar que o blogue funciona como uma alternativa fidedigna, mesmo quando produzido por pessoas bem informadas. Embora pese o facto de não seguirem as políticas editoriais dos **media** instituídos, tal não significa que a informação contida nos blogues deixe de ser mediada ou mesmo filtrada. O que acontece é que o **medium** que transmite essa informação pode ser mais ou menos transparente. Conforme afirmam Jay Bolter David e Richard Grusin, “our culture wants both to be multiply its media and to erase all traces of mediation (...) it wants to erase its media in the very act of multiplying them” (Bolter e Grusin 2000: 5).

A escolha de um **corpus** de análise para um trabalho desta natureza implica sempre decisões que influenciam decisivamente o seguimento do trabalho que nos propomos a fazer. Dos milhões de blogues que existem disponíveis, a nossa escolha

recaiu sobre o blogue *Baghdad Burning*. A escolha deste blogue é naturalmente política – como, aliás, todas as nossas escolhas –, uma vez que o blogue trata da visão de uma habitante de Bagdade que relata a vida na cidade depois da invasão das tropas norte-americanas e inglesas a 9 de Abril de 2003. O facto de o blogue ser produzido por uma iraquiana foi também decisivo na nossa escolha, uma vez que representa uma das possibilidades da internet e do blogue: a possibilidade de ter acesso a outras culturas que se encontram espacialmente afastadas. Naturalmente, há um denominador comum que nos permite compreender a produtora: a língua inglesa em que o blogue é escrito.

O blogue *Baghdad Burning* teve a primeira publicação em 17 de Agosto de 2003, apresentando-se a produtora como mulher iraquiana de 24 anos. A mais recente data de 22 de Outubro de 2007. Embora estejamos a utilizar o blogue *Baghdad Burning* como **corpus** principal, não deixamos de fazer referência a outros blogues quando a ocasião o justifica.

Na altura em que demos início a este trabalho a produtora ainda publicava conteúdos, razão pela qual nos decidimos por fixar o **corpus**, ou seja, escolher um espaço de tempo fixo a partir do qual faríamos a nossa análise. Escolhemos então o último ano completo que a produtora tinha registado, o ano de 2006. Escolhemos um ano completo porque, à semelhança dos relatos etnográficos, nos daria uma visão do ciclo das estações, dos diferentes ritmos da vida, e ainda porque nos fornecia material para uma análise alongada. No anexo deste trabalho encontra-se uma versão do nosso **corpus**, limitada pela impressão, que não inclui os **links** que estabelecia. O blogue *Baghdad Burning*, na plataforma digital, está organizado de forma cronológica invertida, mas por questões de legibilidade e narrativa optámos por reorganizá-lo cronologicamente.

O blogue *Baghdad Burning* apresenta-se com os **links** do lado direito. Os **links** estão divididos em seis listas, separadas por uma linha de intervalo. A primeira lista de **links** estabelece ligações com agências noticiosas: *BBC | Homepage, The New York Times – Breaking News, World News & Multimedia, Home | AlterNet, Al Jazeera English – Front Page, Slashdot: News for nerds, stuff that matters, :: The Independent Voice of Iraq :: IRAQ TODAY ::*.

A segunda lista de **links** estabelece ligações a centros de controlo da guerra do Iraque, a um centro de ajuda, blogues sobre a guerra – visões pessoais e contingentes, tais como a da produtora do blogue *Baghdad Burning*: *occupationwatch.org, Iraq Body Count, IACenter.org, Back to Iraq, Where is Raed?, ...turningtables..., Raed in the Middle*.

A terceira lista é composta por apenas um **link** que liga a um blogue de notícias sobre o Iraque: *Today in Iraq*.

A quarta lista de **links** estabelece ligações a um blogue e duas agências noticiosas: *MediaChannel.org, Informed Comment, Guerrilla News Network*.

A quinta lista de **links** liga a uma página que parodia as notícias actuais e a uma página de banda desenhada e desenhos animados: *The Onion – America's Finest News Source, Dilbert.com – The Official Dilbert Website with Scott Adam's color strips, Dilbert animations, mashups and more!*.

A sexta e última lista de **links** estabelece uma ligação a uma página sobre música iraquiana e a um blogue, da mesma produtora de *Baghdad Burning*, sobre culinária: *Welcome to Chalghi @ Iraqimusic.com, Is Something Burning?*.

Importa referir que foi necessário recorrer à página *Internet Archive: Wayback Machine* para aceder ao **link** :: *The Independent Voice of Iraq :: IRAQ TODAY ::* uma vez que este já não se encontrava disponível. *Internet Archive: Wayback Machine* é uma

página da internet que arquiva páginas que já não se encontram disponíveis, permitindo o seu acesso.

Embora estabeleça relações com aquelas páginas da internet e blogues que acabámos de enumerar, o nosso **corpus** de análise contém apenas nove **links** no corpo de texto em cinco publicações diferentes. O blogue *Baghdad Burning* não tem disponível uma caixa de comentários, embora a produtora refira, em certo momento, que pretendia abrir o blogue a comentários: “I’m probably going to have a ‘comments’ box starting tomorrow... so everyone can see everyone else’s comments” (Riverbend, 22.08.2003)¹. Apesar desta referência, a caixa de comentários nunca foi disponibilizada.

Este trabalho está organizado em três capítulos diferentes. Embora estejam todos interrelacionados, é possível lê-los independentemente. Cada um deles trata de um aspecto particular do blogue.

No primeiro capítulo iremos discutir o conceito de blogue e toda a problemática envolvida, estabelecendo relações com os seus precursores analógicos e digitais – livro, páginas pessoais e **fora** de discussão, respectivamente. Iremos também, através das metáforas orientacionais desenvolvidas por George Lakoff e Mark Johnson, explorar o modo como a organização do blogue influencia a sua leitura.

O segundo capítulo é dedicado à exploração do conceito de literatura. Utilizando a teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar, e propondo um sistema literário, discutimos o conceito de literatura como algo inclusivo, aplicado a várias manifestções, designadamente o blogue.

No terceiro e último capítulo iremos relacionar as novas possibilidades do blogue enquanto **medium** literário. Discutiremos também o modo como o **medium**

¹ *Baghdad Burning*, URL:

http://riverbendblog.blogspot.com/2003_08_01_riverbendblog_archive.html#106157920198113238#106157920198113238.
consultado em 08.01.2008.

utilizado influencia a mensagem e ainda o modo como os **media** em geral influenciam a nossa estrutura e desenvolvimento cognitivo.

Capítulo I

Do Blogue

Ao iniciarmos o nosso estudo deparámo-nos, tal como muitos autores que escrevem sobre o blogue, com a necessidade de determinar aquilo que era um blogue. Mas haveria mesmo essa necessidade? De início não nos pareceu que houvesse, pois acreditávamos que as pessoas soubessem o que é um blogue. Contudo, quaisquer que fossem os documentos aos quais tínhamos acesso, todos, de uma forma ou de outra, mais cedo ou mais tarde, discutiam o conceito de blogue.

A necessidade de determinar aquilo que é um blogue deriva do facto de as pessoas não saberem o que é exactamente um blogue. De acordo com um estudo da Edelman/Intelliseek, apenas 38% dos utilizadores da internet sabe o que é um blogue, os restantes 62% não têm a certeza, confundindo-os com as páginas pessoais ou **fora** de discussão (Edelman/Intelliseek, 2005: 6-7). O blogue representa outro passo na evolução das tecnologias de informação. Em 2003, Paulo Querido e Luís Ene chamaram-lhe o “expoente máximo” da evolução das tecnologias de informação (Querido e Ene, 2003: 13). Consideramos que esta afirmação é um pouco excessiva, mesmo no momento em que foi elaborada, e agora mais ainda porque entre 2003 e 2007 muito mudou no blogue, não só na sua natureza, mas também na relação que estabelecemos com ele. No momento em que faziam esta afirmação, Paulo Querido e Luís Ene colocavam o blogue em relação com os seus precursores, as páginas pessoais e os **fora**, respectivamente. Conforme afirmam:

É corrente confundir *weblogs* com páginas pessoais e a actual febre de “blogar” com a histórica moda de ter uma *homepage*. Consequentemente, muitos autores concluem que os *weblogs* depressa passarão à História, substituídos pela próxima moda. (...) Mas o paralelismo é errado: o antepassado em linha directa do *weblog* é o fórum. Foi com o fórum que se alcançou o patamar que marca a entrada na era da comunicação pessoal: a facilidade de publicar um texto num *website* (id: 14).

Desta confusão com os seus precursores resulta que, em 2005, apenas 38% dos utilizadores da internet soubessem o que era um blogue, conforme já referimos (Edelman/Intelliseek, 2005: 6-7).

Paulo Querido e Luís Ene aproximam-se do conceito de blogue através da palavra inglesa, da qual o nome português derivou:

Blog é uma abreviatura das palavras inglesas *web* (rede) e *log* (diário de bordo onde os navegadores registavam os eventos das viagens, principalmente ligados ao clima), ou seja, *weblog*, onde *web* representa a World Wide Web e *log* os registos escritos (ou noutros formatos mais modernos). O termo tem vindo a ser aportuguesado para “blogue”. Um *blog* é um conjunto de páginas na *Web* assentes num sistema editorial extremamente simples, que permite a uma pessoa sem conhecimentos alguns de informática manter e actualizar um registo de conteúdos (textos, fotos, multimédia) numa base periódica (Querido e Ene, 2003: 9-10).

Parece-nos, no entanto, que esta definição assenta muito na etimologia da palavra, mais do que numa aproximação do objecto de estudo em si. Mas anteriormente, os mesmos Paulo Querido e Luís Ene tinham já desenvolvido o que poderia ser um blogue:

O *blog* pode ser considerado um diário em formato electrónico que qualquer um pode criar na internet. Tal como qualquer outro diário, nem tem obrigatoriamente de ser actualizado todos os dias, nem a cada dia corresponde única entrada, *post* ou texto. Partindo daqui, um *blog* tem geralmente outra característica que o distingue das “antigas” páginas pessoais em geral: a interactividade sob a forma de comentários dos leitores (...) ficando tais opiniões agregadas à entrada a que respeitam. A maioria dos *blogs* tem interactividade – que é aliás um dos atractivos do ponto de vista do leitor (id: 9).

No que diz respeito a definições desta natureza, Derrick de Kerkhove afirma no prefácio da obra *Geração Blogue*:

Muitos têm propensão para deles [blogues] nos fornecerem definições ingénuas e simplistas, afirmando por exemplo que um blogue não é senão um sitio cujo autor constrói sozinho, ou muito simplesmente um diário íntimo *online* (Prefácio a Granieri, 2005: 11).

Tal como a Derrick de Kerkhove, também a nós não nos satisfazem definições dessa natureza, uma vez que um blogue é muito mais complexo que um diário com a possibilidade de comentários dos leitores e **links** para outros blogues.

Para Paulo Querido e Luís Ene, é a interactividade que distingue o blogue, não só das páginas pessoais, mas dos seus percursos directos, os **fora**. No entanto, os **fora** também tinham essa mesma característica, isto é a possibilidade de comentários às publicações individuais de cada pessoa. E estavam também organizados cronologicamente. Ou seja, a definição que apresentam para um blogue podia igualmente ser aplicada ao **fórum**. A problemática desta definição surge também quando, no blogue, não encontramos a interactividade que Paulo Querido e Luís Ene postulam, algo que acontece em muitas ocasiões.

Mesmo as características que definem um blogue, de acordo com Paulo Querido e Luís Ene – autoria pessoal, registo cronológico publicado na internet e acesso por parte de qualquer pessoa (Querido, Ene, 2003: 13) – são semelhantes às de muitos **fora**. Porque mesmo sendo um **fórum** um lugar de discussão subordinado a um tópico, cada opinião está ligada à pessoa que a produz.

Mas Paulo Querido e Luís Ene apresentam ainda uma outra alternativa, agora de uma perspectiva formal, daquilo que um blogue é:

Do ponto de vista formal um *weblog* é uma página ou site com uma hierarquia de conteúdos de texto, imagens e ficheiros multimédia organizados e apresentados cronologicamente e acessível através de um browser (id: 15).

Parece-nos que, com a excepção dos “ficheiros multimédia”, esta definição não acrescenta muito mais do que aquilo que já tinha sido desenvolvido pelos autores.

Já o estudo da Edelman/Intelliseek determina o blogue do seguinte modo:

A blog is an easily created Web page, made possible by free or inexpensive software (...) that allows a user to create a diary-like Web page in a matter of minutes (Edelman/Intelliseek, 2005: 5).

Nesta definição, aquilo que parece ser mais importante é a facilidade de criação, a rapidez e a ausência de custos que criar um blogue representa. Não obstante, não podemos ignorar que este estudo foi feito num contexto comercial, razão pela qual se dá mais ênfase a estas características.

Susan C. Herring et al., num estudo realizado sobre a interacção entre os blogues, a que chamam “conversação”, optam por uma definição muito sucinta, à maneira da chamada “lâmina de Ockham”, “Weblogs (blogs) – web based journals in which entries are displayed in reverse chronological sequence” (Herring et al., 2005: 1). Contudo a página online do jornal *Público*², por exemplo, já apresenta os seus conteúdos de forma cronológica invertida e, no momento da criação de um novo blogue, actualmente o serviço *Blogger*³ permite escolher se os conteúdos estão por ordem cronológica invertida ou não.

Uma perspectiva bem mais acertada, parece-nos, é aquela que Giuseppe Granieri adopta quando escreve sobre o blogue. Elimina, desde início, a possibilidade de definir o blogue através do seu conteúdo do seguinte modo:

2 *Público Online* URL: <http://www.publico.clx.pt/>.

3 *Blogger* URL: <https://www.blogger.com/start>.

É impossível definir os blogues através do seu conteúdo (...) porque não existe uma coerência geral [da linha editorial].

Partindo deste ponto de vista, a banal tradução que alguns fazem da palavra inglesa *log* («diário», nas acepções mais ou menos limitativas de «diário de bordo» ou «diário íntimo») só pode ser aceite se for alargada ao sentido mais profundo de «diário intelectual» (Granieiri, 2005: 33).

Giuseppe Granieiri explica as razões pelas quais também não devemos procurar a definição de blogue na sua forma: “os blogues são um formato diferente, novo, que não é possível descrever com base em modelos conhecidos” (id: 33-34). Muitas vezes a explicação de um objecto recente é feita em relação com objectos que nos eram já familiares e embora com tal método, em geral, se obtenham bons resultados nem sempre assim acontece, pois conforme afirma Giuseppe Granieri:

Se bem que a solução mais fácil perante algo que não se conhece seja pespegar-lhe um nome que já faz parte da nossa bagagem conceptual, a coisa nem sempre funciona (id: 34).

Sem fornecer nenhuma definição a partir do conteúdo nem a partir da forma, Giuseppe Granieri encara o blogue da seguinte forma:

Os blogues, no fundo, são o acesso mais simples e natural para todos os materiais destinados à partilha e à publicação (para além do texto, as imagens, o filme e o som). E interagem facilmente com outros instrumentos da nossa vida quotidiana, como os telemóveis e as máquinas fotográficas digitais, por exemplo. Hoje em dia qualquer pessoa pode tirar uma fotografia com o seu telemóvel e em poucos segundos publicá-la no seu blogue, automaticamente.

Graças a este instrumento, e aqui está a novidade, a Rede modifica-se: a difusão dos blogues «*finalmente* ligou» milhões de pessoas, convertendo-a de rede de conteúdos em infra-estrutura de discussão (id: 34-35).

No entanto, esta definição também é problemática em si. Porque muitos das outras páginas a que não chamamos blogue são igualmente destinadas à publicação de conteúdos multimédia. Muitas vezes mediadas por uma linha editorial, é certo, mas não deixam de ser destinadas à publicação de conteúdos, à geração de informação. No que

diz respeito à ligação entre milhões de pessoas, é certo que o blogue funcionou como catalisador, mas entretanto houve já outras páginas, como *Facebook*, *Hi5*, *Myspace*⁴, etc., que também ligaram pessoas, da mesma forma que o blogue. No entanto não se considera que sejam blogues, mais ainda porque dentro dessas páginas há a possibilidade de escrever e actualizar um blogue.

1. Entre o livro e o blogue

Vimos que não era possível definir o blogue através da sua forma e, conforme apontou Giuseppe Granieiri, também não é possível fazê-lo através dos seus conteúdos (Granieiri, 2005: 33). O problema de definir um blogue, devido à variedade de conteúdos e **media** que podem existir dentro de um **medium**, é semelhante à problemática de definir um livro. Embora o livro não possa comportar dentro de si áudio ou vídeo, pode comportar imagens, como por exemplo, *A Lei do Amor*, (Esquivel, 2004: 49-56, 119-126, 139-146, 185-192, 213-220, 239-246) entre muitos outros. Porque não é só na forma e no conteúdo que se definem os objectos, neste caso, livros e blogues.

Para compreendermos como também pode ser difícil determinar o conceito de livro, objecto tão comum no quotidiano de hoje, vamos tentar encontrar esse conceito, estabelecendo depois uma relação com o conceito de blogue. De acordo com *The Encyclopædia Britannica* um livro é:

The common name for any literary production of some bulk, now applied particularly to a printed composition forming a volume, or, if in more than one volume, a single organic

4 *Facebook* URL: <http://www.facebook.com/>, *Hi5* URL: <http://www.hi5.com/>, *Myspace* URL: <http://www.myspace.com/>.

literary work. The word is also used descriptively for the internal divisions or sections of a comprehensive work (*The Encyclopædia Britannica*, 1911: 214).

Ou seja, um livro é qualquer produção literária que, quando impressa e agregada num volume, forme uma obra. Pode também ser entendido como as divisões internas de uma obra mais extensa. Desta forma, parece-nos, um livro tem que ser literário. Artur Anselmo observa também que a história do livro é uma área intimamente ligada à história da literatura (Anselmo, 1997: 21). Numa perspectiva histórica podemos encarar a história do livro e a história da literatura como estando relacionadas entre si. Contudo, com a constante introdução de novos **media** cujo conteúdo pode ser considerado literatura, é forçoso que deixemos de associar automaticamente o livro a literatura e vice-versa. Podemos pensar que as revistas são impressas e agregadas em volumes e, no entanto, ninguém as confunde com um livro. O mesmo se pode aplicar aos livros de actas ou de contabilidade que, não tendo qualquer vestígio de literatura, não deixam de ser tratados como livros.

A definição de livro encontrada em *The Oxford English Dictionary* vai um pouco mais longe:

1. A writing; a written document (...)
2. A (written) narrative or account, record, list, register (...)
3. A written or printed treatise or series of treatises, occupying several sheets of paper or other substance fastened together so as to compose a material whole (...)
 - b. The material article so made up, without regard to the nature of its contents, even though its pages are occupied otherwise than with writing or printing, or are entirely blank (...)
 - c. A literary composition such as would occupy one or more volumes, without regard to the material form or forms in which it actually exists; 'an intellectual composition, in prose or verse, of sufficient extent to make one volume' (*The Oxford English Dictionary*, 1989: 393).

Esta definição já inclui os manuscritos como livros, ou qualquer registo escrito, narrativa ou testemunho. Ou seja, algo que forme um conjunto de folhas de papel que, quando coladas, cosidas ou encadernadas, formem um volume, um documento único. De acordo com esta definição, um caderno escolar manuscrito pode também ser um livro. E o problema que encontrávamos na distinção das revistas, dos livros de actas ou contabilidade, permanece, pois continua a não haver uma característica formal que distinga uns dos outros.

No caso português, conforme nota José Afonso Furtado, legalmente o livro é definido da seguinte forma:

No domínio das estatísticas da edição de publicações, se regem em Portugal pela portaria 23 590, de 6 de Setembro de 1968, e em que o livro é definido como uma “publicação impressa não periódica, com mais de 48 páginas sem contar com as da capa”. Esta definição essencialmente quantitativa segue quase termo a termo a recomendação da UNESCO, é extremamente importante para efeitos estatísticos e biblioteconómicos (Furtado, 1995: 26).

Tal como José Afonso Furtado, reconhecemos também a importância estatística desta definição. Contudo, não deixamos de recordar que os problemas anteriormente mencionados se mantêm.

Apesar de tudo isto, a maioria das pessoas sabe distinguir um livro de uma revista, ou qualquer outra agregação de folhas que forme um volume, devido à noção vulgar de livro que tem, ou de acordo com Abel Barros Baptista, “a noção vulgar de livro, isto é, o livro enquanto objecto, suporte material de escrita, veículo da comunicação e modalidade da conservação do saber” (Baptista, 1995: 7). Ou seja, a noção vulgar de livro é aquela com que trabalhamos no dia a dia, que manipulamos nos textos ou nas aulas (id: 17). Há, não obstante, um largo campo para onde somos encaminhados, pois quando falamos de livros, não ficamos limitados ao objecto em si. Conforme afirma Abel Barros Baptista:

Quando falamos de livro, nos transportamos – somos transportados –, ainda sem o saber, para domínios indelimitados, com locais que se supõe mais ou menos limitados como: escrita, leitura, autor, leitor, comunicação, diálogo, totalidade, transparência, objecto, capítulo, segredo, intenção, mensagem, conservação, permanência (por esta ou por qualquer outra ordem) (id: 16).

É este campo semântico e conceptual, que nos afasta de livros de contabilidade, de livros de actas, de revistas e nos aproxima do livro conforme para ele olhamos e o vulgarizamos, como com ele nos relacionamos. De acordo com Abel Barros Baptista:

A actual noção familiar se forma ao cabo de um processo de substituições, cuja condição de possibilidade é a ideia de uma identidade do livro que se mantém e que a próprio noção familiar incorpora como traço inerente ao objecto livro. Assim, o que assegura a eficácia da noção familiar de livro não será nem o objecto familiar, o livro impresso, nem a que seria a função de sempre de todo o livro, mas a remissão do objecto familiar a uma função de sempre: ou seja, no fundo, a substituição do próprio objecto legitimado pela ideia de que a sua função de sempre é substituir e ser substituído (id: 25).

Como nos parece ser natural, a noção familiar que temos de livro hoje em dia não é algo que sempre existiu, da mesma forma que o livro nem sempre existiu. Mesmo os primeiros livros eram manuscritos e não impressos, algo que só veio a acontecer no final da primeira metade do séc. XV. Logo, a noção familiar de que Abel Barros Baptista fala, não compreende todas as possibilidades:

Considerando a passagem do *volumen* ao *codex*, do livro manuscrito ao livro impresso, é forçoso concluir que a moderna noção vulgar ou familiar de livro se baseia numa forma determinada, o livro enquanto objecto tipográfico (id: 17-18).

Um vez estabelecida a noção familiar de livro e a sua função de substituir e ser substituído, Abel Barros Baptista conclui aquilo que o livro é:

Permite-nos denominar «livro» um corpo de papel impresso que não se apresenta em estado de papéis avulsos, ou seja, um conjunto de cadernos que sofreu os efeitos de uma

compilação ou reunião que os mantém ligados e submetidos a uma ordem e se dá a ver como uniformidade e linearidade (id: 18).

Seria muito fácil determinar aquilo que um blogue é se as pessoas tivessem uma noção familiar dele. Contudo, se pensarmos que a noção familiar de livro se formou desde o final da primeira metade do séc. XV até agora, não podemos esperar que hoje em dia haja já uma noção familiar de blogue, especialmente quando estamos a falar de um **medium** que nem chega a ter vinte anos. A noção familiar é algo que se vai formando com o passar dos anos e séculos, vai substituindo e sendo substituída, razão pela qual Abel Barros Baptista afirma que essa é uma das funções do livro (id: 25). Por essa razão, não podemos esperar que as pessoas hoje em dia tenham já uma noção familiar daquilo que é um blogue, mais ainda porque está agora a nascer a geração para quem o blogue será uma ferramenta tão importante, familiar e vulgar como é para nós, e para as gerações antecedentes, o livro.

Mas como já afirmámos anteriormente, não é só a forma que determina aquilo que é o objecto. Abel Barros Baptista desenvolve esta ideia, trabalhando sobre a função do livro:

Presume-se que o corpo de papel impresso desempenha uma *função*, e não basta, pois, escapar à condição dos papéis avulsos para desempenhar e formar um livro. Dir-se-ia, então, que a noção vulgar consiste na aliança entre um livro como objecto, apresentando-se na forma tipográfica que se impôs como a única forma do livro, e uma certa função, esta desde sempre assinalada aos livros (id: 19).

Ou seja, a noção vulgar forma-se não só a partir da sua forma, mas também a partir da sua função. Separando forma e função, destrói-se a noção de livro que tinha sido construída. Conforme afirma Abel Barros Baptista:

Não se pode referir um sem referir o outro, não se pode reter um gesto deles para suportar uma noção de livro sem, pelo mesmo gesto, excluir o outro e fazer depender dessa exclusão, a noção construída (id: 25-26).

Só podemos definir livro se, na mesma definição, comportarmos forma e função. José Afonso Furtado afirma o seguinte, corroborando as afirmações de Abel Barros Baptista: “fica estabelecido o princípio de que [o livro] possui duas acepções distintas embora inseparáveis, uma material e uma espiritual” (Furtado, 1995: 19).

Do mesmo modo podemos pensar naquilo que é um blogue. Quantas mais características formais enumerarmos no blogue, mais exclusiva se tornará a sua definição. Se na definição de blogue incluíssemos, por exemplo, a possibilidade de comentar cada publicação do produtor, o blogue que aqui utilizamos como **corpus** estaria automaticamente excluído. Contudo, apesar de não conter caixa de comentários, não há dúvidas de que *Baghdad Burning* se trata de um blogue.

Naturalmente, o contrário é igualmente verdadeiro: quanto mais geral for a sua definição, mais objectos poderemos nomear como blogue.

A forma do blogue não pode ser desligada da sua função. Caso isso acontecesse, um blogue poderia ser qualquer coisa, desde que funcionasse e fosse tratado como blogue.

Uma das características que mais têm sido apontadas ao blogue é a possibilidade de este estabelecer relações com outros blogues, quer através de **links** ou da caixa de comentários. Conforme afirmou Giuseppe Granieri, “os blogues importaram para a Rede uma lógica de *conversational network* que se sobrepõe a diversas tentativas de criar redes sociais” (Granieiri, 2005: 47). Essa **conversational network** funcionaria, segundo o mesmo autor, “inserindo um comentário, escrevendo um *post* ou fazendo um *link* daquele blogue para o nosso” (id: 47-48). Paulo Querido e Luís Ene chamaram-lhe

“interactividade” (Querido e Ene 2003: 9), que se exprimiria através das caixas de comentários.

Mas nem todos os autores são tão unânimes em considerar os **links** ou os comentários como uma característica definitiva ou, pelo menos, determinante dos blogues. Susan C. Herring, citando R. Coste, afirmam que “we do not generally think of web sites that contain links to other web sites as engaging in “conversation”” (Herring et al. 2005: 1). E se pensarmos que, de acordo com Susan C. Herring, a maioria dos blogues não tem **links** nem possibilidade de comentar (id: 2), isso pode limitar bastante as **conversational networks** anteriormente referidas. Exemplo desta afirmação de Susan Herring é o nosso **corpus**, em que as únicas ocasiões em que estabelece **links** é para citar fontes (Rivervend, 06.06.2006, 11.07.2006, 30.07.2006, 31.12.2006), ou indicar de onde retirou informação (Riverbend, 02.04.2006), não para estabelecer **conversational networks**.

Parece-nos pertinente neste momento distinguir dois tipos de **links**. Aqueles que se encontram em barras laterais ou no final do blogue, habitualmente chamados **blogroll**; e aqueles que se encontram no texto, junto de imagens, áudio ou vídeo. Aqueles a que Susan C. Herring se referem são os que fazem parte da **blogroll**. Giuseppe Granieiri, por seu lado, refere-se àqueles que se encontram no corpo do texto e vais mais longe, desenvolvendo a forma como a **conversational network** funciona:

O bloguista A individualiza um recurso na Web ou publica uma opinião sob a forma de breve comentário, artigo ou mesmo ensaio. O bloguista B lê e tem qualquer coisa a acrescentar, logo comenta o post original ou escreve um no seu blogue fazendo um *link* para o bloguista A. O bloguista C faz o mesmo, e por aí adiante. Não é raro encontrar-se o caso do bloguista R que reconstrói toda a discussão fazendo links para todos os contributos desde o A ao Q e acrescentando-lhe o seu (Granieiri 2005: 40).

Não obstante a existência de **links** ou comentários, há diferenças fundamentais entre o blogue e as outras páginas disponíveis na internet. A diferença reside, a par das características formais – que de forma melhor ou pior fomos nomeando – na função que desempenham.

Da mesma forma que a função do livro é substituir e ser substituído, com o blogue sucede de modo semelhante. Começou por ser uma página da internet independente, e hoje em dia já faz parte de páginas da internet, como *Facebook*, *Hi5* ou *Myspace*. Inclusivamente podemos encontrar blogues nas páginas oficiais de bandas, como é o caso dos **The Smashing Pumpkins**, entre outras. Ou seja, o blogue passou de página da internet independente a funcionalidade de outras páginas da internet.

Se de início, quando criávamos um blogue, tínhamos um blogue organizado cronologicamente do mais recente para o mais antigo, hoje em dia já podemos escolher a ordem pela qual aquilo que publicamos surge. A possibilidade de catalogar as publicações através de etiquetas, é igualmente algo recente. Isto mostra-nos novas funções do blogue, as alterações a que tem vindo a ser sujeito desde que foi criado. Ou seja, todas estas novas possibilidades vêm substituir as antigas e, mais cedo ou mais tarde, elas próprias irão ser substituídas. Este carácter metamórfico faz parte da história do blogue – tal como fez parte da história do livro, ainda que a um ritmo mais lento – e ajudará as pessoas a criarem uma noção vulgar de blogue que, com o tempo, se enraizará na cultura.

2. O blogue, as metáforas orientacionais e as cores

Até agora temos falado do aspecto formal com que o blogue se apresenta, da sua organização cronológica invertida – pelo menos numa fase inicial –, nos **links** que estabelece com outros blogues, etc.. No entanto, não reflectimos acerca da importância que pode ter a organização cronológica, invertida ou não, na organização espacial dos **links**, quer se encontrem à esquerda, à direita ou em baixo. Tudo isso influencia a maneira como encaramos o blogue e como nos relacionamos com a informação que neles está contida.

De acordo com George Lakoff e Mark Johnson, “We act according to the way we conceive things” (Lakoff e Johnson, 1980: 5). Como é natural, todas as nossas acções estão relacionadas com a forma como nós apreendemos a realidade. Os mesmos autores vão mais longe e afirmam que o nosso sistema conceptual, através do qual pensamos e agimos é metafórico na sua natureza (id: 3). Por essa ordem de ideias, a razão pela qual o blogue está organizado do modo que está, e a razão pela qual o apreendemos do modo que apreendemos, é porque a sua organização se baseia na forma como nós apreendemos o mundo. E se o nosso sistema conceptual é metafórico na sua natureza, tudo aquilo que experienciamos e fazemos é igualmente metafórico, conforme sugerem George Lakoff e Mark Johnson:

If we are right in suggesting that our conceptual system is largely metaphorical, then the way we think, what we experience, and what we do every day is very much a matter of metaphor (id: 3).

Sendo assim, parece-nos pertinente explorar as metáforas orientacionais para compreendermos a influência que a organização formal de um blogue tem na leitura que é feita. No entanto, tal como George Lakoff e Mark Johnson o fizeram, também nós devemos alertar para o facto de que a proposta que de seguida iremos fazer pretende ser sugestiva e plausível, mais do que definitiva, fazendo nossas as palavras de George

Lakoff e Mark Johnson quando afirmam que “These accounts are meant to be suggestive and plausible, not definitive” (id: 14).

Para explorarmos primeiro as metáforas orientacionais, veremos qual é a essência da metáfora. De acordo com George Lakoff e Mark Johnson, “*The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another*” (Lakoff e Johnson (itálico dos autores), 1980: 5).

Ou seja, as metáforas orientacionais são aquelas em que nós concebemos um determinado espaço com base noutro. No caso que nós iremos analisar, o blogue, estaremos a olhar para ele, para um espaço virtual e digital, em função de espaços reais com que os nossos corpos se relacionam. Conforme afirmam George Lakoff e Mark Johnson:

Orientational metaphors (...) have to do with spatial orientation: up-down, in-out, front-back, on-off, deep-shallow, central-peripheral. These spatial orientations arise from the fact that we have bodies of the sort we have and that they function as they function as they do in our physical environment (id: 14).

Quer isto dizer que a concepção metafórica que fazemos do espaço virtual – quando referimos o topo da página ou o fundo da página, bem como os **links** do lado esquerdo ou direito – tem como base a relação que estabelecemos com o mundo físico que nos rodeia. E, conforme afirmam George Lakoff e Mark Johnson, estas orientações não são casuais nem arbitrárias:

Such metaphorical orientations are not arbitrary. They have a basis in our physical and cultural experience. Though the polar oppositions up-down, in-out, etc., are physical in nature, the orientational metaphors based on them can vary from culture to culture (id: 14).

Esta observação parece-nos ser muito importante, uma vez que nem todas as culturas lêem da mesma forma. Por exemplo, o português é lido da esquerda para a

direita e de cima para baixo, tal como o francês, o inglês, o alemão, o neerlandês, o flamengo, etc.. Por isso, um blogue organizado para que se leia de cima para baixo está de acordo com a leitura que irá ser feita. Contudo, se pensarmos que, o chinês se lê de cima para baixo e da direita para a esquerda, talvez a forma como o blogue está organizado não faça tanto sentido para um leitor chinês. Demos este exemplo para mostrar que nem todas as culturas têm as mesmas metáforas orientacionais.

No momento da criação de um blogue, hoje em dia, através do serviço *Blogger*, podemos escolher a ordem cronológica, se do mais recente para o mais antigo ou invertida, conforme já afirmámos. Isto porque aquilo que vemos quando estamos perante a página de um blogue, inicialmente é, o topo da página.

Podemos afirmar que aquilo que está no topo da página é o mais importante, baseado na relação “GOOD is UP; BAD is DOWN” (Lakoff e Johnson, 1980: 16). Esta afirmação pode parecer um pouco positivista, contudo, dada a organização dos blogues e a base física sobre a qual são construídos podemos também fazer estas afirmações – ainda que indicativas e não definitivas – porque na base da própria construção de blogues, e não apenas na sua leitura, subjazem estas metáforas, as mesmas que organizam o nosso sistema conceptual (id: 3-5). Conforme afirmam George Lakoff e Mark Johnson acerca da base física para esta relação é:

“Physical basis for personal well-being: Happiness, health, life and control – the things that principally characterize what is good for a person – are all UP” (id: 16).

A organização cronológica invertida, a mais comum no blogue, conforme a vemos apresentada no ecrã, sugere que o primeiro conteúdo que vemos, aquele que terá sido o último a ser publicado, é o mais importante, em relação ao resto das publicações feitas. Embora aquilo que se encontra no final da página, ou seja, em baixo – conteúdos

mais antigos do blogue – não deixem de ser importantes, uma vez que eles próprios já estiveram no topo da página.

Mas não é só com base física que estes conceitos se desenvolvem. Há também uma base experiencial e cultural para o desenvolvimento e enraizamento destas metáforas espaciais. Há um sistematismo interno para cada metáfora espacial. Cada uma define um sistema coerente, mais do que um conjunto de casos isolados (id: 17).

Conforme afirmam George Lakoff e Mark Johnson:

Spatialization metaphors are rooted in physical and cultural experience; they are not randomly assigned. A metaphor can serve as a vehicle for understanding a concept only by virtue of its experiential basis. There are many possible physical and social basis for metaphor. Coherence within the overall system seems to be part of the reason why one is chosen and not another (id: 18).

Vejamos algumas manifestações práticas do que temos vindo a afirmar. O blogue *Kitschnet* tem os **links** para outros blogues e páginas no final. Isto pode querer dizer que terão menos relevância para todo o conjunto do blogue, pois encontram-se em baixo, longe do olhar do leitor e nem sempre são visíveis no ecrã.

O blogue *EXTRATEXTO – blog de edição de livros* apresenta os **links** para outros blogues e páginas à esquerda. Ou seja, lendo nós da esquerda para a direita, estes surgem primeiro que o texto aos olhos do leitor.

No caso do blogue *Mas certamente que sim!* os **links** para outros blogues e páginas surgem à direita, ou seja, após o texto. Estão no campo de visão do leitor, tal como os **links** colocados à esquerda, ao contrário dos **links** que se encontram no final da página. O blogue *Mas certamente que sim!* tem a particularidade de ter duas barras de **links**, lado a lado, do lado direito, ou seja, há uma que surge primeiro que a outra, condicionada pela nossa leitura da esquerda para a direita.

Também o blogue *Baghdad Burning*, do qual retiramos o nosso **corpus**, apresenta os **links** do lado direito, após o texto. Tal como o exemplo anterior, o texto surge nos olhos do leitor antes dos **links**.

Contudo, voltamos a recordar dois aspectos que, embora anteriormente já tenhamos afirmado, nos parecem ser de extrema importância. O primeiro é que estas afirmações têm um carácter sugestivo e não definitivo; o segundo é que estes conceitos variam de cultura para cultura e uma vez que, conforme mostrámos através do caso chinês, nem sempre se lê da esquerda para a direita e de cima para baixo.

As metáforas espaciais não só estão relacionadas com o nosso corpo e como ele se relaciona com o mundo, mas têm também uma base experiencial. Conforme afirmam George Lakoff e Mark Johnson, “*No metaphor can ever be comprehended or even adequately represented independently of its experiential basis*” (Lakoff e Johnson (itálico dos autores), 1980: 19). Quando falamos de base experiencial das metáforas, pretendemos falar da experiência de um indivíduo, de um conjunto de indivíduos ou de uma comunidade. Pretendemos dizer que essa base tem origem em experiências comuns.

Sabe-se, no entanto, muito pouco sobre a base experiencial das metáforas. No caso que estamos a estudar, tal como em outros, utilizar o presente do indicativo seria pouco fundamentado e excessivamente afirmativo. A razão pela qual o fazemos, tal como George Lakoff e Mark Johnson o fazem (id: 19), prende-se com questões operativas.

Uma das razões pelas quais a base experiencial é muito importante e não pode ser desligada das metáforas, relaciona-se com a experiência individual e colectiva das culturas e dos indivíduos dentro delas. Isto faz com que nem todas as culturas definam as suas prioridades através da orientação “UP-DOWN”. Há culturas em que o equilíbrio

e a centralidade têm um papel muito mais importante, conforme notam George Lakoff e Mark Johnson (id: 24).

Um objecto digital, como o blogue, pode ser visto como um **container**. Ou seja, algo que, dentro dele, agrega conteúdos, independentemente da sua natureza. Servimo-nos desta afirmação para introduzir o conceito de **container metaphors**. Conforme afirmam George Lakoff e Mark Johnson, “We are physical beings, bounded and set off from the rest of the world by the surface of our skins, and we experience the rest of the world as outside of us” (id: 29). Deste modo, quando reflectimos sobre um qualquer objecto, sobre os seus limites, tendemos a vê-lo igualmente com fronteiras, como um espaço limitado. George Lakoff e Mark Johnson desenvolvem este conceito do seguinte modo:

Each of us is a container, with a bounding surface and an in-out orientation. We project our own in-out orientation onto other physical objects that are bounded by surfaces. Thus, we also view them as containers with an inside and outside (id: 29).

Isto significa que o blogue *Baghdad Burning*, do qual retiramos o nosso **corpus**, é um **container**. Vejamos, através do seguinte excerto, como o blogue pode ser um **container**:

The latest horror is the study published in the Lancet Journal concluding that over 600,000 Iraqis have been killed since the war. (...) The responses were typical- war supporters said the number was nonsense because, of course, who would want to admit that an action they so heartily supported led to the deaths of 600,000 people (...) For American politicians and military personnel, playing dumb and talking about numbers of bodies in morgues and official statistics, etc, seems to be the latest tactic. But as any Iraqi knows, not every death is being reported (Riverbend, 18.10.2006).

Este excerto funciona como objecto e **container** ao mesmo tempo. É objecto porque faz parte da totalidade do blogue *Baghdad Burning* – que é o seu **container**. Apesar disso, este mesmo excerto é um **container** na medida em que os seus

objectos são os dados do estudo do *Lancet Journal* (Boseley, 2006), as reacções dos partidários da guerra e da população iraquiana, entre outros elementos que poderiam ser retirados do excerto.

Contudo, se um blogue fizer parte de uma outra página da internet, embora continue a ser um **container** de objectos, é também o objecto dessa mesma página da internet, que será um **container**. Conforme afirmam George Lakoff e Mark Johnson, “Even where there is no natural physical boundary that can be viewed as defining a container, we impose boundaries” (Lakoff e Johnson, 1980: 29). Até para os próprios conteúdos dos blogues isto é válido, conforme já notámos, uma vez que os separamos cronologicamente – independentemente da ordem – ou tematicamente.

Também as cores influenciam de forma determinante o modo como se lê um blogue. Eva Heller nota a influência das cores, afirmando o seguinte:

As cores e os sentimentos não se combinam de forma acidental (...) as suas associações não são questões de gosto, mas sim experiências universais profundamente enraizadas desde a infância na nossa linguagem e no nosso pensamento (Heller, 2007: 17).

Ou seja, a cor que um blogue apresenta vai influenciar a forma como irá ser lido, e sequer se irá ser lido. O blogue do qual retiramos o nosso **corpus** apresenta um fundo branco com letras pretas.

Numa secção não paginada da sua obra, entre as páginas 224 e 225, Eva Heller dá exemplos e efeitos relacionados com as diversas cores. Nos exemplos e efeitos relacionados com a cor preta afirma que os textos pretos sobre fundo branco são os que se lêem melhor ao perto (id: 224-225). Afirma ainda que “os textos longos e os conteúdos não conhecidos exigem tempo para serem entendidos. Como há que lê-los ao perto, as cores perturbam a leitura” (id: 224-225). No caso do nosso **corpus**, composto

por textos longos e que requerem atenção, as letras pretas sobre o fundo branco são o indicado.

Apesar de todo o simbolismo referente à cor branca – o início, a ressurreição (id: 155-156), o bem, a perfeição (id: 156-158), a univocidade, a verdade a exactidão (id: 158) –, cremos que a escolha da cor é mais casual do que causal. É que embora não tenhamos informações que nos permitam avaliar se a produtora do blogue escolheu as cores com um propósito ou se aproveitou um modelo já pré-fabricado disponível pelo serviço *Blogger*, a cor continua a ter influência sobre aqueles que lêem. As associações referentes à cor branca pretendem ser indicativas, tal como as metáforas orientacionais de que há pouco tratámos.

3. O que é o autor de um blogue? E um produtor?

Falámos no início do presente capítulo que o precursor directo do blogue era o **fórum**, mais do que as páginas pessoais. A razão pela qual isso acontecia era porque com o **fórum** e o blogue, respectivamente, se entrava “na era da comunicação pessoal”, em que é extremamente fácil publicar conteúdos numa página da internet (Querido e Ene, 2003: 14). Isso, conforme já referimos, acontecia dentro da matriz digital.

Quando pensamos na matriz analógica, linear, a do livro físico e impresso, a facilidade de publicação de conteúdos, neste caso limitados ao texto e à imagem, não é tão grande como no blogue. Há um conjunto de etapas que têm de ser ultrapassadas, desde a produção do texto, passando pelo conjunto de operações mecânicas da edição, e terminando na comercialização do produto, neste caso um livro com um conteúdo literário ou artístico, conforme a linha editorial.

A linha editorial que um blogue segue não é mais do que um critério contingente do seu autor. Um critério de acordo com a sua individualidade cultural, religiosa, social, etc.. Porque o processo de criação, edição e publicação de um blogue pode estar apenas na decisão de uma pessoa. E com isso todas as decisões relativas à apresentação gráfica. No caso do livro, para cada etapa há um indivíduo, ou um conjunto de indivíduos, especializados.

Muitos dos aspectos que compõem a apresentação gráfica de um blogue – o título, a cor de fundo, a cor da letra, o tipo de letra, o tamanho da letra, a configuração espacial dos **links**, etc. – ficam exclusivamente nas mãos do seu autor. Podemos considerar essas decisões do foro editorial, da mesma forma que na edição de um livro, a configuração das páginas, o tamanho e tipo de letra, a capa, o título, ficam nas mãos de técnicos, à partida, especializados. Conforme afirma José Afonso Furtado, “o livro é (...) uma realidade objectual, 'fabricado' pelo editor” (Furtado, 1995: 21). Todos estes aspectos, num blogue, seriam levados em conta tendo em conta a experiência de um técnico editorial. Nas mãos do anónimo que escolhe e altera a apresentação do seu blogue com base em motivações pessoais e individuais, contingentes à sua experiência, o blogue não segue os critérios técnicos de um editor, conforme acontece na edição de um livro. Deste ponto de vista, podemos afirmar que a edição é a transformação de um produto artístico num produto comercial.

Paulo Querido e Luís Ene afirmam o seguinte sobre a edição em blogues:

Embora o *weblog* se defina por assentar num sistema editorial próprio (...) não é apenas pela forma que se distingue um *weblog*. É também – ou sobretudo... – pela autoria. Há duas facções. Uma diz, sucintamente, que um *blog* é uma obra de autor. Um único autor, ou nalguns casos, de vários autores concentrados num propósito ou projecto. Outra, mais liberal, aceita a catalogação enquanto *weblog* de sistemas evoluídos de formas, isto é, *websites* de discussão geralmente subordinados a um tema ou área, onde não há uma hierarquia expressa de autores (Querido, Ene, 2003: 17).

Contudo, tendo em conta a quantidade de decisões que o autor tem que tomar, será mesmo que deve ser tratado dessa forma? Não seria mais adequado atribuir-lhe outro nome, uma vez que acumula mais tarefas do que a de criar. Tem também que gerir os conteúdos que cria, dar-lhe forma, e apresentá-los digitalmente na forma de um blogue. Dessa forma seria mais adequado chamar-lhe produtor – ou produtores, no caso do blogue ter mais do que um contribuidor.

4. O blogue e o testemunho

Os **media** utilizados para transmitir conhecimento, experiências, etc. foram sempre muito condicionados pelo desenvolvimento tecnológico, de forma que não teríamos papel se antes não tivéssemos tido papiro, nem hoje teríamos livros impressos sem a invenção de Gutenberg.

Giuseppe Granieri reconhece a importância da tecnologia em cada época como contingência da transmissão. Conforme afirma:

Neste «processo de mediação», um papel importante é desempenhado pelas tecnologias: antes da escrita, por exemplo, só poderíamos ouvir os relatos das pessoas presentes num mesmo tempo e num mesmo lugar; após o advento da escrita passámos a ter a possibilidade de conhecer o pensamento e de ler as aventuras de homens e mulheres que viveram muito antes de nós (Granieri, 2005: 17).

Hoje em dia, não só temos a possibilidade de ler as experiências passadas, mas quase temos acesso às experiências presentes. Embora este conceito seja impossível em si, o relato da experiência presente em tempo presente, o rapidez com que a experiência, hoje em dia, é transmitida aumentou consideravelmente. Não só temos acesso imediato

aos conteúdos que são publicados no blogue, como também aos conteúdos produzidos por quem reage e interage em relação à publicação original. Esta interacção surge habitualmente através da caixa de comentários, mas também pode surgir através de **links** ou emails. Vejamos através de um exemplo retirado do nosso **corpus** como a rapidez aumentou consideravelmente:

I just read somewhere that some of the families of dead American soldiers are visiting the Iraqi north to see 'what their sons and daughters died for' (Riverbend, 05.11.2006).

Deste excerto podemos retirar que o conteúdo a partir do qual a produtora está a escrever, e que depois transmite ao seu consumidor, é algo muito recente. Giuseppe Granieri afirma que a rapidez é uma das características do blogue, e ilustra esta afirmação através do exemplo dos atentados de Madrid ou da libertação dos reféns italianos no Iraque pouco tempo antes da eleições europeias, em que o blogue teve um tempo de resposta muito mais rápido (Granieri, 2005: 70).

Mas não é só na rapidez que o blogue têm vantagem sobre outros **media**. Por não terem que seguir uma linha editorial determinada por terceiros, no blogue escreve-se aquilo que o seu produtor entende. O blogue <http://fallujahinpictures.com> dificilmente teria a aprovação de uma linha editorial mais conservadora, uma vez que mostrava fotos de combates travados em Fallujah e outras partes do Iraque (Edelman/Intelliseek, 2005: 9). Hoje em dia este blogue já não se encontra disponível. Podemos também referir blogues como *Where is Raed?* ou como o blogue de onde retiramos o nosso **corpus**, *Baghdad Burning*, como exemplos de blogues que falam da situação iraquiana sem a intervenção de um controlo editorial. O seguinte excerto retirado do nosso **corpus**, relatando a execução de Saddam Hussein, dificilmente seria publicado noutro espaço que não o blogue:

Muwafaq Al Rubai was said he [Saddam Hussein] was "weak and frightened". Apparently, Rubai saw a different lynching because according to the video they leaked, he didn't look frightened at all. His voice didn't shake and he refused to put on the black hood. He looked resigned to his fate, and during the heckling he looked as defiant as ever (Riverbend, 31.12.2006).

Ao blogue tem sido associada uma escrita diarística e muito pessoal. Derrick de Kerkhove afirma, conforme já referimos, que a associação do blogue a diários pessoais e íntimos é muito simplista e ingénua (Prefácio a Granieiri, 2005: 11). Contudo, podemos olhar para um diário íntimo – se esse estereótipo ou preconceito fosse aplicável ao blogue em geral – como um testemunho. Conforme afirma Jacques Derrida, um sujeito só pode testemunhar no momento em que mais ninguém puder testemunhar em seu lugar (Derrida, 2004: 25). Estes supostos “diários íntimos” são testemunhos na medida em que são contingentes a um sujeito com uma experiência irrepetível: a da sua vida. Isso torna esse testemunho único. O seguinte excerto do nosso **corpus**, mostra o carácter único do testemunho:

I remember as a child, during a visit, I was playing outside with one of the neighbors children. Amal was exactly my age- we were even born in the same month, only three days apart. We were laughing at a silly joke and suddenly she turned and asked coyly, “Are you Sanafir or Shanakil?” (...) Apparently, it was an indirect way to ask whether I was Sunni (Sanafir) or Shia (Shanakil) (Riverbend, 18.03.2006).

Este testemunho ganha um carácter único na medida em que foi uma experiência pessoal da produtora do blogue, irrepetível por outro sujeito. Nesse sentido, todos os blogues são testemunhos, somatizações multimedias das percepções sensíveis do olfacto, paladar, tacto, visão e audição. Por essa mesma razão Jacques Derrida afirma que um testemunho deve ser uma experiência (Derrida, 2004: 29), tal como acontece com o excerto retirado do nosso **corpus** acima transcrito.

Uma das características que já mencionámos no blogue é o facto de cada publicação estar associada a uma data e a uma hora. Conforme afirma Jacques Derrida, é isso que inscreve – a ocorrência da data, de uma assinatura – a relação entre a ficção e o testemunho (id: 13). Não podemos equacionar o testemunho no blogue sem colocarmos a possibilidade de ficção. Essa é uma das prerrogativas do testemunho, a possibilidade da ficção. O testemunho deve ser assombrado pela ficção, mas isso não significa que não possa ser literatura, uma vez que há textos literários que não são ficção. Exemplo disso é o *Sermão de Santo António aos Peixes* de Padre António Vieira, ou a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, que não tendo sido escritos como ficção, são sem dúvida literatura. Conforme afirma Jacques Derrida:

O testemunho está sempre ligado à *possibilidade*, pelo menos, da ficção, do perjúrio e da mentira. Eliminada esta possibilidade, mais nenhum testemunho seria possível e não teria mais, em todo o caso, o seu sentido de testemunho (id: 22).

Do mesmo modo que nenhum enunciado discursivo é intrinsecamente ou essencialmente testemunhal, o mesmo se pode dizer da sua literariedade. Conforme afirma Jacques Derrida, tal só acontece consoante a função que se atribui ao enunciado discursivo, “o mesmo enunciado pode ser tido aqui por literário, numa situação ou segundo convenções dadas, e ali por não literário” (id: 23). Isso acontece porque temos códigos morais – ou de conduta – diferentes que aplicamos à nossa visão e apreensão do mundo. Recorrendo à perspectiva de Friedrich Nietzsche:

We (...) are defined by *differing* moral codes; our actions shine with differing colours in alternation, they are rarely clear – and there are a good many cases when we perform *many-coloured* actions (Nietzsche, 1998: 110).

Ou seja, as nossas acções – ou neste caso, enunciados discursivos – podem ter muitas interpretações conforme o contexto em que se encontram. Isso acontece porque

os valores variam de contexto para contexto e mesmo de sujeito para sujeito. Logo, os nossos enunciados discursivos, independentemente da intenção que nós lhes damos – se lhes damos – estão sujeitos a uma variedade de interpretações por parte de uma variedade de contextos e/ou indivíduos. Vejamos, com um exemplo retirado do nosso **corpus**, como um testemunho pode ter várias interpretações:

For me, June marked the first month I don't dare leave the house without a hijab, or headscarf. I don't wear a hijab usually, but it's no longer possible to drive around Baghdad without one. It's just not a good idea. (Take note that when I say 'drive' I actually mean 'sit in the back seat of the car' - I haven't driven for the longest time.) Going around bare-headed in a car or in the street also puts the family members with you in danger. You risk hearing something you don't want to hear and then the father or the brother or cousin or uncle can't just sit by and let it happen (Riverbend, 05.08.2006).

Podemos ler este excerto como sendo um atentado aos direitos da mulher, que tem que usar um lenço a tapar a cabeça; também podemos ler este excerto como um atentado à liberdade individual de expressão. Estas são apenas duas leituras das muitas que pode haver quando se aborda um texto. Temos, contudo, que ter presente que são leituras contingentes à cultura ocidental, em que os direitos da mulher e da liberdade individual de expressão têm muita importância.

Um texto pode ser lido como um testemunho, como um arquivo, como um documento, como obra de ficção literária (Derrida, 2004: 24). Conforme também afirma Giuseppe Granieiri, citando Jeff Jarvis, a maioria dos produtores de blogues podem ser considerados de confiança porque são humanos ao contrário dos **media** tradicionais (Granieiri, 2005: 103). E ainda:

De modo geral os bloguistas dizem-nos quem são e qual é o seu *background* cultural, revelam-nos os seus preconceitos e os leitores podem julgá-los e discutir com eles a nível pessoal (id: 103).

Contudo, ao olharmos para o blogue como testemunho não nos podemos esquecer que, de acordo com Jacques Derrida, para permanecer testemunho, tem que haver sempre uma dúvida, não pode haver uma certeza:

Para permanecer testemunho, ele deve portanto deixar-se assombrar. Deve deixar-se parasitar por aquilo mesmo que exclui do seu foro interior, a *possibilidade*, pelo menos da literatura (Derrida, 2004: 25)

Vamos dar um exemplo de como o testemunho está sempre “assombrado” pela ficção literária. No excerto que apresentamos de seguida, retirado do nosso **corpus**, a produtora do blogue descreve como foi alvo de um **raid** por parte das forças norte-americanas no Iraque e de como aconteceu:

Suddenly, two of them were in the living room. We were all sitting on the sofa, near my aunt. My cousin B. was by then awake, eyes wide with fear. They were holding large lights or ‘torches’ and one of them pointed a Klashnikov [sic] at us. “Is there anyone here but you and them?” One of them barked at my aunt. “No- it’s only us and my husband outside with you- you can check the house.” T.’s hands went up to block the glaring light of the torch and one of the men yelled at her to put her hands down, they fell limply in her lap. I squinted in the strong light and as my sight adjusted, I noticed they were wearing masks, only their eyes and mouths showing. I glanced at my cousins and noted that T. was barely breathing. J. was sitting perfectly still, eyes focused on nothing in particular, I vaguely noted that her sweater was on backwards (Riverbend, 11.02.2006).

Ao lermos isto num blogue podemos aceitá-lo como um testemunho, como uma experiência que foi vivida. Tal como Jacques Derrida afirma, “Testemunhar, atestar (...) é sempre tornar público” (Derrida, 2004: 26), que é o que a produtora do blogue está a fazer. No entanto, aquilo que escreve pode estar a fazer parte de uma criação literária que visa descrever ficcionalmente a situação que se passava no Iraque em 2006. Conforme afirma Jacques Derrida, “[um testemunho] diz qualquer coisa, descreve qualquer coisa, faz saber, traz ao conhecimento, informa, poder-se-ia quase dizer que conta, dá conta” (id: 34).

No entanto, o testemunho não vive apenas da narração, é também um acto presencial. Como afirma Jacques Derrida, “a essência do testemunho não se reduz necessariamente à narração, isto é, às relações descritivas (...) É em primeiro lugar um acto presente” (id: 35). Ou seja, quem presta o testemunho tem que estar presente, tem que ter assistido, tem que ter sentido no seu corpo ou com os seus sentidos e por essa razão o testemunho presta-se sempre na primeira pessoa (id: 35). É isso que revela o carácter autobiográfico do testemunho, de acordo com Jacques Derrida:

Na sua essência, um testemunho é sempre autobiográfico: ele diz, na primeira pessoa, o segredo partilhável e impartilhável do que me aconteceu, a mim, só a mim, o segredo absoluto daquilo que eu estive em posição de viver, ver, ouvir, tocar, sentir e suportar (Derrida 2004: 41).

Observe-se agora, através de outro exemplo do nosso **corpus** como, neste caso, podemos falar de testemunho da primeira pessoa:

It's fascinating to watch the world beyond Iraq prepare for the World Cup. I get pictures by email of people hanging flags and banners, in support of this team or that one. Oh we have flags and banners too- the hole-ridden black banners all over Baghdad, announcing deaths and wakes. The flags are all of one color [sic], usually- black, green, red, or yellow- representing a certain religious party or political group (Riverbend 31.05.2006).

Este testemunho é também prestado na primeira pessoa. E muitos outros exemplos podiam ser retirados do **corpus** sobre o qual estamos a trabalhar, para mostrar o carácter testemunhal deste blogue. Contudo, e embora tenhamos estado a generalizar a todos os blogues, fizemo-lo apenas por questões operativas. Porque, tal como alguns blogues poderão ser literatura, conforme iremos defender no capítulo seguinte, também apenas alguns poderão ser considerados testemunhos. O que nos interessa defender é a possibilidade de o blogue ser testemunhos e não defender, afirmativa e positivamente, que todos os blogues são testemunhos. E o mesmo se aplica ao blogue como literatura.

O testemunho não só necessita de ser feito na primeira pessoa, mas também pressupõe que haja um outro sujeito ou sujeitos que estejam a presenciar o testemunho. Nesse momento, conforme afirma Jacques Derrida, passamos “do *eu* ao *nós*” (Derrida 2004: 30):

Este «nós» sem o qual não há testemunho (...) não supõe necessariamente nenhum acordo com o que digo, nenhuma simpatia, nenhuma comunidade, nenhum consenso de nenhuma espécie, salvo uma maneira mínima de ser, digamos, de inteligência com o outro, comigo, aqui, no instante em que a língua se fala (id: 30).

O que Jacques Derrida pretende dizer é que há a necessidade de compreensão para que haja testemunho. Tem que haver alguém que compreenda o testemunho após este ter sido enunciado. A “maneira mínima de ser” não é senão a condição para a compreensão do testemunho. De acordo com Jacques Derrida, “o mesmo conceito deve supor ao mesmo tempo um destinatário capaz da mesma competência, quer dizer, de entender e traduzir de modo unívoco” (id: 31).

Conseguimos compreender os conceitos anteriores dos exemplos do nosso **corpus** devido à “maneira mínima de ser” entre a produtora do blogue e nós próprios. Nesse caso, a língua inglesa faz parte dessa maneira mínima de ser, uma vez que, sendo nós portugueses e a produtora do blogue iraquiana conforme afirma na publicação inicial do blogue: “a little bit about myself: I'm female, Iraqi and 24. I survived the war. That's all you need to know. It's all that matters these days anyway” (Riverbend 17.08.2003)⁵.

Neste caso é necessária uma língua estrangeira, o inglês, para nos compreendermos, e há também uma necessidade de informação semelhante sobre a

5 *Baghdad Burning*, URL:

http://riverbendblog.blogspot.com/2003_08_01_riverbendblog_archive.html#106113458758384200#106113458758384200,
consultado em 08.01.2008.

situação no Iraque para compreendermos o que é testemunhado. Esse entendimento mútuo faz com que seja possível que aquilo que lemos possa ser testemunhal, ou não.

Capítulo II

Da Literatura

1. A abordagem polissistémica do blogue

Há diferentes formas de configurarmos e de encararmos o blogue no panorama de produção literária ou, pelo menos, no panorama da produção escrita. Giuseppe Granieri defende que os blogues tendem “a configurar-se como um «sistema de conteúdos»” uma vez que individualmente são elos numa obra colectiva, o “universo dos blogues” (Granieri, 2005: 40-41).

Os «sistemas de conteúdos» aproximam-nos da abordagem que pretendemos fazer do blogue, uma abordagem polissistémica, partindo da proposta de Itamar Even-Zohar. Estes sistemas são “networks of relations that can be hypothesized for a certain set of assumed observables (“occurrences”/“phenomena”)” (Even-Zohar, 2005: 1). Esta proposta sistémica permite-nos enquadrar e estudar o blogue em relação com a produção literária de forma dinâmica, observando as relações entre os vários elementos que compõem o sistema e os efeitos que isso provoca nuns e noutros.

Embora estejamos a estudar os fenómenos textuais no blogue, é certo que este **medium** suporta outros **media** além do texto, como a imagem, o áudio e o vídeo, constituindo-se por uma complexa heterogeneidade. A perspectiva de Itamar Even-Zohar ajuda a perceber a sua multiplicidade:

[The systemic approach] need no longer be identified with homogeneity, a socio-semiotic system can be conceived, of as heterogeneous (...) a polysystem – a multiple system, a system of various systems which intersect each other and partly overlap, using concurrently different options, yet functioning as one structured whole, whose members are interdependent (id: 2).

De acordo com esta perspectiva, o blogue fazem parte de um polissistema de blogues, que faz parte de um polissistema de páginas publicadas na internet, que por sua vez faz parte de um polissistema social de utilizadores de computadores com acesso à internet e por aí adiante. No entanto, isto é apenas uma das possibilidades. O blogue não fazem parte de um único polissistema, podendo fazer parte de vários ao mesmo tempo, onde em cada um deles ocupará uma posição de mais ou menos destaque. Por exemplo, o blogue *Baghdad Burning*, do qual retiramos o nosso **corpus**, faz simultaneamente parte do polissistema dos blogues, do polissistema de produção literária, do polissistema de relatos pessoais, entre outros. E dentro do polissistema dos blogues faz parte dos polissistemas de blogues de comentário político, do polissistema de blogues de relato pessoal, entre outros. Exemplificamos estas afirmações com um excerto retirado do nossos **corpus**:

Foreign occupation and being a part of a puppet government- those things are ok. Football, however, will be the end of civilization as we know it, according to Muqtada. It's amusing- they look nothing alike- yet he reminds me so much of Bush. He can barely string two sentences together properly and yet, millions of people consider his word law (Riverbend, 31.05.2006).

Este excerto, relacionado com o Mundial de Futebol de 2006, poderia ser incluído nos polissistemas de comentários político e de relato pessoal, bem como no polissistema dos blogues ou de produção escrita. Ou até no polissistema de reflexão religiosa. O que pretendemos mostrar é que um blogue faz sempre parte de vários polissistemas simultaneamente.

Um blogue individual pode também constituir um polissistema na medida em que pode ter ligações que ligam a outros blogues, e que nesses blogues poderá ter mais ou menos importância. Conforme afirmou Giuseppe Granieri, citando Michael Goldhaber, referindo-se aos blogues, “cada um é a «estrela» em alguns ambientes e «fã» noutros” (Granieri, 2005: 58).

O blogue está ligado a vários polissistemas em simultâneo e tem, inclusivamente, uma maior influência do que aparentemente se julga. Giuseppe Granieri dá o exemplo de um senador norte-americano que em 2002 fez um discurso com nostalgias racistas, e embora a imprensa tradicional, como lhe chama, não tivesse feito referência, alguns produtores de blogues persistiram de tal forma que o senador acabou por se demitir. John Podhoretz chamou-lhe “o primeiro escalpe dos blogues” (in Granieri, 2005: 61-62). Um acto de escrita num blogue não só tem consequências directas no polissistema dos blogues ou da internet, mas noutros também, como acabámos de observar.

Escolhemos esta abordagem pois o conceito de polissistema é dinâmico e heterogéneo. Seguindo a perspectiva de Itamar Even-Zohar:

It [the polysystem] thus emphasizes the multiplicity of intersections and hence the greater complexity of structuredness involved (...) it stresses that in order for a system to function, uniformity need not be postulated (Even-Zohar, 2005: 3).

São as diferenças e as relações de tensão que fazem o sistema funcionar. A teoria dos polissistemas não só nos permitem estudar fenómenos conhecidos, como também fenómenos desconhecidos:

The polysystem hypothesis (...) not only does it make possible the integration into semiotic research of objects (properties, phenomena) previously unnoticed or bluntly rejected; rather,

such an integration now becomes a precondition, a *sine qua non*, for an adequate understanding of any semiotic field (id: 3-4).

Assim, para se compreender uma parte da cultura, designadamente a do blogue, temos que a estudar em relação com outras partes, para melhor compreendermos a sua natureza e função. Conforme afirmou Itamar Even-Zohar, “prestigious types of texts can be related to less prestigious ones” (id: 4). As relações entre o blogue e o livro, enquanto **media** literários, tornaram este estudo possível na medida em que deram visibilidade ao blogue.

A teoria dos polissistemas rejeita quaisquer juízos de valor na medida em que não se podem apenas estudar os segmentos prestigiados da cultura, pois conforme afirma Itamar Even-Zohar: “this kind of biased elitism cannot be compatible with cultural history” (id: 4). Por sua vez, Barbara Herrnstein Smith explica de forma muito clara a razão pela qual os juízos de valor *a priori* devem ser rejeitados:

Like all value, literary value is not the property of an object or of a subject but, rather, the product of the dynamics of a system (Smith, 1988: 15).

Ou seja, o valor é algo que está em constante mutação. Embora o livro seja, sem margem para dúvida, o **medium** mais privilegiado da literatura, tal não significa que não haja outros **media** literários, tal como o blogue. A dinâmica do sistema e a própria evolução dos **media** é que colocou o blogue numa posição menos privilegiada, relegando-o para a periferia do sistema literário.

Apesar de menos prestigiado que o livro como **medium** de produção escrita, o blogue é um fenómeno que não pode ser ignorado. De acordo com David Sifry, fundador da Technorati⁶, em Outubro de 2006 havia 57 milhões de blogues, e a cada 5/7 meses esse número duplica. Da mesma fonte, 55% desses blogues estão activos, ou seja,

⁶ Technorati é um serviço da internet que, entre outras coisas, pesquisa, organiza e cataloga blogues de acordo com os seus conteúdos [<http://technorati.com/about/>].

que houve pelo menos uma actualização nos últimos 3 meses (Sifry, 2006). Conforme afirmou António Figueiredo:

Os blogues têm vindo a registar uma expansão e uma popularidade tão avassaladoras que passaram a constituir, inquestionavelmente, o fenómeno mais revolucionário da produção literária dos nossos dias (Figueiredo, 2005: 155).

Reconhecemos a magnitude destes valores e a importância da afirmação de António Figueiredo. Contudo, cremos que a quantidade e proliferação de blogues não faz com que sejam produtos literários. Faz sim com que se ofereçam como objectos de estudo, na medida em são um fenómeno cultural e social que envolve muitos indivíduos que produzem diariamente e tendo em conta as relações de tensão que se estabelecem com o livro.

O polissistema do blogue, conforme já afirmámos, é composto por todos os blogues que individualmente funcionam como sistemas. Estes sistemas estão organizados hierarquicamente e são as relações de tensão existentes entre os vários estratos que constituem a dinâmica do sistema. Quanto mais perto do centro do sistema estivermos, mais bem posicionados estaremos na hierarquia. Quanto mais longe do centro, menos bem posicionados estaremos na hierarquia. As tensões referem-se às lutas entre as posições centrais e as periféricas dentro do polissistema (Even-Zohar, 2005: 4-5). O blogue *Baghdad Burning*, por exemplo, ainda que ocupe uma posição central no polissistema dos blogues – tendo obtido o terceiro lugar da *Lettre Ulysses Award* (2005) e feito parte da *longlist* do *Samuel Johnson Prize* (2006) em formato impresso – no polissistema literário ocupa uma posição periférica.

As tensões entre o blogue e a literatura impressa, hoje em dia, já justificam a impressão de alguns blogues e consequente edição em livro, como é o caso de *O meu Pipi – Diário*, *O meu Ponto G.*, *Baghdad Burning: Girl Blog from Iraq* e a sua

continuação *Baghdad Burning II: More Girl Blog from Iraq, Cenas de Gaja*, entre outros. Ao resultado deste fenómeno foi recentemente dado o nome de “blook” – a combinação das palavras inglesas “book” e “blog”. Itamar Even-Zohar hipotetiza estas transferências entre sistemas do seguinte modo:

A certain item (element, function) is transferred from the periphery of one system to the periphery of an adjacent system within the same polysystem, and then may or not move on to the centre of the latter (Even-Zohar, 2005: 5).

Um blogue que tenha uma posição central no polissistema dos blogues, quando observado à luz do polissistema literário poderá ter, ou não, uma posição central, conforme já notámos. Isto está directamente relacionado com a já referida afirmação de Michael Goldhaber, citado por Giuseppe Granieri, de “cada um é a «estrela» em alguns ambientes e «fã» noutros” (Granieri, 2005: 58).

2. O centro do sistema e o cânone

A dinâmica produzida pelas relações de tensão que se operam entre centro e periferia deriva da oposição entre literatura canónica e não-canónica, estando a canónica, naturalmente, no centro. Conforme afirma Itamar Even-Zohar:

“Canonized” would mean those norms and works (i.e., both models and products) which are accepted as legitimate by the dominant groups within the literary institution. On the other hand, “non-canonized” would mean those norms and products which are rejected by these groups as illegitimate and whose products are often forgotten in the long run by the community (unless they change their status). (...) canonicity is therefore no inherent feature of any activity on any level, but the outcome of power relations within a system (Even-Zohar, 2005: 6).

A distinção entre literatura canónica e literatura não-canónica acaba por ser baseada em julgamentos de valor mais do que factos (Milner, 1996: 5). Andrew Milner observa que a Bíblia foi construída da mesma forma, distinguindo entre os livros inspirados – canónicos, que fazem parte da Bíblia – e os apócrifos – não-canónicos, que não fazem parte da Bíblia (id: 5).

No entanto, o cânone literário é bastante mais complexo do que “os livros inspirados” ou os “livros escolhidos”. Se inicialmente o cânone era composto pelas obras que seriam estudadas nas escolas, quer estas fossem primárias, secundárias ou de ensino superior (Bloom, 1994: 15), hoje em dia o cânone tornou-se em algo diferente, conforme Harold Bloom elucida:

The Canon (...) has become a choice among texts struggling with one another for survival, whether you interpret the choice as being made by dominant social groups, institutions of education, traditions of criticism, or (...) by late-coming authors who feel themselves chosen by particular ancestral figures (id: 19).

Isso significa que que o cânone são as obras, de todas as obras produzidas, que são escolhidas como sendo as mais importantes e as mais relevantes para uma determinada cultura num determinado momento, podendo sofrer alterações ao longo do tempo. Ao escrever sobre o cânone, Harold Bloom refere-se apenas ao cânone ocidental, conforme o próprio nota (id: 1-2). No entanto, aqueles que se opõem ao cânone acreditam haver uma ideologia por detrás da sua formação ou mesmo uma ideologia da formação canónica (id: 21). Mas mais do que uma discussão ideológica, aquilo que a oposição ao cânone representa é a própria dinâmica canónica. À semelhança das relações de tensão polissistémicas, o cânone necessita de estar em constante oposição ao que não é canónico. O cânone necessita de uma forte oposição para que não só seja dinâmico, mas para que a sua posição saia fortalecida (Even-Zohar, 2005: 4-5).

No final do ano de 2006 a revista *Time* elegeu o cidadão comum como a pessoa do ano, tendo em conta todas as contribuições que produtores anónimos faziam em blogues e outras plataformas da internet que se começavam a intrometer em determinados sectores instituídos e institucionalizados. À luz deste acontecimento, parece-nos pertinente questionar onde reside o poder para determinar o que é canónico e o que é não-canónico, ou seja, o que tem valor e o que não tem valor. Reside nas academias? No cidadão comum? Em quem produz? Para responder a esta questão, recorremos a Barbara Herrnstein Smith que, através do exemplo das antologias poéticas, explica como é que se cria o valor:

The recommendation of value represented by the repeated inclusion of a particular work in anthologies of “great poetry” not only promotes but goes some distance toward *creating* the value of that work, as it does its repeated appearance on reading lists or its frequent citation or quotation by professors, scholars, critics, poets, and other elder of the tribe; for all these acts have the effect of drawing the work into the orbit of attention of potential readers and, by making the work more likely to be experienced at all, they make it more likely to be experienced as “valuable”. In this sense value creates value (Smith, 1988: 10).

Ou seja, aqueles que consideramos ser autoridades literárias, críticos, académicos, etc., ao elaborarem antologias estão a valorizar certos objectos literários mais do que outros e essa valorização individual é um julgamento de valor. Por sua vez, a antologia ao ser lida pela comunidade está a transformar um julgamento de valor individual em colectivo.

De forma análoga, o mesmo se pode aplicar à valorização em outras áreas que não a literária. Mas quando o cidadão comum, que habitualmente está afastado do processo de criação de valor e de canonicidade, tem um meio de se fazer ouvir e de criar valor, os poderes instituídos começam a ser questionados. Lev Grossman, autor do artigo da revista *Time*, ilustra esta alteração:

Car companies are running open design contests. Reuters is carrying blog postings alongside its regular news feed. Microsoft is working overtime to fend off user-created Linux. We're looking at an explosion of productivity and innovation, and it's just getting started, as millions of minds that would otherwise have drowned in obscurity get backhauled into the global intellectual economy (Grossman, 2006).

Isto significa que se começa a questionar as divisões de poder tradicionais em várias áreas, nomeadamente aquela que é do nosso interesse, a da palavra escrita. Lev Grossman continua o seu artigo afirmando o seguinte:

Who are these people? Seriously, who actually sits down after a long day at work and says, I'm not going to watch *Lost* tonight. I'm going to turn on my computer and make a movie starring my pet iguana? I'm going to mash up 50 Cent's vocals with Queen's instrumentals? I'm going to blog about my state of mind or the state of the nation or the *steak-frites* at the new bistro down the street? Who has that time and that energy and that passion? The answer is, you do. And for seizing the reins of the global media, for founding and framing the new digital democracy, for working for nothing and beating the pros at their own game, TIME's Person of the Year for 2006 is you (id).

Cada vez mais o cidadão comum está capaz de interferir em áreas que eram do domínio exclusivo dos especialistas. Há também que ter em atenção que isto é apenas uma das faces da moeda, pois como o próprio Lev Grossman alerta, não podemos ser ingénuos ao ponto de fechar os olhos à violência gratuita, entre outras manifestações de degradação humana. Neste ponto Joost Smiers alerta para a responsabilização de quem cria (Smiers, 2005: 243-244) e sugere também a necessidade de uma crítica educada e capaz de lidar com estes fenómenos, que estão cada vez mais ligados à internet (id: 239).

No entanto, ainda é a cultura canónica a que predomina, que tende a ser vista como oficial e a única aceite, o que pode, por vezes, dificultar a percepção das tensões dinâmicas que fazem com que uma cultura se mantenha. Apesar de parecer paradoxal, o cânone necessita de estar em constante tensão com o que não é canónico para que o

polissistema seja dinâmico e evolua, porque, conforme afirma Itamar Even-Zohar “without the stimulation of a strong “sub-culture”, any canonized activity tends to gradually become petrified” (Even-Zohar, 2005: 7).

O que temos vindo a referir são as relações que se estabelecem dentro de um sistema, as relações intra-sistémicas. Mas, conforme afirma Itamar Even-Zohar, as regras que se aplicam às relações intra-sistémicas, aplicam-se igualmente às relações inter-sistémicas (id: 8). As relações que um sistema estabelece envolvem dois tipos de sistemas adjacentes, de acordo com Itamar Even-Zohar, “(a) a larger whole belonging to the same community, and (b) a whole, or its parts, which belongs to other communities” (id: 9). Isto significa que, no primeiro caso, um polissistema faz sempre parte de um polissistema maior dentro do qual estabelece as suas relações. O blogue *Baghdad Burning* faz parte do polissistema de todos os blogues existentes, onde estabelece relações e interage com outros blogues. No segundo caso, *o blogue estabelece relações fora do polissistema dos blogues*: os prémios que o blogue *Baghdad Burning* ganhou ou para os quais foi nomeado, são exemplos das relações que se estabelecem fora do polissistema dos blogues. Estas relações estão em consonância com a mesmas regras que no primeiro caso, conforme afirma Itamar Even-Zohar:

Any socio-semiotic activity (or field) is a component of a larger (poly)system – that of “culture”, and therefore is inevitably correlated (or constantly liable to correlation) with other systems pertaining to the same whole (id: 9).

A teoria dos polissistemas, que sumariamente desenvolvemos, tem também como objectivo estudar a forma como culturas interferem umas com as outras em consequência das transferências entre os polissistemas (id: 9). A aplicação que fazemos da teoria dos polissistemas vai justamente nesta direcção, uma vez que a internet e o blogue como parte dela facilitaram e aceleraram a interferência cultural.

3. O sistema literário configurado na teoria dos polissistemas

Agora que já temos presente o funcionamento e organização da teoria dos polissistemas, passaremos especificamente para o sistema literário. Apesar do sistema literário constituir um polissistema, tenderemos a utilizar a expressão abreviada, como já fizemos anteriormente. De acordo com Itamar Even-Zohar, o sistema literário é:

“The complex of activities, or any section thereof, for which systemic relations can be hypothesized to support the option of considering them «literary»” (Even-Zohar 1990: 28).

Podíamos questionar a legitimidade do estudo do blogue através de um sistema literário, uma vez que a questão se mantém: será o conteúdo do blogue literatura? Itamar Even-Zohar fornece a resposta, afirmando: “advocating the inclusion into or the exclusion of certain occurrences from the “system” is not an issue of the systemic description of literature” (id: 28). Não deve existir uma determinação *a priori* sobre o que deve ser considerado parte inclusa ou excluída do sistema literário, uma vez que deve haver uma adequação teórica para cada caso (Even-Zohar, 1990: 28). No entanto, temos que ter presente que nos estamos a referir a relações sistémicas que são consideradas literárias (id: 28). É por essa razão Itamar Even-Zohar afirma:

“The production of texts” does not simply equal “the production of anything else”, the same holding for the rest of the factors involved. Writers, literary journals, literary criticism (in the restricted sense) are all literary factors. And there is no way to determine beforehand for any given period what activity among these is “the” literary par excellence (id: 31).

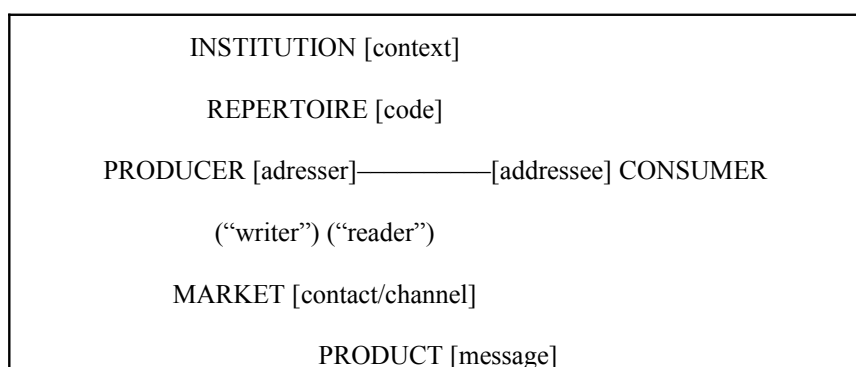
Este conjunto de elementos que faz parte do sistema literário constitui também um sistema social cujos elementos são interdependentes. Conforme afirma Manuel Frias

Martins, “a literatura, como qualquer outra realidade social, está envolvida de vários modos com o mundo social mais vasto” (Martins, 2003: 95). E, de acordo com Itamar Even-Zohar, essa relação de interdependência pode promover mudanças:

No doubt the social-cultural settings have greatly contributed to promoting one trend of thought or another. (...) when such settings have determined some optional points of departure for some theories, modifications on the theoretical level may then occur within the realm of theory-thinking itself (Even-Zohar, 1990: 32-33).

Uma vez que o sistema social está a mudar, por consequência do sistema literário e/ou vice-versa, será pretensioso afirmar que a emergência da literatura nos blogues irá, num futuro próximo, promover grandes alterações teóricas e conceptuais? Apesar do contexto sócio-cultural ter grande influência nas tendências literárias, não há forma de prever qual será a próxima. Aquilo que podemos fazer é teorizar sobre as tendências passadas e presentes.

O sistema literário que nós estamos a considerar como modelo para a construção do nosso próprio modelo é o proposto por Itamar Even-Zohar:



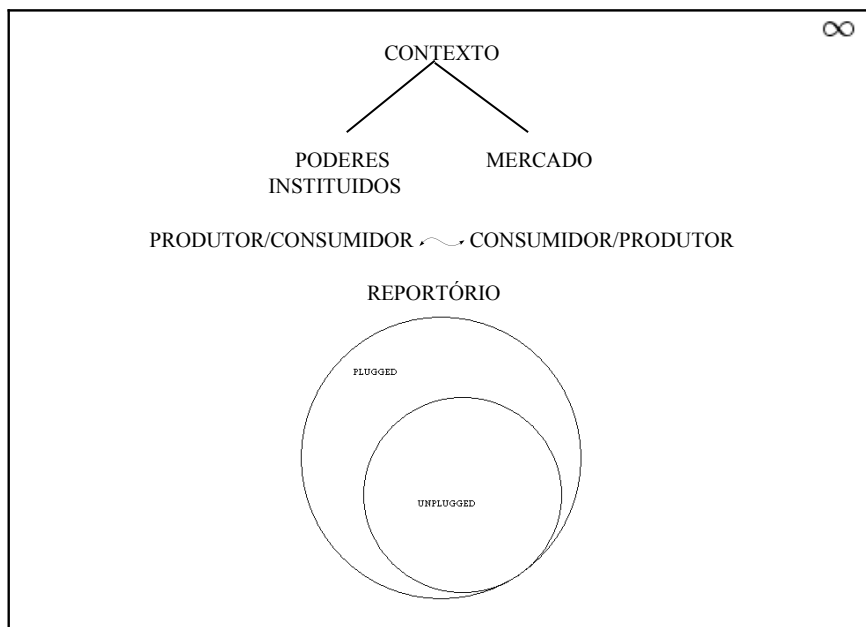
(id: 31)

O sistema acima esquematizado funciona do seguinte modo:

A CONSUMER may “consume” a PRODUCT produced by a PRODUCER, but in order for the “product” (such as “text”) to be generated, a common REPERTOIRE must exist, whose usability is determined by some INSTITUTION. A MARKET must exist where such a good can be transmitted (id: 34).

Como é natural, nenhum destes factores pode ser descrito isoladamente, pois é o seu carácter interdependente que caracteriza a sua função (id: 34).

No entanto, o sistema que pretendemos propor, embora se baseie na proposta de Itamar Even-Zohar – tal como este fez com o sistema de Roman Jakobson (id: 31) – difere desta, pois pretende incluir desde já os objectos literários que estejam online. O sistema que propomos é o seguinte:



Com esta proposta de sistema, pretendemos incluir as produções literárias da internet. Essa inclusão influencia todo o mecanismo do sistema, uma vez que altera o contexto em que a produção literária acontecia, interferindo em questões editoriais e comerciais. Por sua vez, os poderes instituídos encontram um poder alternativo mais forte – porque tem voz e modo de se fazer ouvir – através de um **medium** que os poderes instituídos não podem controlar, conforme já notámos no capítulo anterior

através de um exemplo retirado do nosso **corpus**. O mercado também se altera porque a produção na internet, conforme afirma António Dias de Figueiredo, funciona de forma inversa à produção literária tradicional em que o leitor tem de pagar para ler; no que diz respeito à internet, e especificamente ao blogue, o leitor não tem que pagar para consumir (Figueiredo, 2005: 156). E a haver alguém a pagar, será o produtor do blogue que recorre a um serviço para tornar a sua produção pública (id: 156). Neste contexto produtor torna-se também consumidor porque ao obter resposta do do seu consumidor – que se tornou produtor porque pode contribuir através de comentários no conteúdo original – consome a contribuição feita ao seu conteúdo. Por fim, isto influencia também o conhecimento partilhado por uma comunidade, na medida em que temos que considerar os sujeitos que têm acesso à internet e os que não têm acesso e as disparidades entre eles.

Isto significa que a introdução de um novo **medium** alterou todo o contexto, tendo influência em todas as áreas – conforme nota José Afonso Furtado, citando Henri-Jean Martin:

O aparecimento de uma nova técnica de comunicação quase nunca elimina as que a precederam. Limita-se a impor uma nova repartição de tarefas no sistema global que condiciona as mentalidades nos diversos escalões de uma sociedade (Furtado, 1995: 91).

Embora Itamar Even-Zohar definisse o contexto implicitamente – através da instituição e do mercado –, nós optámos por fazê-lo explicitamente, uma vez que se alterou profundamente.

O pano de fundo sobre o qual estamos a trabalhar é a Web 2.0, expressão cunhada por Dale Dougherty em 2004, numa conferência sobre o futuro da internet (Anderson, 2007: 4). Mais tarde, Tim O'Reilly explicou detalhadamente o significado da expressão (O'Reilly, 2005), que nós iremos desenvolver para que melhor possamos

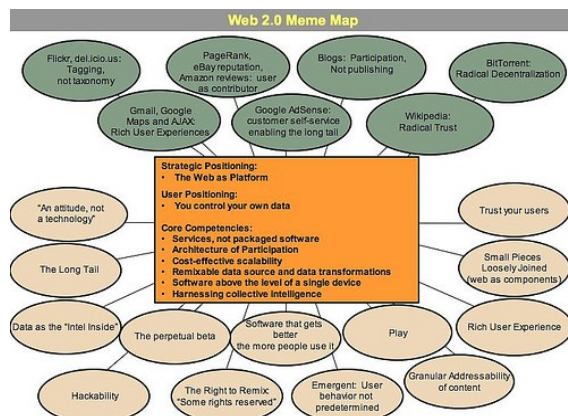
explicar o sistema que propomos. Tim O'Reilly propôs um esquema⁷ resultado de um brainstorming (O'Reilly, 2005) para explicar o funcionamento, que pode ser resumido em *seis ideias-chave* sintetizadas por Paul Anderson:

Individual production and user generated content, harness the power of the crowd, data on an epic scale, architecture of participation, network effects, openness (Anderson, 2007: 13).

Estas seis ideias chave constituirão o pano de fundo sobre o qual assenta o nosso contexto – *poderes instituídos e mercado* – que influenciam directamente as relações entre todos os elementos do sistema literário que propomos.

Individual production and user generated content, ou produção individual e conteúdo criado pelo utilizador, significa que qualquer indivíduo que cria informação pode disponibilizá-la através da internet. Mais do que aceder a receber conteúdos, o sujeito cria. Hoje em dia, conforme afirma Paul Anderson, qualquer pessoa, com apenas alguns cliques no rato, disponibiliza no seu espaço pessoal da internet um vídeo ou uma fotografia captados com a sua câmara digital, tornando esse conteúdo acessível a qualquer indivíduo (id: 13). Paul Anderson refere também o exemplo do blogue e de como a escrita individual e colectiva também gera informação (id: 13). Ilustremos esta afirmação de Paul Anderson com um exemplo retirado do nosso **corpus**:

7 Web 2.0 Meme Map (O'Reilly, 2005)



I look at them in their armored [sic] vehicles and to be honest- I can't bring myself to care whether they [American Coalition Forces] are 19 or 39. I can't bring myself to care if they make it back home alive. I can't bring myself to care anymore [sic] about the wife or parents or children they left behind. I can't bring myself to care because it's difficult to see beyond the horrors. I look at them and wonder just how many innocents they killed and how many more they'll kill before they go home (Riverbend, 11.07.2007).

Embora este excerto seja uma reflexão pessoal, não deixa de transmitir e criar informações sobre a guerra no Iraque.

Harness the power of the crowd, significa para Tim O'Reilly, o fomento da inteligência colectiva através da participação e partilha de todos (id: 14). Este é naturalmente um conceito problemático, pois estamos a englobar a partilha de todos os conteúdos possíveis, do melhor ao pior, conforme já tinha observado Lev Grossman no seu artigo na revista *Time*:

It's a mistake to romanticize all this any more than is strictly necessary. Web 2.0 harnesses the stupidity of crowds as well as its wisdom. Some of the comments on YouTube make you weep for the future of humanity just for the spelling alone, never mind the obscenity and the naked hatred (Grossman, 2006).

Contudo, aquilo que se pretende, acima de tudo, é a participação. Os dois conceitos mais importantes são o de **crowdsourcing**⁸ e a de **folksonomy**⁹, isto é, formas de identificação da informação através de etiquetas criadas pelo produtor. O blogue *Auto-retrato* apresenta, entre muitas outras, a seguintes etiquetas de identificação de conteúdos: “Música, videografias” (Lavos e Viegas, 21.03.2008, 25.03.2008) [URL:

8 “The term crowdsourcing was coined by *Wired* journalist Jeff Howe to conceptualise a process of Web-based out-sourcing for the procurement of media content, small tasks, even solutions to scientific problems from the crowd gathered on the Internet. At its simplest level, crowdsourcing builds on the popularity of multimedia sharing websites” (Anderson, 2007: 15).

9 “Folksonomy is the result of personal free tagging of information and objects (anything with a URL) for one's own retrieval [sic]. The tagging is done in a social environment (shared and open to others). *The act of tagging is done by the person consuming the information.*’ [my italics]”, definição de Vander Wal citado por Anderson (Anderson 2007: 16). “Vander Wal's key points concerning what he considers to be the value of folksonomy over taxonomy: that groups of people with a similar vocabulary can function as a kind of 'human filter' for each other” (id: 17).

<http://retrato-auto.blogspot.com/2008/03/road-to-nowheretalking-heads.html> e <http://retrato-auto.blogspot.com/2008/03/protectionmassive-attack.html>, consultado em 25.03.2008], “Entretenimento, política” (Lavos e Viegas, 23.03.2008) [URL: <http://retrato-auto.blogspot.com/2008/03/ai-pobre-de-mim.html>, consultado em 25.03.2008], “Literatura” (Lavos e Viegas, 19.03.2008) [URL: <http://retrato-auto.blogspot.com/2008/03/falar.html>, consultado em 25.03.2008].

Data on an epic scale significa que cada vez que um sujeito cria conteúdos, dados são adicionados sem que outros sejam subtraídos, ou seja, a quantidade de dados cresce exponencialmente a cada instante, atingindo proporções épicas (Anderson, 2007: 17). Para isso a **folksonomy**, como forma de identificação de informação, desempenha um papel muito importante, pois é mais uma forma de catalogar e organizar a quantidade crescente de informação (id: 17, 18).

Architecture of participation, ou arquitectura de participação, significa que pelo uso de um serviço, automaticamente esse serviço melhora (id: 18). Citando Tim O’Reilly, Paul Anderson afirma:

‘There’s an implicit ‘architecture of participation’, a built-in ethic of cooperation, in which the service acts primarily as an intelligent broker, connecting the edges to each other and harnessing the power of the users themselves’ (id: 18).

Network effect significa que quantas mais pessoas utilizam um serviço/produto, mais este vai ser valorizado, independentemente do serviço/produto que for (id: 19). Apesar dos sujeitos que não estão ligados à internet funcionarem da mesma forma, em que um produto é valorizado pela sua utilização, estão sujeitos às contingências dos **media** instituídos.

Openness, ou seja, abertura, diz respeito à forma como os conteúdos são utilizados e reutilizados livremente, quer estes sejam software, texto, música, vídeo ou

imagem (id: 24). Qualquer conteúdo publicado num blogue, por exemplo, é passível de ser copiado e distribuído livremente. Naturalmente, esta abertura levanta diversas questões legais, nomeadamente de propriedade intelectual e copyright.

À luz destas alterações, também o contexto sofreu mudanças. Tanto os poderes instituídos como o mercado têm que rever os seus papéis no panorama actual. Os poderes instituídos, aquilo a que Itamar Even-Zohar chamou instituição, continuam a desempenhar um papel semelhante ao que desempenham no sistema no qual nos baseamos. Apesar de agora se debaterem com o poder emergente do indivíduo que se agrupa em comunidades na internet, os poderes instituídos ainda continuam a determinar quem e quais as produções literárias que vão permanecer, as que não vão ser esquecidas por uma comunidade (Even-Zohar, 1990: 37). Conforme afirma Itamar Even-Zohar, este poderes instituídos incluem:

Producers, “critics” (...) publishing houses, periodicals, clubs, groups of writers, government bodies (...) educational institutions (...) the mass media in all its facets, and more (id: 37).

O artigo de Lev Grossman é sintomático deste contexto de mudança, em que os poderes instituídos são cada vez mais postos em causa. Se por um lado coloca o poder do lado do cidadão comum, por outro demonstra que este poder ainda tem que ser reconhecido e legitimado por um **medium** tradicional até ser considerado poder.

O mercado é o conjunto de factores envolvidos nos actos de compra e venda de produtos literários (Even-Zohar, 1990: 38). Apesar do mercado estar intimamente ligado aos poderes instituídos, é colocado em causa de outra forma uma vez que os blogues são gratuitos, tanto a sua produção como consumo – isto aplicado a quem tem acesso à internet, é claro. Um mecanismo que o mercado utilizou para fazer frente esta

situação – o acesso gratuito ao blogue – foi imprimir o blogue e lançá-lo noutra plataforma – o livro – conforme os exemplos já dados.

Embora já tivéssemos referido sumariamente o papel do sujeito como produtor/consumidor ou como consumidor/produzidor quando contextualizámos o nosso sistema, vamos agora desenvolvê-lo. Poderemos, por vezes utilizar as expressões abreviadas – produtor e consumidor – mas fá-lo-emos apenas por questões de economia.

Tal como afirmámos no capítulo anterior, preferimos a terminologia produtor, uma vez que o sujeito acumulava também tarefas editoriais, mais do que a tarefa única de criar. O produtor, conforme já referimos, tem que gerir os conteúdos que cria, dar-lhe forma, e apresentá-los digitalmente na forma de um blogue. Apesar de preferirmos produtor a autor, não concordamos com a posição de Roland Barthes em que o escritor – não autor – só existe com o seu texto (Barthes, 1967). A utilização de produtor ao invés de autor não deve, de modo algum, ser identificada com a posição de Roland Barthes em relação à morte do autor. Giuseppe Granieri explica o papel do produtor/consumidor, o seu carácter interactivo e a multiplicidade de acções que pode desempenhar do seguinte modo:

Cada bloguista procura na internet estímulos que considera interessantes e propõe aos seus leitores os melhores frutos da sua pesquisa ou, em qualquer caso, tudo aquilo que de algum modo lhe provoca um comentário (Granieri, 2005: 80).

Os consumidores reagem aos estímulos que o produtor lhes propôs, através da caixas de comentários, de emails ou de publicações nos seus próprios blogues. No momento em que o produtor actua sobre as reacções dos seus consumidores, ele próprio se transforma em consumidor, em produtor/consumidor. Vejamos como isto pode funcionar através de um exemplo retirado do nossos **corpus**:

It's fascinating to watch the world beyond Iraq prepare for the World Cup. I get pictures by email of people hanging flags and banners, in support of this team or that one. (Riverbend, 31.05.2006)

Ao desenvolver o t3pico do campeonato mundial de futebol de 2006 a produtora refere imagens que recebe via email e, embora n3o esteja a utilizar nenhuma no seu blogue, est3a a trabalhar sobre informa33o que recebe dos consumidores do seu blogue.

O consumidor/produtor tem v3rios n3veis de participa33o. Pode ser um consumidor directo – que procura deliberadamente determinados conte3dos –, ou um consumidor indirecto – que consome fragmentos de conte3dos liter3rios, mediados por v3rios agentes, quer os **media** tradicionais, quer outros sujeitos (Even-Zohar, 1990: 36). O consumidor directo procura o blogue *Baghdad Burning* porque o deseja ler; o consumidor indirecto procura qualquer blogue sobre o Iraque e casualmente l3 o blogue *Baghdad Burning*. Um consumidor, directo ou indirecto que lesse o seguinte excerto retirado do nosso **corpus**, estaria a tornar-se num consumidor indirecto:

Emily Dickinson wrote, “*hope is a thing with feathers*”. If what she wrote is true, then hope has flown far- very far- from Iraq (Riverbend, 06.06.2006).

Ao contactar com o verso/t3tulo do poema “*Hope is a thing with feathers*” de Emily Dickinson, estaria a consumir literatura indirectamente. Um consumidor directo que desejava ler o blogue *Baghdad Burning*, ao ler o excerto acima apresentado, seria ao mesmo tempo consumidor directo e indirecto. As rela33es que se estabelecem entre produtores/consumidores e consumidores/produtores s3o simbolizadas por uma seta de dois sentidos em zig-zag, uma vez que podemos considerar que o produtor/consumidor tem um consumidor/produtor para o qual est3 a produzir e tem tamb3m um consumidor/produtor que n3o previu que iria consumir a sua produ33o.

Para Itamar Even Zohar, “«Repertoire» designates the aggregate of rules and materials which govern both the making and use of any given product” (Even-Zohar, 1990: 39). São estas regras que regulam toda a actividade literária, da produção ao consumo, e quanto maior for a comunidade que faz uso destes produtos, maior será o reportório (id: 39). No entanto, *dividimos o reportório em dois círculos*: o primeiro o dos sujeitos *plugged*, que tanto têm acesso aos **media** tradicionais, como à internet; o segundo, dos sujeitos *unplugged*, que só têm acesso aos **media** tradicionais. Mantivemos os conceitos em inglês, da mesma forma que Giuseppe Granieri fez quando desenvolveu a seguinte oposição:

Se pensarmos um pouco nos hábitos de um cidadão *unplugged* e de um cidadão ligado à Net pós-blogues [*plugged*], a diferença na relação com a informação (e mais em geral com a cultura) é enorme. De facto, o primeiro expõe-se «passivamente» e «casualmente» à informação. Passivamente porque não tem modo de a aprofundar e escolher as suas prioridades, e muito menos tem a possibilidade de interagir com quem os informa. (...) E casualmente, também, porque (...) na organização diária do seu tempo diário o indivíduo não tem modo de aceder de maneira sistemática a um leque de informações bastante completo e imediatamente disponível quando tem tempo e atenção para o fazer (Granieri, 2005: 106)

Ou seja, o sujeito *plugged* tem disponível um reportório mais alargado, pois tem disponíveis os **media** tradicionais e a internet. O sujeito *unplugged* dispõe apenas dos **media** tradicionais, logo, de um reportório menos alargado. De acordo com Itamar Even-Zohar consoante o seu reportório, um conteúdo pode ser considerado literário ou não:

Manifestations of “literature” are considered to exist on various levels, the “literary repertoire” may be conceived of as an aggregate of specific repertoires for those various levels (Even-Zohar 1990: 40).

O *reportório* é o *conhecimento partilhado necessário para produzir e compreender uma manifestação literária*. Este conhecimento partilhado é, em certa medida, aquilo de que falámos no capítulo anterior citando Jacques Derrida. O *reportório* é uma maneira mínima de ser em que “o mesmo conceito deve supor ao mesmo tempo um destinatário capaz da mesma competência, quer dizer, de entender e traduzir de modo unívoco” (Derrida, 2004: 31). Vamos, através de um exemplo retirado do nosso **corpus**, ver como estas afirmações operam:

In mid March, “Baghdad Burning” won [Best Middle East and Africa blog and received a Bloggie](#) so I thought the sudden surge of congratulatory emails was for that esteemed blog award (we would like to thank the academy...) (Riverbend, 02.04.2006).

Só quem tem um blogue, ou quem está intimamente familiarizado com o universo do blogue, sabe o que é um *Bloggie* – um prémio que contempla os melhores blogues anualmente – e partilha a maneira mínima de ser necessária para compreender este excerto. Mesmo que estejamos a falar de um cidadão *plugged* que tem acesso à internet, este sujeito pode não estar familiarizado com o universo dos blogues, logo não partilha o mesmo *reportório*. Por oposição, um sujeito que partilha o mesmo *reportório* não terá dificuldades em compreender este excerto.

4. A multimedialidade da literatura ao longo da história

Apesar de hoje em dia as mais expressivas manifestações literárias serem através de textos (Even-Zohar, 1990: 40), isto não significa que as manifestações mais expressivas da literatura tenham sempre sido através de textos. Basta que nos

recordemos, por exemplo, de Homero e Platão, cujas obras foram inicialmente ditas e não escritas.

Manuel Frias Martins, citando Alvin B. Kernan, sintetiza uma história da literatura, partindo do arquitepo clássico, através de três grandes sistemas:

O primeiro sistema surge pela poesia oral do poeta vático (...) no terreiro ou no castelo do senhor feudal; o segundo surge pelo sistema de letras palacianas, primordialmente oral, mas modificado pela escrita (...) floresceu sob a forma de arte dos amadores aristocratas nas novas cortes renascentistas dos príncipes italianos e reis europeus; o terceiro, a «literatura», surgindo pela ordem literária romântica assente na publicação (...) estende-se do século XVIII até ao presente (Martins, 2003: 94).

O que esta muito resumida história da literatura nos mostra é que, ao longo dos séculos, o **medium** para veicular literatura nem sempre foi o mesmo. Nem mesmo aquilo a que se chamou literatura foi o mesmo ao longo dos séculos (id: 92). Apesar de tudo, conforme afirma Manuel Frias Martins, “o termo literatura foi invariavelmente usado de um modo inclusivo” (id: 92). Isto será verdade se olharmos para a história da literatura numa perspectiva global. Contudo, se olharmos em pormenor para os períodos de transição, observaremos que nesses momentos a literatura canónica, a que se encontra no centro do sistema, não é receptiva a novas tendências, uma vez que está a ser posta em causa. Mas, conforme já referimos, são essas relações de tensão que fazem com que o sistema funcione.

Platão é exemplo de que os períodos de transição nem sempre foram inclusivos. Embora tivesse conhecimento da escrita, Platão preferia o método da dialéctica¹⁰ (Platão, 2001: VII. 533c-d). Considerava a escrita uma vaidade, conforme deixou explícito no seu diálogo com Fedro:

¹⁰ O termo dialéctica, neste contexto, deve ser entendido como um processo de discussão oral por meio de pergunta e resposta, não deve ser confundido com o conceito hegeliano, conforme afirma Maria Helena da Rocha Pereira (Pereira, 2001: xxxii-xxxiii), na introdução d’*A República* de Platão.

Não vês que os nossos políticos mais vaidosos são justamente aqueles que fazem muitos discursos, que se dedicam à logografia, ansiosos de deixarem os seus escritos para a posteridade? (Platão, 2000: 257e).

Para Platão a escrita era algo que ficava fixo, que não se podia alterar, sendo essa a sua maior crítica:

Uma vez escrito, um discurso chega a toda a parte, tanto aos que o entendem como aos que não podem compreendê-lo e, assim, nunca se chega a saber a quem serve e a quem não serve. Quando é menoscabado, ou justamente censurado, tem sempre necessidade da ajuda do seu autor, pois não é capaz de se defender nem de se proteger a si mesmo (id: 275e).

Por essa razão, de que o texto é incapaz de se defender, para Platão a arte da dialéctica é superior:

Todavia, acho muito mais bela a discussão destas coisas quando se semeiam palavras de acordo com a arte dialéctica (...) Quando se plantam discursos que se tornam auto-suficientes e que, em vez de se tornarem estéreis, produzem sementes e fecundam outras almas, perpetuando-se e dando ao que os possui o mais alto grau de felicidade que um homem pode atingir (id: 276e-277a).

Não pretendemos mostrar que um **medium** é melhor ou mais válido que outro mas que, em períodos de transição, vistos ao pormenor, a literatura nem sempre foi inclusiva. Aquilo que pretendemos mostrar é que o *blogue* se está a afirmar como **medium** literário, e que tanto a literatura canónica e impressa que se encontra no centro do sistema, como os poderes instituídos que a servem estão a resistir à inclusão de um novo **medium** – como é, aliás, a sua função.

Tendo em conta aquilo que já anteriormente afirmámos, a teoria dos polissistemas integra objectos de estudo que nem sempre foram tidos em conta e que, de acordo com Itamar Even-Zohar, agora são “a precondition, a *sine qua non*, for an adequate understanding of any semiotic field” (Even-Zohar, 2005: 3-4). Não estudamos apenas os segmentos prestigiados da cultura, ou da literatura, mas incluímos tudo, uma

vez que, conforme afirma Itamar Even-Zohar “this kind of biased elitism cannot be compatible with cultural history” (id: 4). Também Manuel Frias Martins afirma que a literatura não deve ser entendida como um conceito fechado, uma vez que não serve as mesmas necessidades e interesses de todas as pessoas em todos os tempos e em todas as suas manifestações (Martins, 2003: 106). Ou seja, não só podemos, como também devemos, incluir o blogue como uma manifestação de literatura.

5. Da literatura: a não definição

É sem dúvida que afirmamos que nomes como Maria Velho da Costa, José Saramago, Don DeLillo, Philip Roth entre muitos outros, são literatura. Isto acontece quando falamos de autores cujas obras são canónicas e se encontram no centro do sistema. Mas uma vez que o conceito de literatura não tem limites definidores, quanto mais próximos nos encontrarmos da periferia do sistema mais dúvidas podem surgir. Contudo isto não deve ser razão de exclusão da literatura, conforme afirma E.D. Hirsh citado por Manuel Frias Martins:

Só vagamente sabemos o que é literatura, e por isso qualquer tentativa para afastar essa incerteza com uma definição falsifica, de facto, o nosso conhecimento da palavra em vez de o clarificar. Definir é só assinalar limites, distinguindo o que é literatura daquilo que não é, mas o nosso conhecimento da literatura não possui estes limites definidores; há muitos casos em que não temos a certeza – casos importantes, e não unicamente casos periféricos (Martins, 2003: 98).

De acordo com Manuel Frias Martins, os *casos incertos* que E.D. Hirsh aponta seriam aqueles que não corresponderiam às definições genéricas que a teoria da literatura constrói. Esta observação surge da oposição teórica entre E.D. Hirsh e

Michael Rifaterre, propondo este último a exclusão de alguns textos do sistema literário, por não respeitarem determinadas características fundamentais exclusivas (Martins, 2003: 99).

Quando procuramos uma definição, seja ela qual for, o que procuramos não são as características do objecto ou a expressão em causa. Segundo John M. Ellis, aquilo que procuramos são as circunstâncias adequadas para utilizar esse objecto ou expressão.

Conforme afirma este autor:

When we seek a definition, what we are seeking is not a statement of the features held in common by the members of the category, but the appropriate circumstances for the use of the word and features of those circumstances that determine the willingness or unwillingness of the speakers of the language to use the word (Ellis, 1974: 34).

Propondo uma definição de literatura fixa e com regras rígidas, acabamos por excluir objectos que, sem dúvida têm valor literário. Ou seja, aquilo que devemos procurar não são as características fundamentais exclusivas da literatura, mas sim as circunstâncias adequadas para utilizar a expressão literatura.

Conforme já afirmámos anteriormente, nas palavras de Itamar Even-Zohar, o sistema literário é “the complex of activities, or any section thereof, for which systemic relations can be hypothesized to support the option of considering them «literary»” (Even-Zohar, 1990: 28). Ou seja, os objectos pertencentes a este sistema são aqueles cuja comunidade, nas circunstâncias que considera adequadas, trata como literatura.

John M. Ellis corrobora esta posição de Itamar Even-Zohar, afirmando:

Literary texts are not defined as those of a certain shape or structure, but as those pieces of language used in a certain kind of way by the community. They are used as literature (Ellis, 1974: 42).

O blogue *Baghdad Burning* ao ter ganho o prémio *Lettre Ulysses* (2005) e ter sido nomeado para o prémio *Samuel Johnson* (2006) está a ser tratado como literatura por uma certa comunidade. Podíamos questionar esta afirmação, afirmando que o prémio que ganhou, assim como a nomeação, aconteceram em formato livro. No entanto, o formato livro é apenas a impressão do formato blogue, com todas as suas limitações e possibilidades. A literatura não deve ser associada a um **medium** ou a outro, uma vez que os **media** que veiculam a literatura têm, ao longo da história, mudado, conforme já notámos. O que está em causa no blogue *Baghdad Burning* enquanto literatura não é o **medium**, mas sim a manifestação textual que veicula.

Não são os produtores que determinam aquilo que é literatura. É a comunidade, na qual os produtores estão incluídos, que determina, segundo John M. Ellis:

Texts are made into literature by the community, not by their authors. (...) It is the agreement of the community that makes them into literature, in that the category is defined as those texts used in this way by the community, not as those texts offered for that use (Ellis, 1974: 47).

Quando falamos da comunidade que determina quais são os textos literários ou não, referimo-nos aos poderes instituídos, ao mercado, aos produtores/consumidores e consumidores/produtores, conforme já referimos. É esta comunidade que determina o seu repertório.

Harold Bloom tem uma posição diferente da expressa por John M. Ellis quando afirma que “writers, artists, composers themselves determine canons, by bridging between strong precursors and strong successors” (Bloom, 1994: 487). Apesar destas posições parecerem opostas, ambas fazem parte daquilo a que Itamar Even-Zohar chama a dinâmica do sistema (Even-Zohar, 2005: 7). Se por um lado os produtores pretendem ser reconhecidos, como nas palavras de W. Somerset Maugham “I want to be read and I think I am justified in doing what I can to make my book readable”

(Maugham, 1963: 8), por outro têm que esperar alguma validação social da sua obra. A dinâmica do sistema depende do (des)equilíbrio destas duas posições.

Tanto o conceito de literatura, como o conceito de cânone, oscilam entre estes dois movimentos. O do desejo do produtor e a determinação comunitária.

Andrew Milner desenvolve a seguinte ideia:

Empirical sociological research has repeatedly confirmed that literature tends to be valued by the more educated, more affluent and more powerful groups, “fiction” by the less well educated, less affluent and less powerful. Such evidence can be read as meaning either that the dominant groups tend to have better taste in “art” or merely that they have the power to define as “art” whatever is they tend to prefer (Milner, 1996: 17).

A afirmação de Andrew Milner pode ser posta em causa do seguinte modo: a literatura não é só valorizada pelas classes mais educadas. Tanto a classe mais educada como a menos educada, como Andrew Milner lhes chama, têm diferentes textos aos quais chamarão literatura, embora possam ter pontos de contacto. Recordamos o conceito de canonicidade, que já explorámos, em que a literatura pode estar mais ou menos próxima do centro do sistema, o que pode explicar a razão pela qual algumas obras são mais valorizadas do que outras. A distinção que Andrew Milner faz entre literatura e ficção não respeita o uso que a comunidade lhe dá. “Literatura” e “ficção” podem ambas ser literatura se forem tratadas como tal. Conforme afirma John M. Ellis:

The category of literary texts is not distinguished by defining its characteristics but by the characteristic use to which those texts are put by the community. Literary texts are those used in a way that is characteristically different from others uses of language (Ellis, 1974: 50).

O texto literário pode ser encontrado em qualquer **medium**, desde que a comunidade o esteja a tratar como um texto literário, independentemente das suas características, conforme já mostrámos através do exemplo do blogue *Baghdad*

Burning. O único requisito é, conforme também já notámos, que a comunidade partilhe o mesmo reportório.

Há uma relação muito próxima entre a sociedade e a literatura, na medida em que ambas se espelham. De acordo com Harry Levin, “the relations between literature and society are reciprocal. Literature is not only the effect of social causes; it is also the cause of social effects” (Levin, 1973: 62). No seguinte exemplo retirado do nosso **corpus**, a produtora do blogue relata como uma amiga de infância, cristã, é obrigada a usar o véu como medida de segurança:

She was getting ready to leave before the sun set, and she picked up the beige headscarf folded neatly by her side. As she told me about one of her neighbors [sic] being shot, she opened up the scarf with a flourish, set it on her head like a pro, and pinned it snugly [sic] under her chin with the precision of a seasoned hijab-wearer. All this without a mirror- like she had done it a hundred times over... Which would be fine, except that M. is Christian (Riverbend, 05.08.2006).

Este excerto revela as condições sociais de um país, que após a guerra é ameaçado pelo extremismo islâmico, em que não é seguro para uma mulher sair à rua sem usar o véu. No entanto, a literatura também é a causa de efeitos sociais: sendo veiculada através de um novo **medium** – o blogue – a literatura questiona os poderes instituídos e mercado que, desde a invenção de Gutenberg, encaravam a literatura exclusivamente associada ao livro. Conforme já afirmámos, citando Manuel Frias Martins, “a literatura, como qualquer outra realidade social, está envolvida de vários modos com o mundo social mais vasto” (Martins, 2003: 95).

Platão fez uma reflexão semelhante, quando desenvolvia os vários tipos de cidade e os homens que nelas habitavam, “em cada uma de nós estão presentes as mesmas partes e caracteres da cidade” (Platão, 2001: IV. 435e). Isto significa que os cidadãos constituem as cidades e que as cidades, necessariamente, reflectirão o carácter

dos seus cidadãos. Ou seja, a cidade espelha o homem. De forma análoga também a literatura espelha o homem, uma vez que é constituída a partir deste.

Embora a literatura tenha uma origem social, isto não significa que perca o seu valor quando é retirada do contexto de origem. De acordo com John M. Ellis, continua a ter uma função social:

That literature is language that no longer functions in a particular context does not mean that it does not have a general social function; on the contrary, it indicates precisely that its function has become a more general one in the life of the community (Ellis, 1974: 52).

O exemplo de que há pouco tratámos, em que o uso do véu se transformava numa medida de segurança, ao ser lido fora do contexto da guerra do Iraque e fora do contexto islâmico pode não ter uma função social, mas a maneira mínima de ser, que nos permite partilhar determinados reportórios com produtora do blogue, permite-nos compreender, fora do contexto de origem, a função desse mesmo texto.

6. A literatura do novo milénio: Italo Calvino revisitado

Há muitas características que podemos atribuir à literatura, sem que estas a definam totalmente. Em meados dos anos oitenta do século vinte, Italo Calvino reflectiu sobre algumas dessas características que fizeram parte da história da literatura e que podiam ser equacionadas tendo em conta o novo milénio que se aproximava (Calvino, 1996: 1). Desde que as reflexões foram feitas já passaram vinte e dois anos, e sete anos desde o início do milénio.

Embora a literatura não possa ser definida pelas suas características, mas sim pela sua função, não deixamos de reconhecer que a literatura tem características. Em meados dos anos oitenta do século vinte, Italo Calvino reflectiu sobre algumas dessas características, que fizeram parte da história da literatura e que podiam ser equacionadas tendo em conta o novo milénio que se aproximava (Calvino 1996: 1). Desde que as reflexões foram feitas já passaram vinte e três anos e oito anos desde o início do milénio. Pretendemos cruzar essas características com o nosso **corpus** de estudo. Se algumas coisas se alteraram, outras permaneceram, mas as reflexões que Italo Calvino fez continuam a ser tão pertinentes como quando foram escritas.

As características, peculiaridades, valores, ou qualidades, como Italo Calvino lhes chama, são a *leveza*, a *rapidez*, a *exactidão*, a *visibilidade*, a *multiplicidade*. Inicialmente eram para ser seis, mas o autor faleceu sem que tivesse tido oportunidade para explorar a sexta, *consistência*. Seguiremos a mesma sequência que Italo Calvino, ilustrando as afirmações com exemplos retirados do nosso **corpus**.

Italo Calvino encontra três sentidos de *leveza* para a literatura. Não exclui nem o seu oposto – o peso – nem a possibilidade de haver mais sentidos de leveza na literatura, mas aquelas que considera ser mais importantes, são aqueles que explicita. Conforme afirma, “there is a lightening of language whereby meaning is conveyed through verbal texture that seems weightless, until the meaning itself takes on the rarefied consistency” (Calvino, 1996: 16). Encontramos, este primeiro sentido de leveza, no seguinte excerto retirado do nosso **corpus**:

She has a deceptively frail look about her- soft, almost transparent skin, a small face framed with long wisps of white hair. Her dark eyes are still very alive and have a look of permanent fascination because her brows are so white, they barely show up against her skin (Riverbend, 22.04.2006).

Na descrição que a produtora faz encontramos uma linguagem que indica *leveza*, através das características enumeradas e adjectivos utilizados. É aí que encontramos o sentido de leveza que Italo Calvino refere. Embora tenhamos utilizado este exemplo, tal não significa que não haja outros ao longo do nosso **corpus**.

A segunda forma de encontrar a leveza na literatura é, de acordo com Italo Calvino:

There is the narration of a train of thought or psychological process in which subtle and imperceptible elements are at work, or any kind of description that involves a high degree of abstraction (Calvino, 1996: 17).

Neste caso a leveza é transmitida através do pensamento, ou da narração do pensamento abstracto, algo que não é palpável nem mensurável. No momento em que a produtora, como acontece no seguinte excerto retirado do nosso **corpus**, reflecte sobre as relações entre o Irão e os EUA, está a narrar o seu próprio pensamento:

The big question is- what will the US do about Iran? There are the hints of the possibility of bombings, etc. While I hate the Iranian government, the people don't deserve the chaos and damage of air strikes and war. I don't really worry about that though, because if you live in Iraq- you know America's hands are tied. Just as soon as Washington makes a move against Tehran, American troops inside Iraq will come under attack. It's that simple- Washington has big guns and planes... But Iran has 150,000 American hostages (Riverbend, 02.05.2006).

O terceiro e último sentido de leveza desenvolvido por Italo Calvino, diz respeito à imagem visual de leveza:

There is a visual image of lightness that acquires emblematic value (...) Some literary inventions are impressed on our memories by their verbal implications rather than by their actual words (Calvino, 1996: 17).

Neste último sentido, o que conta mais é a imagem visual transmitida, que nos faz abstrair das palavras em si. Ilustramos a afirmação de Italo Calvino com um exemplo do nosso **corpus**:

Emily Dickinson wrote, “*hope is a thing with feathers*”. If what she wrote is true, then hope has flown far- very far- from Iraq (Riverbend, 06.06.2006).

Não só o verso de Emily Dickinson é alusivo a leveza, mas é o seguimento, em que produtora afirma que a esperança voou para longe, que encontramos o terceiro sentido de leveza.

Ainda no que se refere à leveza, Italo Calvino defende ainda uma função para a literatura, “literature as an existential function, the search of lightness as a reaction to the weight of living” (Calvino, 1996: 26). Do seguinte excerto retirado do nosso **corpus**, ficamos com essa sensação de peso que, de acordo com Italo Calvino, a literatura pretende aliviar:

It was the same heavy feeling I get every time I hear of another journalist killed or abducted. The same heavy feeling that settles upon most Iraqis, I imagine, when they hear of acquaintances suffering under the current situation (Riverbend, 12.01.2006).

Muitas vezes o blogue foi encarado como diário pessoal (Querido e Ene, 2003: 9), e essa perspectiva ligava-os a uma escrita muito íntima. No entanto, se pensarmos que qualquer sujeito que escreva está condicionado por um passado cultural, social, um país de origem, uma experiência de vida, podemos encarar a sua eventual escrita diarística e testemunhal no blogue como uma fuga ao peso da vida.

Embora Italo Calvino refira a *rapidez* como característica da literatura, parece-nos que dá mais importância ao tempo. Italo Calvino utiliza o conto popular para referir a importância da rapidez (Calvino, 1996: 35) e as *Mil e uma Noites* para exemplificar como o tempo podia ser expandido: Sherazade encadeava as histórias umas nas outras

para prolongar o tempo e salvar a vida (id: 37). O blogue ao estabelecer ligações com outros blogues – ou outras páginas da internet – expande o texto inicial (Granieri, 2005: 40). Podemos observar, no seguinte excerto retirado do nosso **corpus**, como a produtora do blogue expande o seu próprio texto, estabelecendo uma ligação à página online do serviço noticioso da CNN:

[“A witness, Iraqi Judge Munir Haddad, said that one of the executioners told Hussein that the former dictator had destroyed Iraq, which sparked an argument that was joined by several government officials in the room.](#)

[As a noose was tightened around Hussein's neck, one of the executioners yelled "long live Muqtada al-Sadr," Haddad said, referring to the powerful anti-American Shiite religious leader.](#)

[Hussein, a Sunni, uttered one last phrase before he died, saying "Muqtada al-Sadr" in a mocking tone, according to Haddad's account"](#) (Riverbend, 31.12.2006).

[<http://www.cnn.com/2006/WORLD/meast/12/30/hussein/index.html>]

Outro aspecto do tempo que nos parece ser importante é a rapidez com que, no blogue, um produtor desconhecido se publica. Através de um **medium** de auto-edição (Granieri, 2005: 99-100), o produtor não tem rapidez só no acto de edição e publicação, mas também no acto de resposta, que pode ser imediato. Conforme afirma Giuseppe Granieri:

Os bloguistas têm a vantagem da velocidade. Como se viu por ocasião dos atentados de Madrid ou no caso da libertação dos reféns italianos no Iraque pouco antes das eleições europeias, os blogues têm tempos de resposta muito mais rápidos (id: 70).

No entanto, a afirmação de Giuseppe Granieri é verdadeira em apenas alguns sentidos. Como podemos ver, pelo seguinte exemplo retirado do nosso **corpus**, que o tempo de publicação difere consoante a situação:

This has been the longest time I have been away from blogging. There were several reasons for my disappearance the major one being the fact that every time I felt the urge to write about Iraq, about the situation, I'd be filled with a certain hopelessness that can't be put into words (Riverbend, 18.10.2006).

O tempo real também se aplica à dificuldade que há em publicar conteúdos, quando a ligação à internet é inexistente, ou quando, como no caso da produtora do blogue *Baghdad Burning*, simplesmente não tinha vontade.

A *exactidão*, conforme Italo Calvino a determinou, tem que respeitar as seguintes características

(a) A well defined and well-calculated plan for the work in question (b) An evocation of clear, incisive, memorable visual images (c) A language as precise as possible both in choice of words and in expression of the subtleties of thought and imagination (Calvino, 1996: 55-56).

Para Italo Calvino, a exactidão implica seguir um plano concreto e previamente delineado. De certa forma, está-nos a indicar que a exactidão, segundo a entende, é a realização de um trabalho conceptual. Embora não saibamos se a produtora seguiu um plano concreto, conseguimos descobrir todas estas características no nosso **corpus**. A produtora parodia os Óscares de Hollywood, atribuindo prémios a figuras da cena política iraquiana, de acordo com diversas categorias, incluindo, por vezes, imagens de alguns deles:

Best production:

“OIF: The War on Terror” (originally called “My Daddy’s War”) produced by Washington neocons, including Rumsfeld, Wolfowitz, etc.

“Free Iraqi Elections”- produced (and directed) by Abdul Aziz Al Hakeem et al. and his army (quite literally) of supporters (the Badrists) (Riverbend, 06.03.2006).

Podemos até a firmar que a totalidade deste blogue é conceptual que vez que, desde início, se destinou a relatar a visão pessoal da guerra de alguém que vive em

Bagdade. Nesse sentido, todo o blogue de onde retirámos o **corpus** é exacto, de acordo com Italo Calvino.

Para explorar a *visibilidade* como característica da literatura, Italo Calvino começa por afirmar que, independentemente daquele que surge em primeiro lugar, palavras ou imagens, um leva ao outro (Calvino, 1996: 83). Esta relação entre imagem e texto leva-nos para um universo inter-artes, em que **media** diferentes se relacionam intimamente.

Quando a produtora relaciona as imagens de destruição e posterior reconstrução de vários edifícios públicos (Riverbend, 18.01.2006), utiliza ao mesmo tempo texto e imagens, relacionando ambas. Isto também acontece no momento em que parodia os Óscares de Hollywood, utilizando fotografias de Ibraheim Al-Jaffari, George W. Bush, Bayan Baqir Solagh, Abdul Aziz Al Hakeem e Mihsan Abdul Hameed (Riverbend, 06.03.2006). Porém não se trata de éfrase, pois era necessário que a imagem tivesse existido antes do texto, uma vez que, de acordo com Maria Fernanda Conrado citando Claus Clüver, a éfrase “é a verbalização de textos reais ou fictícios, compostos num sistema sóico não verbal” (Conrado, 1996: 28). Quando Maria Fernanda Conrado fala de sistemas sóicos não verbais, podemos falar de música, vídeo, imagens. Neste caso específico estamos a falar de imagens. Contudo, se a relação de éfrase só pode ser considerada se o texto for construído a partir de uma imagem. Maria Fernanda Conrado dá um exemplo, dizendo que a ilustração de poemas é uma relação inter-artes, mas funciona em sentido inverso ao da éfrase (id: 10). Ou seja, a criação de um texto a partir de uma imagem e vice-versa são relações inter-artes. No entanto, apenas a construção de um texto a partir de uma imagem é que é considerado éfrase. Estas relações inter-artes surgem muitas vezes em blogues, como nos casos de *PostSecret* e *CORPO VISÍVEL*.

Italo Calvino afirma ainda que estamos a perder a capacidade de pensar por imagens devido à quantidade de imagens pré-fabricadas com que somos bombardeados nos diversos **media** (Calvino, 1996: 92). Coloca a questão, pondo em causa a literatura fantástica, “will the literature of the fantastic be possible in the twenty first century, with the growing inflation of prefabricated images?” (id: 95). Como resposta, conjectura duas possibilidades: ou se começa de novo ou as imagens são recicladas (id: 95). Do nosso ponto de vista, uma possibilidade não exclui a outra: por um lado vemos a reciclagem e adaptação cinematográfica de *O Senhor dos Anéis* de J.R.R. Tolkien; por outro vemos também o surgimento de séries como *Harry Potter* de J.K. Rowling e *Eragon* de Christopher Paolini.

Mais do que estarmos a pôr em causa o lugar das imagens na literatura, o que é necessário fazer é observá-las de uma nova perspectiva, tendo em conta os novos **media**. Muitos blogues, hoje em dia, optam por utilizar exclusivamente imagens ou vídeos.

A última característica que Italo Calvino explora é a *multiplicidade*:

The contemporary novel as an encyclopaedia, as a method of knowledge, and above all as a network of connections between the events, the people, and the things of the world (Calvino, 1996: 105).

Embora Calvino use como exemplo o romance, não deixamos de atribuir estas características aos blogues também, como formas de conhecimento. Ilustramos esta afirmação com um excerto retirado do nosso **corpus**:

The name “Samarra” is actually derived from the phrase in Arabic “Sarre men ra’a” which translates to “A joy for all who see”. This is what the city was named by Al-Mu’tasim when he laid the plans for a city that was to compete with the greatest cities of the time- it was to be a joy for all who saw it. It remained the capital of the Abassid Empire for nearly sixty years and even after the capital was Baghdad once again, Samarra flourished under the care of various Caliphs (Riverbend, 23.02.2006).

Este excerto transmite-nos conhecimento sobre história do Iraque. É uma história contingente, que depende da perspectiva do indivíduo que a relata, por isso uma função mutável com diversas variáveis (Smith, 1988: 11). Contudo, não deixa de produzir conhecimento. E como este, encontraríamos mais exemplos no nosso **corpus** e noutros blogues.

Tal como Italo Calvino tinha referido, esta característica é muito comum em romances. Conforme escreve Geoffrey Wall na introdução da versão inglesa de *Educação Sentimental*:

“Unlike *Madame Bovary*, it required sustained historical research (...) gathering material for the historical portion of his novel (...) turned his attention to the details of 1848” (Wall, 2003: xvi-xix).

Isto mostra que a procura de factos históricos para a construção de um texto torna esse texto num objecto de conhecimento, numa enciclopédia, como Italo Calvino lhe chamou (Calvino, 1996: 105), muito seleccionada e subordinada a um tema específico.

Apesar de produzir conhecimento, não podemos encarar tudo aquilo que lemos, quer num livro, quer num blogue, ou noutro **medium** qualquer como sendo uma verdade absoluta. Notemos que, de acordo com Calvino:

Even before science had officially recognized that observation intervenes in some way to modify the phenomenon being observed (...) to know is to insert something into what is real, and hence to distort reality (Calvino, 1996: 108).

Ao longo dos séculos a história da literatura mostra-nos que o **medium** privilegiado se alterou, da oralidade para a escrita, conforme notou Manuel Frias Martins citando Alvin B. Kernan (Martins, 2003: 94). Podemos, por isso, colocar a

possibilidade de o **medium** digital estar lentamente a substituir o **medium** impresso, ainda que estejamos pressupor uma fase embrionária. A história mostrou-nos anteriormente neste capítulo que, embora no geral a literatura fosse inclusiva, nos momentos de transição não o era assim tanto. O facto do nosso trabalho, e muitos outros que estamos a utilizar como base, ter origem no texto digital e nas suas contingências, é sintomático dessa mudança.

É possível teorizar algo sem o definir, conforme afirma Manuel Frias Martins (Martins, 2003: 110-113). Mas se pensarmos que quando procuramos a definição de literatura não procuramos as suas características, mas sim as circunstâncias em que usamos essa expressão (Ellis, 1974: 34), o facto de estarmos a fazer uso da teoria da literatura, não validará o nosso **corpus**, conteúdo de um blogue, como tal? John M. Ellis (Ellis, 1974: 42) e Itamar Even-Zohar (Even-Zohar, 1990: 28), afirmaram que literatura é aquilo que tratamos como literatura. E, conforme afirma Manuel Frias Martins, “a teoria pode ser usada como alternativa dinâmica da definição” (Martins, 2003: 112). Isto significa também que ao aplicarmos conceitos da teoria da literatura ao nosso **corpus**, estamos a encará-lo como literatura.

O **medium** privilegiado para a literatura continua a ser o livro embora nos últimos anos temos observado o crescimento do blogue como **medium** literário. Não sabemos se alguma vez irá substituir o livro, nem nos cabe fazer qualquer tipo de previsão, mas tornou-se de tal forma num fenómeno literário que o seu estudo é, de facto, pertinente enquanto tal.

Capítulo III

Da Remediação

1. Os media, os sentidos e o corpo

Nos capítulos anteriores, temos vindo a afirmar as diferenças dos blogues dos demais precursores, quer estes se encontrem na mesma plataforma – a internet – ou noutra plataforma, como é o caso do livro. Independentemente do **medium** ou da plataforma em que estamos a trabalhar, o modo como nos relacionamos com os **media** é através dos nossos corpos: olhamos para o blogue, tocamos no computador quando produzimos, do mesmo modo tacteamos o livro, ouvimos o rádio ou multimedialmente vemos e ouvimos televisão e cinema, entre outros exemplos. Os seres humanos são seres físicos que, estando confinados a um corpo, experienciam o mundo estabelecendo fronteiras entre o dentro e o fora, olhando para o mundo como algo que lhes é exterior, que está para além de si (Lakoff e Johnson, 1980: 29). Retomamos esta ideia para a enquadrar dentro da teoria dos **media**.

George Lakoff e Mark Johnson afirmam que o modo como nos relacionamos com os objectos é análoga à forma como nos relacionamos com o mundo (id: 29). Se apreendemos o mundo sempre em relação connosco, com os nossos corpos, parece-nos natural que ao longo da história se tenham desenvolvido formas de mediação – pintura, escultura, fotografia, rádio, televisão, internet, etc. – que estão relacionadas com a forma com que apreendemos o mundo através dos cinco sentidos. Parece-nos igualmente

natural que alguns sentidos, neste processo, tenham sido mais privilegiados que outros, como é o caso da visão e da audição. Conforme nota Marshall McLuhan, de cada vez que uma nova tecnologia é introduzida, há sentidos que são privilegiados e outros que são negligenciados:

If a technology is introduced either from within or from without a culture, and if it gives a new stress or ascendancy to one or another of our senses, the ratio among all of our senses is altered. We no longer feel the same, nor do our eyes and ears and other senses remain the same. The interplay among our senses is perpetual save in conditions of anesthesia (McLuhan, 1988: 24)

A invenção do livro através da tecnologia disponível no século XV fez destacar a visão em relação aos outros sentidos, especialmente em relação à audição, **medium** literário privilegiado até então (Martins 2003: 94). A evolução tecnológica continuou a dar ênfase à visão em detrimento dos outros sentidos e essa evolução tomou uma tal direcção que, conforme afirma Jay David Bolter, “on the World Wide Web, the images often dominate” (Bolter, 2001: 47). Embora não possamos ilustrar este domínio através do nosso **corpus**, uma vez que em apenas três publicações, de um total de vinte e três publicações diferentes, recorre ao uso de imagens (Riverbend, 18.01.2006, 06.03.2006, 05.11.2006), tal não significa que não existam outros exemplos que sustentem esta afirmação.

A relação entre os nossos corpos, e respectivos, sentidos e as novas tecnologias – **media** – é desenvolvida do seguinte modo por Arjen Mulder:

All media are directed to our bodies. Media theory endeavours to discover how our bodies react to media and how they are programmed by media to react in a certain way. Media influence our bodies independently of our selves, whether we like it or not. Our bodies, however, do not exist independently of our selves, for who we are and what we are, are almost the same thing. Therefore media also determine a considerable part who we are (Mulder, 2004: 7).

Isto significa que a reacção que teremos perante um **medium** será determinada por esse mesmo **medium** e que as nossas reacções, perante **media** diferentes, serão também diferentes. Contudo, isto não se aplica apenas ao consumidor/produzidor, mas também ao produzidor/consumidor, uma vez que qualquer **medium** influencia todos os pólos da comunicação (id: 25). Ou seja, sabendo que estará a produzir para um blogue, por exemplo, um produzidor/consumidor organizará, seleccionará e publicará os seus conteúdos de um modo diferente daquele que está associado a um livro. Vejamos isto através de um exemplo retirado do nosso **corpus**:

[Before that, we heard the news about the dozens abducted from the Salhiya area in Baghdad.](#) Salhiya is a busy area where many travel agencies have offices (...) Another piece of particularly bad news came later during the day. [Several students riding a bus to school were assassinated in Dora area.](#) No one knows why- it isn't clear. Were they Sunni? Were they Shia? Most likely they were a mix (Riverbend, 06.06.02006).
[http://news.yahoo.com/s/ap/20060605/ap_on_re_mi_ea/iraq_060604184328]
[http://news.yahoo.com/s/nm/20060605/ts_nm/iraq_dc_223:_ylt=An_yyn96X_i1DTdg8J7K8WYUewgF:_ylu=X3oDMTA2ZGZwam4yBHNIYwNmYw--]

A produtora, sabendo que está a produzir para um blogue trabalha com a possibilidade de estabelecer ligações com outras páginas da internet. Contudo, se a sua produção fosse dirigida para um livro, ela não poderia estabelecer a ligação e utilizaria outro modo de citar as suas fontes. O **medium** também é a mensagem, tal como o seu produtor/consumidor e o seu consumidor/produzidor, conforme há muito tinha notado Marshall McLuhan:

When the perverse ingenuity of men has outered some part of his being in material technology, his entire sense ratio is altered. He is then compelled to behold this fragment of himself (...) In beholding this new thing, man is compelled to become it (McLuhan, 1988: 265)

Ou seja, cada um dos **media** tem diferentes possibilidades que limitam e/ou expandem a produção e o consumo. Espen Aarseth observa o seguinte:

A nível físico, a superfície de leitura ficou divorciada da informação armazenada. Pela primeira vez isto desmonta conceitos tais como “o texto em si” em dois níveis tecnológicos independentes: a interface e o *medium* de armazenamento (Aarseth, 2005: 28).

Com a tecnologia que dispomos actualmente podemos imprimir blogues e digitalizar livros. Isto dá-nos a ilusão de que o conteúdo, com a possibilidade destas transferências – entre outras, noutros **media** –, não se encontra limitado por um qualquer **medium**, que se encontra em estado “puro”, como uma substância intangível. Contudo, não nos podemos esquecer que o produtor está a produzir para um **medium**.

Para mostrar como um **medium** pode moldar tudo o que o rodeia, Arjen Mulder utiliza o exemplo dos automóveis, afirmando que estes moldaram a paisagem e organização do mundo. Afirma ainda que a capacidade que um automóvel tem para ir do ponto A ao ponto B não é o efeito do **medium**, mas sim o seu conteúdo. O efeito do **medium** automóvel é a reorganização do espaço em sua função (id: 37). De forma análoga podemos entender o livro e o blogue.

Tendo presente a noção vulgar de livro de que tratámos no primeiro capítulo (i.e., o livro enquanto objecto tipográfico, suporte material de escrita, veículo da comunicação e modalidade da conservação do saber), o efeito do **medium** livro não é a informação que guarda – esse é o seu conteúdo. O efeito do **medium** livro é a organização do sistema cultural em função dele mesmo enquanto **medium**, designadamente através do mercado livreiro, de bibliotecas, salas de leitura, referências bibliográficas, o livro como base para filmes, álbuns de música, pinturas e fotografias.

O livro funciona também como uma extensão da nossa memória. A capacidade que o livro tem de guardar informação faz com que a nossa memória diminua, conforme

já foi notado por Platão (Platão, 2000: 244a-275b) e por Steven Harnad que, embora referindo-se ao efeito dos computadores e das calculadoras, observa como os **media** podem alterar decisivamente a nossa estrutura interna:

There may be some validity to the concern that too-early reliance on computers for information-retrieval by children may weaken their internal memory-retrieval powers, just as too-early reliance on calculators for arithmetic operations may weaken their calculational and even conceptual powers (Harnad, 2007).

Mas tal como a informação retirada de computadores e o uso de calculadoras para operações aritméticas interferem com a nossa estrutura mental, também o uso do livro como extensão da memória acaba por interferir – embora possa estar tão instituído que já não damos conta dessa interferência. Com isto pretendemos notar que qualquer **medium** de referência, qualquer que seja, moldará a nossa estrutura cognitiva. Marshall McLuhan, citando J.C. Carothers, ilustra isto do seguinte modo:

Rural Africans live largely in a world of sound – a world loaded with direct personal significance for the hearer – whereas the Western Europe lives much more a visual world which is on the whole indifferent to him (McLuhan, 1988: 19).

Nesta configuração, a expressão “ver para crer” faz muito sentido para um ocidental – e “ocidental” não é aqui uma referência geográfica mas sim cultural – cujo **medium** predominante é essencialmente visual. Contudo, não fará sentido para alguém cujo **medium** predominante é essencialmente oral. Ou seja, as diferenças cognitivas, estruturais e organizacionais dependem do **medium** de referência de uma determinada cultura.

Tudo isto que temos vindo a afirmar são efeitos do **medium** livro. Mas do mesmo modo que a introdução do **medium** livro redefiniu e, de certa forma, redesenhou o sistema o instituído também agora o **medium** blogue, começa a redefinir

e, eventualmente, redesenhará o sistema cultural instituído, ainda centrado no livro. Citando Roger Chartier, José Afonso Furtado reflecte sobre estas alterações e sobre estas tensões:

A “revolução do presente é, sem dúvida, de maior alcance que a de Gutenberg. Ela modifica não só a técnica de reprodução do texto, mas também as estruturas e as próprias formas do suporte que o comunica aos leitores”. Ou seja, se o livro impresso era o herdeiro do manuscrito, “com a substituição do códice pelo ecrã, a transformação é muito mais radical, pois são os modos de organização, de estruturação e de consulta do suporte do escrito que se encontram modificados” (Furtado, 1995: 91).

Com a invenção do livro e posterior democratização até se ter transformado no **medium** de referência de armazenamento de informação e conhecimento, a capacidade de memorização homérica deixou de fazer sentido, ficando remetida para o valor recreativo dos contadores de histórias. Do mesmo modo, os livros passarão para outra dimensão do armazenamento da informação quando o conteúdo dos blogues – e da internet como um todo – for encarado como conhecimento e aceite por uma determinada comunidade. Muitas vezes, conforme refere Arjen Mulder, com a introdução de novos **media** de armazenamento de informação e conhecimento os precursores deixam de ser funcionais (Mulder, 2004: 37).

Contrastando com esta posição de Arjen Mulder, que defende a inoperabilidade de um **medium** após a introdução de outro mais recente, encontra-se José Afonso Furtado. Este investigador defende que dois **media** podem existir em simultâneo, ajustando-se de acordo com a sua função. Conforme afirma, citando Henri-Jean Martin:

O aparecimento de uma nova técnica de comunicação quase nunca elimina as que a precederam. Limita-se a impor uma nova repartição de tarefas no sistema global que condiciona as mentalidades nos diversos escalões de uma sociedade (Furtado, 1995: 91).

Ou seja, com a introdução de um novo **medium**, há uma nova repartição de tarefas. Isto pode significar uma maior especialização na função de cada **medium**. Também Luís Filipe Teixeira é claro quanto a isto quando afirma:

Novos desafios foram abertos, nomeadamente, o de saber como situar na longa história do livro, da leitura e das longas relações com a escrita, a revolução anunciada, aliás, já começada, que passa do livro (do objecto escrito), tal como o conhecemos, com os seus cadernos, as suas folhas, as suas páginas, para o texto electrónico e para a leitura em ecrã (...) A distinção, fortemente marcada no livro impresso, entre a escrita e a leitura, entre autor e texto, desaparece para dar lugar a uma outra em que o leitor se torna num dos actores de uma escrita «heteronímica» (=com várias vozes) (Teixeira, 2004: 115-116).

Isto significa que com a alteração de **medium**, os papéis do produtor e do consumidor se aproximam, revelando um ajuste da sua função. Ou seja, a introdução de um novo **medium** faz com que as tarefas e funções sejam repartidas, redistribuídas e mesmo partilhadas.

Também Aristóteles notava que não se devia procurar na tragédia toda a espécie de prazer, apenas aquele que lhe era particular (Aristóteles, 2007: 1453b 10-11). De forma análoga, devemos procurar nos livros o que é dos livros e nos blogues o que é dos blogues. Isto significa que encontrar texto, imagem, áudio e vídeo faz parte do espectro de **media** que esperamos encontrar num blogue. Contudo, num livro apenas podemos esperar encontrar texto e imagem. Consoante o **medium**, variam as expectativas dos **media** que poderemos encontrar.

Encontramo-nos ainda numa fase muito precoce para que possamos fazer uma avaliação dos efeitos que o **medium** blogue e a internet como plataforma têm na redefinição dos papéis que, tanto o blogue como o livro têm ou poderão vir a ter. Ainda assim, Luís Filipe Teixeira coloca a seguinte questão:

É, ou não, possível uma livre e harmoniosa relação com a tecnologia (...) se a cultura técnica contribui (...) para o avanço da cultura humana ou se a conduz para um beco sem saída, senão mesmo, para a sua ruína [?] (Teixeira, 2004: 112-113).

Parece-nos que o que aqui está em causa não é o avanço da cultura humana, uma vez que a evolução tecnológica irá sempre acontecer, quer nós a interpretemos ou valorizemos como benéfica ou prejudicial. De acordo com Marshall McLuhan, qualquer mudança que se opera – a qualquer nível, mas neste caso interessa-nos a mudança de **medium** – traz consigo uma sensação de insegurança (McLuhan, 1988: 8-9), uma vez que aquilo era tido como certo é, de repente, colocado em causa. Contudo, observamos as estas tensões entre blogue e livro como parte da evolução natural dos **media**, tentando, dentro do possível, elaborar uma análise crítica afastada dos juízos de valor.

A nossa perspectiva sobre o blogue e a informação que retiramos da internet não é tão pessimista quanto a de Steven Harnad, que citámos atrás. É certo que a internet, e o blogue como parte dela, influenciam a nossa estrutura cognitiva, podendo reduzir a nossa capacidade de memorização. Mas não é só negativamente que a internet influencia a nossa estrutura cognitiva, pois maior quantidade de informação significa também uma maior necessidade de organização e selecção dessa mesma informação. Aliás, a questão da selecção da informação na internet é uma questão que preocupa os educadores hoje em dia, porque mais do que limitar o acesso à internet devemos educar para uma melhor selecção de conteúdos.

2. A remediação

Remediação é, nas palavras de Arjen Mulder, “a depiction or imitation of one medium in another” (Mulder, 2004: 59). Isto significa que, em certa medida, o blogue

imita e representa o livro. Mas significa também que, em certa medida, o livro imita e representa o blogue. Exemplo disso são os livros *O meu Pipi – Diário*, *O meu Ponto G.*, *Baghdad Burning: Girl Blog from Iraq*, *Baghdad Burning II: More Girl Blog from Iraq*, *Cenas de Gaja*, que resultam da impressão dos respectivos blogues. Esta acção é uma remediação do **medium** blogue por parte do **medium** livro, porque, conforme afirma Arjen Mulder, “every medium remediates other media – preceding ones as successive ones” (id: 59).

Aparentemente, a publicação impressa de um blogue é um indício da consagração literária do produtor de um determinado blogue. Contudo, de facto parecem ser um sintoma de que o mercado livreiro continua a ter poder sobre a produção gratuita e auto-editada, reconhecendo a popularidade de uns conteúdos sobre outros. O blogue de onde retiramos o nosso **corpus** trata de um conteúdo que, desde 2003, é muito popular, a guerra do Iraque. Este conteúdo é popular porque é polémico, porque gera posições discordantes. Antes de ser considerado literatura, a impressão do blogue *Baghdad Burning* foi motivada pela sua popularidade, e só depois foi literariamente valorada.

Outra perspectiva, diferente mas não oposta à de Arjen Mulder, é a de Jay David Bolter e Richard Grusin, que afirmam que a expressão remediação foi adoptada “to express the way in which one medium is seen by our culture as reforming or improving upon another” (Bolter e Grusin 2000: 59). Esta perspectiva dirige o conceito de remediação para o âmbito da reforma e da melhoria, mais do que para o âmbito da imitação ou da representação.

De acordo com estas duas perspectivas o blogue remedeia o livro na medida em que altera a estrutura de produção, distribuição e consumo. Apesar do livro poder conter imagens, o blogue inclui, além do texto e da imagem, o áudio e vídeo, conforme já

notámos. Ou seja, os blogues imitam e representam os livros na diversidade de conteúdos, mas reformam-nos e melhoram-nos na medida em que além da palavra escrita das imagens, do áudio e do vídeo, os seus conteúdos são mais facilmente modificáveis, mesmo depois de terem sido publicados. Apesar disso, o blogue, assim como outros **media** audiovisuais, continuam a ser muito dirigidos para os sentidos da visão e da audição, deixando de parte os outros, criando desequilíbrios entre os sentidos (McLuhan, 1988: 24). Importa referir, no entanto, que a literatura também pode ser tacteada, uma vez que a comunidade invisual tacteia em braille.

O livro remedeia o blogue na medida em que muitas pessoas não têm acesso à internet, logo ficam limitadas no acesso a esse **medium**. Há também alguma dificuldade com a leitura no ecrã, apesar dos esforços que designers e tipógrafos fazem para a tornar mais fácil, como o caso de Matthew Carter que em 1994 desenhou a **font** *Verdana* para a Microsoft, reconhecendo as características do pixel em detrimento do material impresso (Design Museum, 2005). Apesar de muitas vezes ser apontado como defeito do livro, a dificuldade que há em alterar o conteúdo de um livro faz com que a comunidade considere mais credíveis os conteúdos que inscreve – exemplo disso é a relutância académica em aceitar as referências da internet como fontes.

Mas vejamos, através de alguns exemplos retirados do nosso **corpus**, o modo como o blogue remedeia o livro:

But this is how he explained it: his car takes 60 liters [sic] of gasoline. It needs to be refueled [sic] every 2-3 days (Riverbend, 04.01.2006).

Theysay [sic] he didn't die immediately. It is said he lived long enough to talk to police and then he died (Riverbend, 12.02.2006).

They were holding large lights or 'torches' and one of them pointed a Klashnikov [sic] at us (Ridverbend, 11.02.2006).

A possibilidade de, no blogue, emendar os erros “liters”, “refueled” “Theysay” e “Klashnikov” para as formas correctas – “litres”, “refuelled”, “they say” e “kalashnikov”, respectivamente – muito rapidamente contrasta com a dificuldade de emendar o mesmo erro depois de o livro estar impresso. Neste sentido, o blogue *Baghdad Burning* está a remediar o livro. Contudo, parece-nos óbvio que no momento da publicação de um blogue em formato livro, estes erros sejam tidos em conta e corrigidos por um revisor de texto.

Os erros que utilizámos como exemplo são, na sua generalidade, de índole dactilográfica. Contudo há também erros de outra natureza, como a confusão das formas linguísticas do “british english” e do “american english”.

Outra razão que encontramos para a ocorrência destes erros é a rapidez com a produtora escreve: recuperando as ideias de *rapidez* de Italo Calvino (Calvino, 1996: 45) e Giuseppe Granieri (Granieri, 2005: 70), desenvolvidas nos capítulos anteriores, estes erros podem ter origem na imediaticidade que o blogue permite, a par da ausência de um controle editorial. Contudo, notamos que a produtora é criteriosa, utilizando, por exemplo, a forma “neighbor” ao invés de “neighbour” ao longo de todo o nosso **corpus** de análise.

Aquilo que pretendemos mostrar é que no **medium** blogue, não só os conteúdos são mais facilmente alteráveis, mas toda uma temporalidade inerente ao **medium** também o é. Conforme afirma Jay David Bolter:

The electronic author can manipulate her reader's time at one remove – not only through the words on the pages (...) but also by determining the presentation of the electronic pages themselves. The traditional printed novel molds time as a static sculpture molds the space it occupies, creating a complex but unchanging form. The electronic text manipulates time as a piece of kinetic sculpture manipulates space (Bolter, 2001: 175-176).

Estamos, neste momento, a relacionar o conceito de remediação com novos **media**. No entanto, a remediação enquanto acto não é algo que estaria ligado apenas à internet ou aos **media** digitais. Desde sempre os **media** se remediaram uns aos outros, conforme notam Jay David Bolter e Richard Grusin:

Remediation did not begin with the introducing with of digital media. (...) A painting by the seventeenth-century artist Pieter Saenredam, a photography by Edward Weston, and a computer system for virtual reality are different in many important ways, but they are all attempts to achieve immediacy by ignoring or denying the presence of the medium and the act of mediation (Bolter e Grusin, 2000: 11)

Desde sempre os **media** tentaram apagar os traços da sua existência. A pintura tentava a reprodução exacta até à invenção da fotografia (Bazin, 1992: 17-19). Desta perspectiva a fotografia remediou a pintura, mas isso também libertou a pintura para que pudesse explorar outras possibilidades que, por sua vez, levaram pintura a remediar a fotografia. Este movimento de libertação da pintura e de teorização sobre os **media** – não só da pintura e da fotografia, mas também das outras expressões artísticas – levou, como é sabido, ao despontar do modernismo.

3. Texto e imagem

Conforme já referimos, na plataforma na qual o **medium** blogue assenta, a internet, as imagens dominam a escrita (Bolter, 2001: 47). Não dispomos de informação que nos permita estabelecer a mesma relação com o áudio ou o vídeo, embora cada vez mais observemos o vídeo a fazer parte do blogue, chegando a haver blogues unicamente dedicados ao vídeo, como é o caso de *The Utube Blog 2.0*. Contudo, nas relações de poder que se estabelecem entre o texto e a imagem, esta última leva vantagem. Os

blogues *CORPO VISÍVEL*, *E DEUS CRIOU A MULHER* e *PostSecret* são exemplos onde a imagem tem uma maior predominância que o texto. Apesar disto, o nosso **corpus** de análise não utiliza áudio nem vídeo e em apenas três publicações, de um total de vinte e três publicações diferentes, recorre ao uso de imagens (Riverbend, 18.01.2006, 06.03.2006, 05.11.2006), não constituindo, por isso, exemplo desta nossa afirmação, conforme também já referimos no início deste capítulo.

Marshall McLuhan afirma que o ocidente privilegia muito mais a visão do que os outros sentidos (McLuhan 1988, 19). Sabendo isto, faz sentido que a internet, e o blogue como parte dela, estejam a caminhar num sentido mais imagético. As relações entre texto e imagem são cada vez mais íntimas. Conforme afirma Jay David Bolter:

Today, hypertext is usually hypermedia (...) Digital media claim to achieve greater immediacy and authenticity by integrating images (and sound) with prose (Bolter, 2001: 47).

Jay David Bolter, citando E.H. Gombrich, W.J.T. Mitchell e Frederic Jameson, afirma que a imagem está a substituir o texto escrito (Bolter, 2001: 47). Por outro lado, Italo Calvino considera que a imagem é necessária, uma vez que a nossa imaginação está directamente ligada à imagem (Calvino, 1996: 81-82). Italo Calvino afirma ainda que não interessa qual dos dois – imagem ou texto – surge em primeiro lugar, uma vez que um leva ao outro (id: 83). Isto significa que, mesmo que tenhamos apenas uma imagem, haverá sempre um texto que lhe deu origem ou que nela terá origem.

4. A opacidade da mediação

Conforme Jay David Bolter e Richard Grusin notaram, a remediação relaciona-se com a tentativa dos **media** serem mais imediatos, ignorando ou negando a mediação (Bolter e Grusin, 2000: 11). Os blogues, por exemplo, têm tempos de resposta mais rápidos do que a imprensa escrita (Granieri, 2005: 70), logo, são mais imediatos. Arjen Mulder afirma, aproximando-se da perspectiva de Giuseppe Granieri, que “a digital text is more transparent than a printed text (because it is easier to modify and faster to distribute)” (Mulder, 2004: 61). A transparência a que Arjen Mulder se refere está relacionada com a anulação do **medium**: encontra-se lá, mas o seu utilizador não se dá conta da sua existência:

Direct connection to a reality is known as “transparency” (...) Transparent media create the impression of allowing the users to directly get to know the reality being represented. (...) The users look straight through these media to the “real world”, without having to pay attention to the apparatus lying between their perception and what they are perceiving. “Transparency” means the medium itself is worthless, but the message transmitted it is that much more valuable (Mulder, 2004: 60).

Aquilo que Arjen Mulder afirma ser a ligação directa à realidade – a transparência – não é mais do que a ilusão da ligação directa à realidade representada ou a uma qualquer realidade representada. Neste sentido, a transparência funciona como a anulação do **medium**, podendo induzir o consumidor à ideia de que informação que recebe não é mediada. Contudo, a informação que o consumidor recebe é mediada e é apenas uma representação da realidade. E uma representação da realidade não é a realidade, é uma realidade. Vejamos isto através de um exemplo retirado do nosso **corpus**:

Over the duration of three years, and through the use of vicious militias, assassinations and abductions, they’ve [Iraqis who had defected to Iran during the Iran-Iraq] managed to install themselves firmly in the Green Zone. We constantly hear our new puppets rant and rave against Syria, against Saudi Arabia, against Turkey, even against the country they have

to thank for their rise to power- America... But no one dares to talk about the role Iran is planning in the country (Riverbend, 02.05.2006).

Na análise das relações de poder que há no Iraque, a realidade da produtora pode ser apenas mais uma. A análise que a produtora faz é baseada naquilo que lê na internet, naquilo que ouve na rádio ou vê na televisão, naquilo que ouve, cheira, sente. Essa é a sua realidade. No entanto, a mesma situação apreendida por sujeitos diferentes, será diferente, uma vez que é baseada na sua própria experiência e perspectiva.

É impossível apreender a realidade porque o fazemos sempre de forma mediada, mesmo quando através dos nossos sentidos. Por isso, há **media** que são mais ou menos mediatizados, que apresentam uma representação mais ou menos mediada daquilo que poderá ser a realidade. A remediação é, afinal, a complementação de uns **media** noutros.

No canto XV do Purgatório de *A Divina Comédia*, Dante Alighieri afirma o seguinte:

“Quando a minha alma veio fora ao ror
De cousas fora dela verdadeiras,
Reconheci o meu não falso error” (Alighieri, 2006: 435).

Esta afirmação refere-se a visões que Dante Alighieri tinha tido que, embora não tivessem real existência, eram verdadeiras na medida em que Dante Alighieri as tinha experienciado. O mesmo sucede com os **media**: cada **medium** produz uma realidade que o seu consumidor adopta.

Conforme já referimos neste capítulo, Aristóteles afirmava que “não se deve procurar na tragédia toda a espécie de prazer, mas a que lhe é peculiar” (Aristóteles, 2007: 1453b 10-11). A cada **medium** corresponde um tipo de prazer, ou de expectativas

de conteúdos. Os **media** complementam-se proporcionando prazeres diferentes, logo, remediando-se uns aos outros.

Retirámos o seguinte excerto do nosso **corpus**:

All I knew was that a journalist had been abducted and that her Iraqi interpreter had been killed. He was shot in cold blood in Al Adil district earlier this month, when they took Jill Carroll... Theysay [sic] he didn't die immediately. It is said he lived long enough to talk to police and then he died.

I found out very recently that the interpreter killed was a good friend- Alan, of Alan's Melody, and I've spent the last two days crying (Riverbend, 12.01.2006).

Podemos olhar para este excerto do seguinte modo. A produtora escreve sobre aquilo que experienciou, sobre aquilo que os seus sentidos apreenderam. Aquilo que a produtora transfere através da escrita para o seu blogue, e disponibiliza ao consumidor, é já uma mediação daquilo que os seus cinco sentidos apreenderam. Ou seja, o consumidor recebe um produto que já foi mediado contingentemente pelos sentidos da produtora e limitado pelo **medium** blogue.

O que pretendemos mostrar é que, mesmo não havendo uma linha editorial se não aquela que a produtora do blogue decidiu, e mesmo não havendo quem controle e limite os conteúdos publicados, o **medium** blogue, tal como outro **medium** qualquer, não é tão transparente nem imediato quanto pode parecer. Jay David Bolter utiliza o conceito de transparência para colocar a descoberto o modo de funcionamento dos **media** e o modo como se constroem. Conforme afirma:

If authors prescribe links, they deny the reader the choice of making her own associations, so that a printed novel or essay actually gives the reader greater freedom to interact with the ideas presented. This debate turns on the question: which form is better at constituting the real, the authentic, or the natural? Remediation is always an attempt to redefine these key cultural values (Bolter, 2001: 43).

Ao disponibilizarem **links** – e os **links** que temos em mente são os que se encontram no corpo do texto –, os produtores de um blogue estão a disponibilizar as suas fontes, desmontando o processo de construção do produto, que neste caso é um texto. Jay David Bolter relaciona ainda os **links** com relações de poder, sobre o controlo que o produtor tem sobre o processo de disponibilizar **links**:

This facility in making references is true for Web pages (...) as well as for literary hypertexts. Far from abandoning control of the text, the electronic author can, if she chooses, exercise greater control over the process of cross-reference (Bolter, 2001: 175).

Contudo, colocar **links** no corpo do texto, estamos em crer, não retira a possibilidade ao consumidor de fazer as suas próprias associações, muito pelo contrário. O consumidor tem a possibilidade de seguir, ou não, os **links** sugeridos pelo produtor, situação essa que não acontece quando não há **links**. Conforme afirma ainda Giuseppe Granieri:

Um blogue tende quase por definição a «levar para além de si» o leitor, dirigindo-o para outras fontes, para outras vozes. O resultado é que ninguém lê um único blogue, visto que se trata de um simples «elo» numa obra colectiva e hipertextual que tende a configurar-se como um «sistema de conteúdos» (Granieri 2005: 40-41)

Mas vejamos como tudo isto se articula, através do seguinte exemplo retirado do nosso **corpus**:

But, I was shocked to find out [the BOOK “Baghdad Burning” had made the short list for the Samuel Johnson Prize](#)- a prestigious, British award for non-fiction!! I didn’t even know it was on the long list for that award so it came as a huge surprise... I kept telling myself it was some sort of mistake because the other names on the short list are so illustrious but I got confirmation from [the British publisher - Marion Boyars](#) (Riverbend, 02.04.2006).

Nos **links** que sugere, a produtora do blogue revela onde foi buscar a informação sobre a qual está a construir o seu texto. Deste modo, desmonta todo o processo que leva um

produtor a construir o seu texto, tornando-o mais transparente. Contudo, nem todos os textos contêm **links** para as suas fontes, o que, naturalmente, os torna menos transparentes.

Importa lembrar que Marshall McLuhan desenvolve a oposição entre **media** mais transparentes e menos transparentes, relacionando-os directamente com os sentidos a que apelam:

If a new technology extends one or more of our senses outside us into the social world, then new ratios among all other of our senses will occur in that particular culture. (...) And when the sense ratios alter in any culture then what had happened to be lucid before may suddenly be opaque, and what had been vague or opaque will become translucent (McLuhan, 1988: 41).

Por isso, as duas possibilidades de transparência de que falámos, a de Arjen Mulder e a de Jay David Bolter, embora diferentes, não são incompatíveis, na medida em que a primeira se refere ao **medium** em si – o blogue – e a segunda aos conteúdos do **medium** – texto, imagem, áudio, vídeo, etc..

A criação e produção de blogues é de uma grande magnitude, conforme notaram David Sifry (Sifry, 2006) e António Figueiredo (Figueiredo, 2005: 155). Contudo, a não utilização de **links** torna muito difícil, se não impossível, encontrar as relações que se estabelecem, especialmente porque estas se estabelecem entre blogues. Nesse sentido, o texto, imagem, áudio, vídeo – o conteúdo do **medium** blogue – torna-se menos transparente. Podemos até afirmar que o nosso **corpus** é pouco transparente na medida em que apenas contém nove **links** diferentes em cinco publicações diferentes, de um total de vinte e três:

[<http://2006.bloggies.com/>], [<http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/4847424.stm>],

[<http://www.marionboyars.co.uk/Amy%20individual%20book%20info/Baghdad%20Burning.html>],

[<http://www.feministpress.org/Book/index.cfm?GCOI=55861100869560>], publicados em 02.04.2006, consultados em 23.05.2006;

[http://news.yahoo.com/s/ap/20060605/ap_on_re_mi_ea/iraq_060604184328],

[http://news.yahoo.com/s/nm/20060605/ts_nm/iraq_dc_223:_ylt=An_yyn96X_i1DTdg8J7K8WYUewgF:_ylu=X3oDMTA2ZGZwam4yBHNIYwNmYw--], publicados em 06.06.2006, consultados em 14.08.2006;

[http://news.yahoo.com/s/ap/20060711/ap_on_re_mi_ea/iraq_rape_case_19], publicado em 11.07.2006, consultado em 14.08.2006;

[http://news.yahoo.com/s/ap/20060730/ap_on_re_mi_ea/lebanon_israel], publicado em 30.07.2006, consultado em 14.08.2006;

[<http://www.cnn.com/2006/WORLD/meast/12/30/hussein/index.html>] publicado em 31.12.2006, consultado em 09.02.2007.

Esta relação entre blogues, ou outras páginas da internet, através de **links** é conhecida como hipertexto. Contudo, não é exclusiva dos blogues, nem mesmo da plataforma digital, sobretudo se tivermos em conta a relação que se pode estabelecer entre o hipertexto e a intertextualidade literária. Conforme afirma Jay David Bolter:

Sometimes Nelson [Ted Nelson] argued that hypertext was natural or true to our tradition of literacy, as when he claimed to have discovered the fact that “literature” is a system of interconnected writing. By this logic, ironically, hypertext becomes a transparent form that actually captures and reveals the structure of the underlying written record (Bolter, 2001: 42-43).

Ainda a respeito das relações entre **media**, o mesmo investigador afirma:

It is possible to write in a hypertextual style for print. That is, it is possible to use print or handwriting to achieve many of the literary or rhetorical effects of hypertext, just as it is possible to write on the computer without taking advantages of hypertextual linking (id: 40-41).

Apesar do nosso **corpus** ser retirado de um blogue, em apenas cinco ocasiões estabelece **links**, ou seja, é hipertexto, no sentido estrito do termo. Isto mostra-nos que os blogues podem ser hipertextuais ao mesmo tempo que mantêm características muito próximas do livro impresso.

5. Entre o blogue e o livro

Há muitas semelhanças entre o blogue e o livro. Quanto mais um **medium** tentar rejeitar a influência de outro **medium**, mais dele se aproximará, tal como aconteceu com Leo Tolstoy e Sigmund Freud, os quais quanto mais rejeitavam a influência de William Shakespeare mais dele se aproximavam (Bloom, 1994: 2). Neste sentido podemos afirmar que os opostos se atraem, ou pelo menos não são tão distantes quanto pode parecer. Jay David Bolter mostra através da relação entre o hipertexto e o livro impresso como estes permanecem próximos em muitos aspectos.

Hypertext remain linear and booklike at this level: they remediate the printed book as if by tearing out its pages and reordering them before the reader's eyes. The very notion of hypertextual reading and writing begins with the construction of the reader and the writer as we have known them from 500 years of printing. In these ways, hypertext acknowledges its debt to its rival printing forms (Bolter 2001: 43).

Trazer para o universo dos blogues a terminologia leitor, escritor, autor – ainda que a todos eles tenhamos preferido as noções de produtor/consumidor e consumidor/produtor – acaba por ser uma contingência dos novos **media**. Muitas vezes é necessário utilizar expressões referentes aos **media** antigos para teorizar os novos, embora Giuseppe Granieiri não partilhe desta visão, pois para ele os blogues têm um

formato diferente, e não seria possível descrevê-los a partir de modelos já conhecidos, porque não conhecemos outra forma de os nomear (Granieri, 2005: 33-34).

Uma das funções do blogue é também fazer-nos reflectir sobre um dos seus precursores, o livro. Nunca se teorizou tanto sobre o livro como objecto e função. Conforme afirmam Jay David Bolter e Richard Grusin, “all current media function as remediators and that remediation offers us a means of interpreting the work of earlier media as well” (Bolter e Grusin, 2000: 55).

Na perspectiva de Jay David Bolter e Richard Grusin, os **media** não têm capacidade para operar independentemente, pois “no medium, it seems, can now function independently and establish its own separate and purified space of cultural meaning” (Bolter e Grusin, 2000: 55). Parece-nos, no entanto, que conforme já referimos, nunca nenhum **medium** funcionou num espaço separado de outros **media** e sempre houve, ao longo da história, promíscuas relações inter-artes. A significância cultural de todos os **media** foi estabelecida através da relação que mantinham com os **media** precursores e sucessores.

Ao ser impresso, o blogue *Baghdad Burning* não só está a validar o blogue como **medium** literário, mas também demonstra que o livro permanece como **medium** privilegiado de literatura. No entanto, o livro necessita do blogue para que seja validado como **medium** literário de referência, do mesmo modo que o blogue necessita do livro para que tenha significância cultural. Estas relações de tensão são necessárias, conforme já afirmámos, para que o sistema funcione.

O vaticínio da morte do livro, conforme nota José Afonso Furtado citando Fernando De La Flor (Furtado, 2007: 9-10) não faz, para nós, muito sentido. Apesar da excessiva produção secundária do mercado livreiro, ligada “apenas à impressão

mecânica ou reprodução do texto ou da imagem” (Furtado, 2007: 10), o livro continua a ser o **medium** cultural de referência.

Há um caso interessante que vale a pena reter. A *Wikipédia* não é fiável como enciclopédia, na medida em que qualquer pessoa pode introduzir conteúdos. Exemplo disso são os casos da licenciatura do primeiro ministro português José Sócrates e da alteração do nome do Presidente da República português, Aníbal Cavaco Silva. Quer isto dizer que a informação que pode ser facilmente alterada não é fiável. Regressa-se, assim, ao livro como **medium** privilegiado de inscrição de conhecimento, uma vez que se torna mais difícil e dispendioso alterar o conteúdo. Aquela que tem sido a característica mais apontada aos livros como sendo um dos seus maiores defeitos – a rigidez –, face à desconfiança provocada pelos conteúdos publicados na internet, torna-se, por enquanto, no seu seguro de vida. O que nos parece ser irónico é que o computador, e com ele a maleabilidade da plataforma digital (Bolter, 2001: 161), são ferramentas com as quais, hoje em dia, se preparam os livros que são impressos. Conforme afirma Jay David Bolter,

It reinforces the stability and fixity associated with print, the traditional views of the nature of authorship, and finally the economic dominance of major publishers and distributors (id: 162).

Por paradoxal que possa parecer, é a maleabilidade da plataforma digital que permite que o texto impresso seja tão fixo. Porque antes de ser impresso encontra-se numa plataforma que permite todas as alterações possíveis: uma vez atingido o produto ambicionado, pode ser fixado – no sentido literal do termo. Conforme afirma Jay David Bolter, “our culture seems to have accepted and endorsed the transient, casual, and generally unauthoritative nature of Web sites” (id: 165). No entanto, à luz deste contexto, é também necessário que compreendamos que a expressão “authoritative Web

site” de Jay David Bolter (id: 165) é um oxímoro. Observemos o seguinte excerto retirado do nosso **corpus**:

There are no laws that say we have to wear a hijab (yet), but there are the men in head-to-toe black and the turbans, the extremists and fanatics who were liberated by the occupation, and at some point, you tire of the defiance. You no longer want to be seen. I feel like the black or white scarf I fling haphazardly on my head as I walk out the door makes me invisible to a certain degree- it's easier to blend in with the masses shrouded in black (Riverbend, 05.08.2006)

Este excerto mostra-nos a impossibilidade do “authoritative Web site” a que Jay David Bolter se referia (Bolter, 2001: 165). Este excerto faz parte de um testemunho, conforme mostrámos no capítulo inicial, e é condição do testemunho que este seja assombrado pela ficção (Derrida, 2004: 22). No entanto, a possibilidade de ficção não é suficiente para questionar a autoridade de uma página da internet, designadamente um blogue. Caso isso acontecesse, o livro como autoridade teria tanta validade quanto o blogue. Aquilo que faz com que uma página da internet não seja um “authoritative Web site” é a possibilidade e facilidade de alterar o seu conteúdo.

Um dos objectivos da remediação é, conforme afirmam Jay David Bolter e Richard Grusin, “refashion or rehabilitate other media” (Bolter e Grusin, 2000: 56), porque apesar do material impresso permanecer indispensável, já não parece ser (Bolter, 2001: 2).

As relações que se estabelecem entre os **media** são diversas e nem sempre claras. Marshall McLuhan, afirmou “the 'content' of any medium is always the another medium” (McLuhan, 2006: 8). Isto significa que no **medium** blogue podemos encontrar outros **media**, como texto, imagem, áudio e vídeo. Isto também significa que um **medium** não só contém outros **media**, como também significa que reforma e melhora os **media** que contém (Bolter e Grusin, 2000: 59).

Conclusão

O lugar onde este trabalho nos trouxe não é mais do que o início de um manancial de possibilidades de investigação. Quando iniciámos este trabalho o nosso objectivo era mostrar que o blogue podia ser literatura. Embora esse objectivo tenha permanecido inalterável, esta investigação abriu-nos as portas para um mundo mais vasto do que aquele de que tínhamos conhecimento no início.

Para atingir o nosso objectivo era necessário determinar aquilo que é o blogue e aquilo que é a literatura. Nesta altura importa referir que o trabalho que desenvolvemos não teve como objectivo mostrar que todos os blogues são literatura, mas sim que o blogue pode ser literatura. O valor desta metonímia é o mesmo quando afirmamos que um livro pode ser literatura. “Blogue” deve ser entendido como “conteúdo do blogue” e livro deve ser entendido como “conteúdo do livro”. Entendemos “blogue” e “livro” como metonímias porque blogue e livro são apenas **media**.

Todas as definições de blogue que tivemos oportunidade de encontrar – e que explorámos ao longo do primeiro capítulo – apesar de não estarem erradas, também não se encontram correctas. As definições mais generalistas podem ser aplicadas a muitas outras páginas da internet que não são blogues, ao contrário das definições mais detalhadas que acabam por excluir algumas páginas da internet que são blogues. O problema não reside apenas na definição formal de blogue, de modo mais ou menos

detalhado. Considerando que apenas apenas 38% dos utilizadores da internet sabe o que é um blogue (Edelman/Intelliseek, 2005: 6-7), isto significa que não há ainda uma noção familiar ou vulgar de blogue em que nos possamos apoiar para desenvolver trabalhos como o que aqui apresentamos. É no (des)equilíbrio entre a ausência de noção familiar de blogue e a impossibilidade de definição formal de blogue que o problema se configura.

Apesar da definição de um blogue não residir unicamente na sua forma, não a podemos ignorar uma vez que o blogue existe no equilíbrio entre as suas características formais e a função que desempenha. Logo, aquilo que diferencia o blogue de qualquer outra página da internet é a sua função. O blogue ao longo do tempo não tem mantido as mesmas características. Esta mutabilidade faz parte da história do blogue e ajudará a criar uma noção vulgar de blogue – tal como há já uma noção vulgar e familiar de livro – que, com o tempo, se enraizará comunitariamente.

O blogue, tal como qualquer outro **medium**, reflecte o modo como nos relacionamos com o mundo através de relações espaciais. O modo com apreendemos o blogue e os seus conteúdos está relacionado com as metáforas orientacionais com que apreendemos o mundo, cima-baixo, frente-trás, dentro-fora, esquerda-direita, etc. (Lakoff e Johnson, 1980: 14). Contudo, as metáforas orientacionais têm uma base experiencial, ou seja, têm origem na experiência partilhada de uma comunidade (id: 19). Quando observamos, por exemplo, que o conteúdo mais recente do blogue é o mais importante, estamos a invocar uma experiência comunitária, com base física, em que “GOOD is UP; BAD is DOWN” (id: 16).

Também as cores que um blogue apresenta influenciam o modo como este é apreendido. Uma mesma cor pode ter vários significados porque se encontra sempre em relação com o ambiente que a rodeia, ou seja, o que olhamos é sempre uma combinação

de cores (Heller 2007: 18). As afirmações que fizemos no nosso trabalho relativamente às metáforas orientacionais e à influência das cores na leitura de um blogue pretendem ser apenas sugestivas, uma vez que a base experiencial é contingente a cada cultura, não sendo passível de uma generalização.

Partimos da proposta polissistémica – ou sistémica, na expressão abreviada – de Itamar Even-Zohar para constituir um conjunto de relações entre o blogue e outros **media** literários, especificamente o livro. Optámos pela proposta polissistémica uma vez que nos permite incluir objectos que anteriormente eram ignorados ou simplesmente rejeitados (Even-Zohar, 2005: 3-4). À teoria dos polissistemas não interessa determinar aquilo que é literatura ou não, uma vez que não deve haver uma determinação *a priori* sobre o que faz parte ou não do sistema literário. Para a abordagem polissistémica, todas as manifestações culturais são relevantes, e portanto não podemos apenas estudar os segmentos canónicos da cultura. Para que o sistema funcione o cânone tem que estar em constante tensão com o que não é canónico. Ou seja, a periferia e o centro do sistema existem segundo relações de tensão que são necessárias ao funcionamento do próprio sistema.

A relação entre o blogue e o livro enquanto **media** literários é uma relação de tensão entre centro e a periferia, entre o que é canónico e o que não é canónico, estando o livro no centro e o blogue na periferia. A canonicidade do livro e a não-canonicidade do blogue dizem respeito à dinâmica resultante desta relação de tensão, e não a características inerentes aos objectos em causa. O cidadão comum, enquanto produtor e elemento activo na vida cultural comunitária, torna-se mais participativo e interventivo através das novas tecnologias assentes na internet – designadamente o blogue –,

dependendo unicamente de si para criar e manter os conteúdos do **medium** da sua preferência.

Baseado no sistema de Itamar Even-Zohar (Even-Zohar, 1990: 31), propusemos o nosso próprio sistema literário, incluindo já os produtos com origem na plataforma digital, assim como novas configurações do produtor, do consumidor e da influência que estas alterações têm no contexto (Furtado, 1995: 91). Este sistema mostra-nos como o produtor/consumidor e o consumidor/produtor (tendo ao seu alcance alguns **media**) se conseguem fazer ouvir, ler e ver. Através do blogue, o cidadão comum tem um **medium** em que se pode exprimir sem que os poderes instituídos interfiram com o conteúdo, tornando-se num poder alternativo. Sendo a lógica do blogue inversa à tradicional – em que o consumidor paga para consumir –, o consumidor não tem que pagar, ou seja, as regras de mercado são alteradas, muitas vezes levando à impressão de blogues para fazer face à produção gratuita. Isto também tem influência no reportório – isto é, o conhecimento partilhado por uma comunidade, necessário para a produção e consumo –, uma vez que dá origem a dois reportórios: o dos que têm acesso à internet e o dos sujeitos que não têm acesso à internet. Mas também sabemos que esta proposta de sistema literário é transitória, na medida em que futuras alterações nos **media** literários implicarão novas mudanças no sistema.

A história da literatura mostra-nos que o **medium** literário nem sempre foi o mesmo. E de acordo com as contingências do **medium**, a própria natureza da literatura também se foi alterando. Isto significa que aquilo a que se chama e chamou literatura não foi o mesmo ao longo dos séculos, conforme nota Manuel Frias Martins (Martins, 2003: 94).

Apesar de hoje em dia associarmos literatura ao **medium** livro, quando nomeamos algo como literatura não estamos a nomear o **medium**, mas sim o conteúdo.

Automaticamente associamos literatura a livro porque nos passados quinhentos anos, este foi o **medium** privilegiado para a veicular. Contudo, o conceito de literatura não tem limites fixos e definidores, porque quanto mais próximos da periferia estivermos mais dúvidas surgirão. Ou seja, não devemos procurar as características fundamentais exclusivas da literatura, mas sim as circunstâncias adequadas para utilizar a expressão literatura. Nesse momento, uma comunidade estará a usar um certo texto como literatura (Ellis, 1974: 42). Tal como nós mostrámos que uma comunidade está a usar o conteúdo do blogue *Baghdad Burning* como literatura.

Sendo a realidade apreendida com os cinco sentidos, a invenção da imprensa e a proliferação do livro destacaram a visão como sentido privilegiado – embora, anteriormente, a audição fosse o sentido privilegiado para a transmissão de literatura. Isto significa que o **medium** utilizado condiciona o sentido privilegiado, o que também significa dizer que o **medium** define o modo como o vamos apreender (Mulder, 2004: 7). Contudo, isto não se aplica apenas a um dos pólos da comunicação, pois o **medium** condiciona todos os pólos de comunicação. Por exemplo, um produtor que está a produzir para um blogue selecciona, organiza e publica os seus conteúdos de modo diferente do que se fosse para um livro. O consumidor, por seu lado, sabendo que o seu consumo tem origem num **medium**, condiciona as suas expectativas de acordo com esse **medium**. Ou seja, e conforme afirmou Marshall McLuhan, todos os **media** contêm outros **media** (McLuhan, 2006: 8). O livro pode conter texto e imagem, o blogue pode conter texto imagem, áudio e vídeo. Logo um consumidor, ao consumir um blogue, tem expectativas diferentes, esperando um conjunto de **media** que não encontra no livro.

Conforme afirmámos, a remediação pode ser encarada como a representação ou imitação de um **medium** noutra (Mulder, 2004: 59), ou como um **medium** reforma ou

melhora outro **medium** (Bolter e Grusin, 2000: 59). Estas duas perspectivas são complementares, na medida em que ao reformar e melhorar um **medium**, outro **medium** está também a representá-lo. Isto significa que o blogue ao introduzir texto e imagem está a representar o livro, mas ao introduzir áudio e vídeo está a reformá-lo e a melhorá-lo. Neste sentido o blogue está a remediar o livro. Contudo, um **medium** remedeia sempre os **media** precursores e sucessores (Mulder, 2004: 59). Ou seja, o blogue é também remediado pelo livro na medida em que o livro não necessita de uma plataforma como a internet para ser acedido. É necessário que notemos que estas afirmações consideram o livro como precursor literário do blogue, não como precursor medial. O precursor directo do blogue é o fórum de discussão (Querido e Ene, 2003: 14).

O blogue e o livro necessitam assim um do outro, mesmo que isso signifique que estejam em oposição. Essa oposição faz com que o sistema funcione. Um **medium** necessita dos outros **media** para ter significado cultural, uma vez que nenhum **medium** tem capacidade para operar independente e criar o seu espaço puro de significado cultural.

Se há algo mais que gostaríamos ainda de concluir é que este trabalho abre um espectro de possibilidades para o estudo comparatista. Historicamente, o estudo comparatista sempre relacionou objectos das mais diferentes áreas da produção artística: literatura, pintura, fotografia, cinema, etc.. Até agora estas áreas tinham sido relacionadas através de **media** diferentes, em que cada manifestação artística tinha o seu próprio **medium**. Através do blogue e da internet, unem-se todas estas expressões num único **medium**, com todas as possibilidades e limitações inerentes. Abre-se, esperamos

nós, a possibilidade multimedial do blogue ao estudo comparatista. Esta conclusão não é, por isso, um fim, mas um início.

Bibliografia

AARSETH, Espen J.

2005 *Cibertexto Perspectivas sobre a Literatura Ergódica*. Tradução de Maria Leonor Telles e José A. Mourão Lisboa: Pedra de Roseta.

ALIGHIERI, Dante

2006 *A Divina Comédia*. Tradução de Vasco Graça Moura. Lisboa: Bertrand Editora.

ANDERSON, Paul

2007 *What is Web 2.0? Ideas, Technologies and Implications for Education*.

URL: <http://www.jisc.ac.uk/media/documents/techwatch/tsw0701.pdf>,
consultado em 04.04.2007.

ANÓNIMO

2003 *O meu Pipi – Diário*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.

2003 *O meu Pipi – Diário*. URL: <http://omeupipi.blogspot.com/>, consultado em
08.01.2008.

ANSELMO, Artur

1997 *Estudos de História do Livro*. Lisboa: Guimarães Editores.

ARISTÓTELES

2007 *Poética*. Tradução de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

BAPTISTA, Abel Barros

1995 *Autobiografias. Solicitação do livro na ficção de Machado de Assis*, Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

BARTHES, Roland

1967 *The Death of the Author*. Tradução de Richard Howard.

URL: <http://ubuweb.com/aspen/aspen5and6/threeEssays.html#barthes>,
consultado em 04.03.2008.

BAZIN, André

1992 *O que é o cinema?*. Tradução de Ana Moura. Lisboa: Livros Horizonte.

BLOOM, Harold

1994 *The Western Canon. The Books and School of the Ages*. New York: Riverhead Books.

BOLTER, Jay David

2001 *Writing Space Computers, Hypertext, and the Remediation of Print*. London, Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.

BOLTER, Jay David e Richard Grusin

2000 *Remediation Understanding New Media*. Cambridge, London: MIT Press.

BOSELEY, Sarah

2006 “655,000 Iraqis killed since invasion”, in *The Guardian Online*, 11 October 2006. URL: <http://www.guardian.co.uk/world/2006/oct/11/iraq.iraq>,
consultado em 23.03.2008.

BURNS, Elizabeth e Tom Burns (orgs.)

1973 *Sociology of Literature & Drama: Selected Readings*. Harmondsworth: Penguin.

CALVINO, Italo

1996 *Six Memos for the Next Millennium*. London: Vintage Classics.

CONRADO, Maria Fernanda

1996 *Ekphrasis e Bildgedicht, Processos Ekphrásticos nas Metamorfoses de Jorge de Sena*, Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

CORPO VISÍVEL

2008 *CORPO VISÍVEL*. URL: <http://corpovisivel.blogspot.com/>, consultado em 18.03.2008.

DERRIDA, Jacques

2004 *Morada Maurice Blanchot*, Tradução de Silvina Rodrigues Lopes. Lisboa: Vendaval Edições.

EDELMAN/INTELLISEEK

2005 Trust “*MEdia*”. *How real People Are Finally Being Heard*.
URL: http://www.edelman.com/image/insights/content/ISwp_TrustMEdia_FIN_AL.pdf, consultado em 18.07.2007.

ELLIS, John M.

1974 *The Theory of Literary Criticism. A Logical Analysis*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

ESQUIVEL, Laura

2004 *A Lei do Amor*. Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Porto: Asa Editores.

EVEN-ZOHAR, Itamar

1990 “The Literary System”, in *Poetics Today* 11:1. Pp. 27-44.

2005 *Polysystem Theory (Revised)*.

URL: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/ps-revised.pdf>, consultado em 05.02.2007.

FELINA

2006 *O meu Ponto G.*. Vila Nova de Famalicão: Editorial Magnólia.

2008 *O meu Ponto G.*. URL: <http://omeupontog.blogspot.com/>, consultado em 08.01.2008.

FIGUEIREDO, António Dias de

- 2005 “A Língua Portuguesa e o Desafio das Novas Tecnologias: Iliteracias e Contextos” in *A Língua Portuguesa: Presente e Futuro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Pp. 141-160.

FLAUBERT, Gustave

- 2004 *Sentimental Education*. Tradução de Robert Baldick. London: Penguin.

FURTADO, José Afonso

- 1995 *O que é o livro*. Lisboa: Difusão Cultural.

- 2007 *O Papel e o Pixel. Do Impresso ao Digital: Continuidades e Transformações*. Lisboa: Ariadne.

GRANIERI, Giuseppe

- 2005 *Geração Blogue*. Tradução de Maria das Mercês Peixoto. Lisboa: Editorial Presença.

GROSSMAN, Lev

- 2006 “Time’s Person of the Year: You”, in *Time Online*, 13 December 2006.
URL: <http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1569514,00.html>,
consultado em 21.12.2006.

HARNAD, Steven

- 2007 *Back to the Oral Tradition through Skywriting at the Speed of Thought*. Montreal: Université du Quebec.
URL: <http://www.interdisciplines.org/defispublicationweb/papers/6>,
consultado em 30.03.2007.

HELLER, Eva

- 2007 *A Psicologia das cores. Como actuam as cores sobre os sentimentos e a razão*. Tradução de Sandra Margarida Moura da Cruz. Amadora, Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

HERRING, Susan C. et al

2005 *Conversations in the Blogosphere: An Analysis "From the Bottom Up"*.
Bloomington: Indiana University.

LAKOFF, George e Mark Johnson

1980 *Metaphors We Live By*. Chicago, London: The University of Chicago Press.

LAVOS, Sérgio e Susana Viegas

2008 *Auto-retrato*. URL: <http://www.retrato-auto.blogspot.com/>, consultado em 25.03.2008.

LEVIN, Harry

1973 "Literature as an Institution", in Elizabeth Burns e Tom Burns (orgs.).
Harmondsworth: Penguin. Pp. 56-70.

LOPES, Nuno Seabra

2007 *EXTRATEXTO – blog de edição de livros*.
URL: <http://extratexto.weblog.com.pt/>, consultado em 29.11.2007.

MARTINS, Manuel Frias

2003 *Em Teoria (A Literatura)/In Theory (Literature)*. Porto: Ambar.

MARUJO, Miguel

2008 *E DEUS CRIOU A MULHER*. URL: <http://edeuscriouamulher.blogs.sapo.pt/>,
consultado em 13.12.2007.

MAUGHAM, W. Somerset

1963 *The Razor's Edge*. Harmondsworth: Penguin.

MCLUHAN, Marshall

1988 *The Gutenberg Galaxy*. Buffalo, London, Toronto: University of Toronto
Press.

2006 *Understanding Media The Extensions of Man*. Abingdon, New York: Routledge.

MILNER, Andrew

1996 *Literature, Culture & Society*. Melbourne: Monash University Melbourne.

MULDER, Arjen

2004 *Understanding Media Theory Language, Image, Sound, Behaviour*. Rotterdam: V2 Publishing.

NIETZSCHE, Friedrich

1998 *Beyond Good and Evil*. Tradução de Marion Faber. New York, Oxford: Oxford University Press.

O'REILLY, Tim

2005 *What is Web 2.0? Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*. URL: <http://www.oreillynet.com/lpt/a/6228>, consultado em 04.04.2007.

OKAKURA, Kakuzo

1998 *O Livro do Chá*. Tradução de Fernanda Mira Barros. Lisboa: Edições Cotovia.

PAX, Salam

2007 *Where is Raed?*. URL: http://dear_raed.blogspot.com/, consultado em 26.11.2007.

PIMPINELA

2007 *Kitschnet*. URL: <http://ki-tsch-net.blogspot.com/>, consultado em 29.11.2007.

PLATÃO

2000 *Fedro ou Da Beleza*. Tradução de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores.

2001 *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

POSTSECRET

2008 *PostSecret*. URL: <http://postsecret.blogspot.com/>, consultado em 18.03.2008.

QUERIDO, Paulo

2007 *Mas certamente que sim!*. URL: <http://pauloquerido.net/>, consultado em 29.11.2007.

QUERIDO, Paulo e Luís Ene

2003 *Blogs*. Lisboa: Centro Atlântico.

RIVERBEND

2003 *Is Something Burning?*. URL: <http://iraqrecipes.blogspot.com/>, consultado em 24.04.2008.

2005 *Baghdad Burning: Girl Blog from Iraq*. New York: The Feminist Press at the City Unuversity of New York.

2006 *Baghdad Burning II: More Girl Blog from Iraq*. New York: The Feminist Press at the City Unuversity of New York.

2006 *Baghdad Burning*. URL: <http://riverbendblog.blogspot.com/>, consultado em 24.04.2008.

SIFRY, David

2006 *Sifry's Alerts: State of the Blogosphere, October, 2006*.
URL: <http://www.sifry.com/alerts/archives/000443.html>, consultado em 15.03.2007.

SISSI

2006 *Cenas de Gaja*. Parede: Prime Books.

2008 *Cenas de Gaja*. URL: <http://cenasdegaja.blogs.sapo.pt/>, consultado em 08.01.2008.

SMIERS, Joost

2005 *Arts Under Pressure Promoting Cultural Diversity in the Age of Globalization*. London, New York: Zed Books.

SMITH, Barbara Herrnstein

1988 *Contingencies of Value. Alternative Perspectives for Critical Theory*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press.

TEIXEIRA, Luís Filipe B.

2004 *Hermes ou a Experiência da Mediação*. Lisboa: Pedra de Roseta.

Sítios da Internet

...turningtables... (2008).

URL: <http://turningtables.blogspot.com/>, consultado em 24.04.2008.

:: The Independent Voice of Iraq :: IRAQ TODAY :: in “Internet Archive: Wayback Machine” (2008).

URL: <http://web.archive.org/web/20061107160608/http://www.iraq-today.com/>, consultado em 24.04.2008.

Al Jazeera English – Front Page (2008).

URL: <http://english.aljazeera.net/NR/exeres/55ABE840-AC30-41D2-BDC9-06BBE2A36665.htm>, consultado em 24.04.2008.

Back to Iraq (2008).

URL: <http://www.back-to-iraq.com/>, consultado em 24.04.2008.

BBC – BBC Four – The Samuel Johnson Prize 2006 – Longlist (2006)

URL: <http://www.bbc.co.uk/bbcfour/books/features/samueljohnson/longlist.shtml>, consultado em 23.03.2008.

BBC | Homepage (2008).

URL: <http://www.bbc.co.uk/>, consultado em 24.04.2008.

BBC | News Entertainment | Blogger up for non-fiction award (2006).

URL: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/4847424.stm>, consultado em 18.03.2008.

Dilbert.com – The Official Dilbert Website with Scott Adam's color strips, Dilbert animations, mashups and more! (2008).

URL: <http://www.dilbert.com/>, consultado em 24.04.2008.

Eighth Annual Weblog Awards: The 2008 Bloggies (2008).

URL: <http://2008.bloggies.com/>, consultado em 27.03.2008.

Fairvue Central >> Bloggies >> Sixth Annual Weblog Awards (2006).

URL: <http://2006.bloggies.com/>, consultado em 27.03.2008.

Guerilla News Network (2008).

URL: <http://www.guerrillanews.com/>, consultado em 24.04.2008.

Home | AlterNet (2008).

URL: <http://www.alternet.org/>, consultado em 24.04.2008.

Home | The Onion – America's Finest News Source (2008).

URL: <http://www.theonion.com/content/index>, consultado em 24.04.2008.

IACenter.org (2008).

URL: <http://www.iacenter.org/>, consultado em 24.04.2008.

Informed Comment (2008).

URL: <http://www.juancole.com/>, consultado em 24.04.2008.

Internet Archive: Wayback Machine (2008).

URL: <http://www.archive.org/web/web.php>, consultado em 24.04.2008.

Iraq Body Count (2008).

URL: <http://www.iraqbodycount.org/>, consultado em 24.04.2008.

Lettre Ulysses Award | Winners 2005 (2005).

URL: <http://www.lettre-ulysses-award.org/authors05/winners2005.html>,
consultado em 23.03.2008.

Marion Boyars Publishers, Baghdad Burning (2006).

URL: <http://www.marionboyars.co.uk/Amy%20individual%20book%20info/Baghdad%20Burning.html>, consultado em 18.03.2008.

Matthew Carter/Designing Modern Britain – Design Museum Exhibition: Typography Designer (2005).

URL: <http://www.designmuseum.org/design/matthew-carter>, consultado em 23.03.2006.

MediaChannel.org (2008).

URL: <http://www.mediachannel.org/>, consultado em 24.04.2008.

occupationwatch.org (2008).

URL: <http://www.occupationwatch.org/>, consultado em 24.04.2008.

Raed in the Middle (2008).

URL: <http://raedinthemiddle.blogspot.com/>, consultado em 24.04.2008.

Slashdot: News for nerds, stuff that matters (2008).

URL: <http://slashdot.org/>, consultado em 24.04.2008.

The Lancet (2008)

URL: <http://www.thelancet.com/>, consultado em 23.03.2008.

The New York Times – Breaking News, World News & Multimedia (2008).

URL: <http://www.nytimes.com/>, consultado em 24.04.2008.

The Smashing Pumpkins (2007). URL: <http://www.smashingpumpkins.com/>, consultado em 09.12.2007.

The Smashing Pumpkins Blog (2007). URL:

<http://www.smashingpumpkins.com/blog>, consultado em 09.12.2007.

The Utube Blog 2.0 (2008).

URL: <http://theutubeblog.typepad.com/>, consultado em 08.04.2008.

Today in Iraq (2007).

URL: <http://dailywarnews.blogspot.com/>, consultado em 24.04.2008.

Welcome to Chalghi @ Iraqimusic.com (2008).

URL: <http://iraqimusic.com/>, consultado em 24.04.2008.